O CONDE

DE

CASTEL MELHOR

NO EXILIO

ENSAIO BIOGRAPHICO

POR

FERNANDO PALHA

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA

> ... l'histoire n'est que l'histoire du cœur; nous avons à chercher les sentiments des générations passées, et nous n'avons à chercher rien autre chose.
>
> TAINE (*Carlyle*).

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1883

Ao seu am.º o Conde de Cast[illegible]
off.
O Autor

O CONDE
DE
CASTEL MELHOR
NO EXILIO

ENSAIO BIOGRAPHICO

POR

FERNANDO PALHA

SOCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA

> ... l'histoire n'est que l'histoire du cœur; nous avons à chercher les sentiments des générations passées, et nous n'avons à chercher rien autre chose.
>
> TAINE *(Carlyle)*.

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1883

I

Portugal, pequeno como é e sempre foi, conta, guardadas as proporções, mais homens de vulto do que paiz algum do mundo. Qual das nações da Europa viu no mesmo seculo homens do valor de Vasco da Gama, de Affonso de Albuquerque, de Duarte Pacheco, de D. João de Castro, de D. Pedro de Mascarenhas, de Nuno da Cunha, historiados pelas pennas sobrias, castigadas e elegantes de um Barros, de um Couto ou de um Damião de Goes e cantados por um Camões? Nunca houve heroes tão felizes.

Homero, se Homero existiu, foi buscar os seus personagens a remotissimas tradições populares; Virgilio inventou-os; o Tasso procurou-os n'uma historia que não era a da sua patria; Milton e Klopstock, não vendo homens em torno de si, cantaram Deus, anjos e demonios. Só Camões, se não era da geração dos seus, era da dos filhos; alguns ainda os conheceu, de outros ainda viu os recentes vestigios das gloriosas acções.

Não foi um seculo só que viu filhos illustres ás mães portuguezas; em todos os houve, nas letras, nas armas, nos conselhos da corôa.

Ministros, tivemol-os distinctissimos junto ao throno, e se, apesar d'isso, apesar do incontestavel merecimento de muitos dos soberanos, a nossa politica andou sempre ou quasi sempre em caminhos errados, para mim tenho que foi por defeitos de raça, defeitos que, assim como as qua-

lidades, tiveram em excesso os mais eminentes dos nossos maiores.

N'este povo portuguez de origem celtica, cruzado com romano, absorvido a primeira vez por elementos germanicos, de novo por uma raça semitica, como era a dos mouros que o conquistou, mesclado em todos os tempos com sangue judeu, predominaram estes dois elementos, ultimos em data. Creio que dos orientaes nos veiu a febre de longinquas aventuras, que não era talvez mais do que saudade da terra de nossos avós, o desprezo dos direitos individuaes, a incuria pelas cousas de ao pé da porta, pelas commodidades de todos os dias, sacrificadas ao esplendor de uma hora, o servilismo, a indolencia, e, ao mesmo tempo, a imaginação viva, que nos fez grandes poetas e maus mathematicos, as aspirações grandiosas, que nos deram animo para grandes commettimentos.

Em tudo se manifestou e continúa a manifestar esta tendencia da nossa raça, que faz com que a imaginação domine sempre a rasão. Os fidalgos quando queriam edificar seus palacios sonhavam planos que não podiam executar, e o resultado vemol-o ahi n'essa cidade de Lisboa, em que aos velhos solares dos nossos maiores ora falta a aza direita ora a aza esquerda; completos só dois ou tres; os proprietarios juntavam leguas de florestas a leguas de campinas, para não cultivar nem umas nem outras, não sabendo, ou não querendo saber, que a centesima parte do mesmo espaço, intelligentemente amanhado, lhes daria o dobro dos proventos.

Só a população do norte do paiz faz excepção a esta regra, e estou bem convencido que a rasão é porque escapou mais depressa ás influencias que tanto tempo dominaram no sul. Só no norte se attende em primeiro logar a interesses pequenos, mas vitaes, só lá se tem o verdadeiro conhecimento do que valem liberdades locaes. A prova d'isto está em que o unico municipio que existe e existiu em Portugal, que mereça este nome, é o do Porto. Unica cidade em que uma população conhecedora dos seus direi-

tos e da sua força tem em todos os tempos sido zelosa dos seus fóros, defendendo-os dos reis, dos bispos que se queriam tornar senhores, prohibindo por muito tempo a assistencia dentro de seus muros a todo aquelle que pela sua jerarchia podesse adquirir dominio sobre seus concidadãos.

Estes defeitos e estas qualidades, apanagio de pequenos como de grandes, fizeram com que os homens que por sua valia têem estado á testa dos nossos destinos, nos levassem quasi sempre para uma politica funesta. Que a imaginação, que as aspirações grandiosas dos governantes possam engrandecer e illustrar um grande paiz não o contesto, o que sustento é que as mesmas qualidades, continuadas sobretudo gerações após gerações, só podem empobrecer e desgraçar uma pequena nação. O typo de um grande homem para um pequeno povo não é Affonso de Albuquerque, é Jacques d'Artevelt; não é o que vae fundar em longinquas terras um imperio grandioso e em desproporção com os recursos da mãe patria, é o que, á custa da propria vida, defende as liberdades locaes do seu paiz, á sombra das quaes se possa desenvolver, enriquecer e ter importancia, como sempre tiveram as Flandres e como nós podiamos ter. Explico assim a desharmonia que encontro entre o valor incontestavel dos vultos da nossa historia e os resultados por elles obtidos para a prosperidade da patria. Os actores eram colossaes, o theatro era acanhado.

Quando na historia de um povo se encontram similhantes desharmonias, o historiador consciencioso tem de abstrahir do valor individual dos homens, e apreciar tão sómente a influencia dos seus actos nos destinos dos seus concidadãos, ainda que tenha de ser severo para com os validos da fama; fica o campo livre ao biographo para exaltar a personalidade que escolheu, porque esse póde desprezar as consequencias dos actos do seu heroe, e attender unicamente ao seu valor absoluto. Por isso é que na nossa historia, em que abundam os vultos grandiosos e sympathicos, é facil ser biographo, difficil ser historiador.

Fechando o longo parenthesis, continúo no ponto em que o abri. Houve em Portugal muito estadista illustre, houve um João das Regras, um cardeal de Alpedrinha, um conde da Castanheira; mas igual, superior talvez, ao conde de Castel Melhor, só o marquez de Pombal.

Ha na historia de ambos e na de D. Jorge da Costa, um dos mais illustres depois d'elles, pontos de contacto. Todos serviram o soberano com lealdade e talento em circumstancias difficeis; odiados pelo immediato successor, a quem aproveitavam seus serviços, tiveram todos de pagar com o desterro a grandeza a que chegaram. O cardeal fugiu a unhas de cavallo das iras de D. João II; o conde teve de passar longe da patria os melhores annos da sua vida; o marquez precisou fazer esquecer, escondendo-se em obscura aldeia, que fizera conhecer a Portugal uns annos de prosperidade que sem elle seriam talvez de desgraça e miseria.

É curiosa a coincidencia e notavel a analogia que ha entre os destinos dos tres homens que, como conselheiros do rei, maior nome deixaram na historia portugueza.

O conde de Castel Melhor não era como D. Jorge da Costa ou como o marquez de Pombal de uma estirpe obscura. Seu pae o conde João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, tendo embarcado na esquadra, que o conde da Torre levou ao Brazil para retomar Pernambuco aos hollandezes, foi levado pelo temporal que acabou de destroçar a armada luso-hespanhola para Carthagena, cidade da Nova Granada, emporio então do commercio da prata que do Potosi ali vinha periodicamente embarcar para Hespanha. Ali o surprehendeu a noticia do que se passára em Lisboa no 1.º de dezembro de 1640.

Não hesitou; de longe adheriu á generosa resolução da fidalguia portugueza, e logo procurou empreza em que podesse servir o novo rei. De accordo com Pedro Jacques de Magalhães, que depois foi o primeiro visconde de Fonte Arcada, planeou apoderar-se de uma esquadra de galeões que estava no porto, carregada de prata, de verga de alto

e com destino a Castella, e trazel-a de presente ao duque de Bragança para as urgencias da guerra. A audacia do plano garantia-lhe um feliz successo se um traidor, por nome Antonio de Azevedo, não viesse pôr de sobreaviso as auctoridades hespanholas.

> Bem deste, infame, sinaes
> do mais perverso e malvado
> que ouve em todos os mortaes
> ah quem te vira abrazado
> vivo, e mais se ouvera mais.
>
> Quem te vira em fogo arder
> hũa vida bem comprida,
> sem ninguem te soccorrer,
> mas no inferno ha de ser
> quando acabes nesta vida.
>
> Ah Judas, cego e perdido,
> que para sempre has de estar
> gemẽdo em chamas metido
> e não te ha de aproveitar
> mostrares-te arrependido.

Assim castigou Francisco Lopes, o poeta popular do tempo [1], a perfidia de Antonio de Azevedo.

O conde e Pedro Jacques foram presos. Mettidos a tormentos nada confessaram; apesar d'isso foi Castel Melhor condemnado á morte, e Pedro Jacques a desterro por dez annos. Passava-se isto em agosto de 1641.

Appellou o conde da sentença, e, emquanto de Madrid não voltava a confirmação d'ella ou a sua revogação, ver-se-ía no castello de Santa Cruz desamparado de tudo e em termos de morrer á mingua, se um frade de S. Bento, fr. Ambrosio do Espirito Santo, seu confessor, que da Bahia o acompanhou, não supprisse com suas missas e com

(1) Francisco Lopes, livreiro — *Milagroso successo do conde de Castel Melhor*; Lisboa, por Manuel da Silva, 1643.

as esmolas que podia angariar, as muitas necessidades do preso.

Antonio de Abreu e Domingos da Silva, alferes portuguezes, que para Hespanha tinham ido na armada castelhana, homens praticos em cousas do mar, mal desembarcaram em Cadiz apressaram-se em partir para Lisboa a relatar o acontecimento a D. João IV.

O rei poz immediatamente á disposição de ambos um navio em que fossem tentar o livramento do conde.

A 27 de junho lançava ferro Antonio de Abreu á vista de Carthagena, e a 16 de julho conseguia o conde, com o auxilio de fr. Ambrosio, de um hespanhol chamado Antonio Rodrigues e de dois portuguezes, Antonio Ferreira e Barnabé Caldeira, todos soldados da guarnição, descer da fortaleza por uma corda, apesar de ter a mão esquerda maltratada da tortura, e embarcar n'uma fragata hollandeza, que, depois de ter atacado o navio portuguez, se lhe tinha associado.

A 31 de outubro via o conde as aguas do Tejo.

D. João IV acolheu como devia o portuguez leal que, por ser fiel á patria, era preso na America no mesmo dia em que outros portuguezes pagavam, em Lisboa, com a cabeça a intentada traição.

O poeta popular termina a sua relação dizendo:

Deu volta como huma seta
a ver a consorte amada
hia a fama alvoroçada
tangendo a sua trombeta
fóra do coche assentada.

A litteratura popular da epocha, tão desenvolvida, exaltou o feito em prosa e verso. A par do folheto de Francisco Lopes ha outro em prosa, escripto por fr. Jorge de Carvalho (1), de onde extrahi os promenores do caso.

(1) *Relação verdadeira dos successos do conde de Castello-melhor, preso em Carthagena de Indias*, Lisboa, por Domingos Lopes Rosa, 1642, in-4.°

Os tempos da restauração foram os primeiros em Portugal em que os governantes conheceram a necessidade de ter comsigo a opinião publica. Os chefes do movimento sentiam em torno de si os medos e desconfianças dos que não podiam acreditar que Portugal fosse adversario capaz de arrostar com as iras de Castella. Para dissipar estes receios não se poupavam em fazer chegar ao conhecimento de todos a noticia de qualquer acontecimento que podesse contribuir directa ou indirectamente para o triumpho tão desejado da nacionalidade.

O jornal não existia, suppriu-o o folheto. Relações de victorias, recepções de embaixadores, episodios da revolta da Catalunha e da guerra de Castella com a França, noticias do que se passava nas terras do reino ou das conquistas quando lá chegava a noticia da acclamação de D. João IV, quotidianamente appareciam em Lisboa, impressas em mau papel, em formato de 4.º, por Paulo e Pedro Craesbeeck, por Domingos Lopes Rosa, por Antonio Alvares, por Lourenço de Anvers, por Jorge Rodrigues, os impressores de mais nomeada então, e que não pouparam seus prélos para acompanhar o movimento. Os homens mais graduados não duvidaram contribuir para este furor de publicidade, pois, a par de muitos anonymos ou firmados com nomes completamente desconhecidos até então, encontrâmos folhetos de Antonio Paes Viegas, de Antonio de Sousa de Macedo, de João Pinto Ribeiro, de fr. Francisco Brandão, etc., e, a darmos credito á tradição, alguns houve, dos anonymos, escriptos pelo proprio D. João IV. N'esses annos começou a apparecer a *Gazeta,* que não era mais do que um folheto como os outros, mas que, pelo nome, logra ser considerado o patriarcha dos jornaes portuguezes.

Voltemos aos condes de Castel Melhor. O conde Luiz de Vasconcellos e Sousa herdou do pae o desejo de illustrar o nome em acções de fama e a sêde ardente de governar, fossem quaes fossem os meios empregados para o obter.

Hoje o homem que sente em si ambição de poder, e que julga ter as qualidades necessarias para o exercer, apanagio de poucos, tem diante de si mil estradas, que, com mais ou menos rodeios, lá conduzem. Todas lhe estão patentes. Póde seduzir os virtuosos com virtudes, os viciosos com vicios; se é trabalhador, junta-se aos que trabalham; se indolente, lisonjeia os ociosos; quer fazer caminho pelo throno, inculca-se como o prego que ha de parar a roda do progresso; prefere a causa popular, põe loja de idéas novas; todos lhe podem servir de instrumento, e mui desprotegido deve ser da fortuna se, mais cedo ou mais tarde, não tiver na mão, uma hora ao menos, a maromba do governo.

Nos tempos do absolutismo o caminho era um só, nem por isso mais facil. O rei era tudo, ao rei cumpria seduzir. Se o soberano era illustrado, talentoso, energico, não se demittia do poder, e só se podia obter um logar nos seus conselhos, uma collaboração nos seus actos. Só com ineptos se podia conquistar um incontestado predominio, só com Luiz XIII se podia ser Richelieu, com Filippe IV Olivares, com Affonso VI Castel Melhor.

Que tormento para o homem de talento, de energia e de virtude! amoldar-se aos caprichos de um idiota, de um fraco ou de um vicioso. Os escrupulosos abstinham-se, os que o não eram sujeitavam-se ás circumstancias. Ninguem o fez tanto como o conde de Castel Melhor.

D. Affonso era uma creança mal creada, imbecil, torpe; quem o quizesse dominar havia de sujeitar-se a supportar suas grosserias, acatar a sua inepcia, proteger a sua torpeza. A mãe quiz ir de encontro a taes instinctos e caíu; o conde, mais malleavel, a tudo se amoldou, e conquistou o poder. E dos mesmos meios se serviu para o conservar, pois ainda que o sr. Pinheiro Chagas (1) pareça querer affirmar que elle delegou completamente em Henrique Henriques de Miranda o pesado encargo de alimentar os vicios

(1) *Historia de Portugal*, vol. VI, pag. 227.

abjectos do soberano, os depoimentos das testemunhas 5.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 15.ª, 16.ª e 19.ª, que figuraram na causa de nullidade, provam de sobejo que o conde nem sempre, por si ou por seus creados, deixava a outros este cuidado.

Actos d'estes não se desculpam, pois a moral é só uma; mas quando na historia se encontra tal desharmonia entre o caracter de um homem e o seu proceder, entre a integridade com que exerceu o poder e os meios que empregou para o conseguir e conservar, cumpre procurar no meio em que viveu as causas que podiam ter actuado nas suas acções.

O conde de Castel Melhor subiu ao poder em 1662; havia mais de um seculo que D. João III tinha confiado á Companhia de Jesus a educação da mocidade portugueza, e os Gurys de então valiam os de hoje: reinava incontestada a moral jesuitica, e sabemos que um dos seus axiomas predilectos é que «os fins justificam os meios».

Nós não podemos, felizmente, saber hoje por experiencia o que é a influencia malefica de uma educação eivada de principios falsos e de moral corrupta; nossos netos talvez o venham a saber, se a indifferença criminosa dos governos continuar a consentir que os jesuitas, hontem ainda caminhando nas trevas e ás occultas, hoje já á luz do dia e annunciando *urbi et orbi* o restabelecimento da provincia de Portugal, se vão alastrando como nodoa gordurenta na educação dos nossos filhos, nas praticas religiosas de nossas mulheres. É já aos milhares que se contam seus discipulos, em breve será aos milhões que contaremos seus adeptos. *Caveant consules*. Basta a insistencia com que elles teimam em viver nos paizes de onde as leis os expulsam para tornar suspeitos seus intentos. Se as leis são más revogam-se, mas, emquanto isso se não faz, cumpre aos governos fazer com que todos as respeitem, porque o desprezo das leis más ensina a não cumprir as boas.

A creança que começa a conhecer o mundo e que sabe que no seu paiz houve um marquez de Pombal, que teve

força para desterrar como perigosa a ordem a que seus paes confiaram a sua educação, que sabe que ainda não houve lei que acabasse este exilio, pois 1834 com a liberdade trouxe tambem a extincção das ordens religiosas, como póde acreditar e aprender que se deve respeito ás leis?

E que fazem elles aqui? Já não ha chinezes, indios ou pretos a quem se ensine a moral do Evangelho? Para que inutilisam n'um paiz catholico uma divisão da sua milicia, que podia ir imitar em terra de infieis os exemplos de um Francisco Xavier ou de um Anchieta?

Preferem vir lançar a cizania n'uma congregação homogenea até então, mas que, mal elles chegam, se divide em dois campos, formado um dos que se dizem eleitos do Senhor, receptaculos da sua graça, e que, com caridade bem pouco christã, apontam com o dedo os que já chamaram irmãos, juntando-lhe o labéu de herejes.

O conde de Castel Melhor foi de certo discipulo d'estes homens, como o eram quasi todos os da sua geração. Não lhes conservou amor, pois teve-os sempre no campo dos seus adversarios, mas não pôde esquecer as maximas que lhes tinha ouvido.

Comtudo, se alguma vez os fins justificaram os meios, foi n'este caso. O conde mostrou em cinco annos de poder que era digno de o exercer.

A necessidade de momento, o negocio a que era forçoso attender com urgencia era a guerra com Hespanha. Não podiamos continuar a viver em permanente sobresalto, não sabendo nunca se ficariamos cidadãos de um paiz livre, ou se teriamos de levar as cabeças ao cadafalso como rebeldes. A guerra eternisava-se; vantagens decisivas não as havia quer para um quer para outro lado, mas as nossas circumstancias eram bem inferiores ás da nossa adversaria; tinhamos perdido umas poucas de praças; custava-nos a obter soldados para acudir á fronteira, e começavam a manifestar-se symptomas de desanimo, taes como a traição do duque de Aveiro e de D. Fernando Telles de Faro; acresce

a isto que, quando o conde começou a governar, a Hespanha, em paz com as demais potencias, tinha encaminhado poderoso exercito para a fronteira portugueza, com a fortuna de D. João de Austria a commandal-o, e parecia resolvida a empregar os meios necessarios para acabar victoriosamente a guerra.

O conde não se acobardou; creou recursos, dobrou o effectivo das tropas, poz no commando d'ellas os mais dignos, fez mais, conciliou-os entre si, e, olhando para mais longe, começou em França a especular com o desejo evidente, que lá havia, de ver fraca a Hespanha. Menos de um anno depois a batalha do Ameixial vinha recompensal-o d'estes esforços.

Não adormeceu sobre os louros. Continuou na mesma politica, e em 1665, passados dois annos, Montes Claros punha de facto termo á guerra.

Começou então a negociar, não como vencido, mas como vencedor, e como, apesar da intervenção ingleza, a Hespanha não se resignasse a acceitar as consequencias das suas derrotas, e recusasse assignar a paz com as condições que elle lhe queria impor, lançou-se nos braços da França, e a 31 de março de 1667 firmava a liga offensiva e defensiva com aquella potencia, coroando assim o edificio da sua politica. Se tivesse continuado no governo teria de certo, por meio d'esta alliança, obtido uma paz gloriosa em vez de se contentar com o tratado apenas honroso que os seus successores assignaram.

A Europa viu isto tudo e applaudiu. De toda a parte lhe chegavam provas de que os elogios e louvores que em Lisboa lhe dispensavam os representantes dos soberanos achavam echo nas côrtes d'esses mesmos soberanos, onde era admirada a energia com que governava e a firmeza com que negociava.

Luiz XIV, na plenitude então da sua gloria, que vira, nas negociações para o tratado, o que elle valia, e que não era facil leval-o para politica desviada dos interesses da sua patria, apesar de já ter talvez começado a ajudar os

que lhe tramavam a quéda, escrevia-lhe de Douay a 6 de julho de 1667:

Mon cousin (1). — J'ay reçu avec plaisir la lettre que vous m'avez escrite par le sr. Francisco Ferreira Rebello pour responce a laquelle Je vous diray que vous avez tousjours eu tant d'application pour le bien du service du Roy vostre Maistre, et fait voir tant de suffisance a promouvoir ses veritables interests, que ceux qui ont autant de pássion que J'en ay de voir prospérer les affaires ne peuvent avoir que des sentimens tres advantageux de vostre personne et souhaiter sincerement la continuation de vostre Ministere. L'Abbé de Saint Romain me mande dailleurs de quelle maniere vous vous estes employé pour la conclusion du traité qu'il a signé de dela en vertu de mon pleinpouvoir et J'ay esté bien ayse de vous tesmoigner par ces lignes le gré que Je vous en sçay et vous asseurer que vous pouvez en toute occasions faire un estat certain de ma bienveillance et de mon estime. Sur ce Je prie Dieu qu'il vous ayt Mon cousin en sa sainte et digne garde. Escrit à Douay le 6e jour de Juillet 1667. — Louis — De Lionne.

Menos de tres mezes depois o homem, a quem o soberano mais orgulhoso da Europa não duvidára endereçar esta carta, tinha de abandonar o governo diante do ataque das paixões baixas, das ambições injustificadas de um grupo de seus concidadãos.

Uma princeza ambiciosa, um principe ingovernado e violento, cortezãos devassos, padres sem escrupulos, e, a par d'estes, generaes victoriosos e homens d'estado de um certo valor, conluiados entre si, não hesitaram em lançar mão contra elle das armas mais vis, das mais obscuras tramas, não hesitaram em sacrificar a prosperidade da patria á satisfação da sua desenfreada ambição. Da calumnia, da credulidade popular, das paixões torpes dos principes, de tudo se serviram para o derrubar, para vencer o obstaculo que se antepunha entre elles e o poder. Conseguiram-n'o, e o conde, quando começou a jornada, que o conduzia a um desterro de dezoito annos, lembrou-se de certo que tambem a sua ambição fizera com que morresse isolada e triste a princeza, a cujo animo varonil Portugal devia talvez a res-

(1) Documento autographo existente na minha collecção.

tauração da nacionalidade. O desterro do ministro pagava o procedimento injusto do filho, que elle inspirára.

Nos ultimos dias de setembro, o conde, vendo que era inutil luctar por mais tempo com a tempestade de odios que os seus inimigos tinham conseguido levantar contra elle, depoz nas mãos do rei a auctoridade que lhe tinha confiado, e retirou-se para um convento das proximidades de Lisboa, esperando talvez evitar com temporario desapparecimento uma quéda definitiva, ou pelo menos, continuar a exercer, por via de seus partidarios, a sua influencia nos negocios do governo. Pouco lhe durou a illusão. Os actos do infante não lhe deram por muito tempo logar a duvidas, e percebeu que só a fuga o poria ao abrigo de um procedimento mais rigoroso. Disfarçado, por via de Hespanha, foi começar em França o longo exilio. Para lá o vamos em breve seguir, guiados pelos curiosos documentos que existem na minha collecção.

Antes, porém, de passarmos adiante, não quero deixar de lembrar um facto, que mais confirma a sentença absolutoria, que a posteridade já proferiu a favor do escrivão da puridade de Affonso VI.

Em todas as accusações que á porfia os inimigos lhe fizeram e os amigos recapitularam em suas defezas, na *Catastrophe* ou na *Anti-catastrophe,* nos libellos da epocha ou nas correspondencias dos embaixadores estrangeiros, nem uma só se encontra que ataque a honra do ministro. Inventaram-lhe tentativas de assassinato, accusaram-n'o de insolencias para com o infante e a rainha, censuraram-lhe o orgulho que lhe alienava os proprios partidarios, mas nunca se lembraram de dizer que elle não antepozera a tudo os interesses da patria; negal-o seria negar a luz do sol.

II

Para França dirigiu o conde os seus primeiros passos. Contava de certo com as relações que existiam entre o conselheiro omnipotente de D. Affonso VI, entre o negociador do tratado de 31 de março e o soberano francez e seus ministros, para achar na côrte de Saint-Germain bom acolhimento e, sobretudo, o auxilio de que carecia para realisar o plano unico que revela o seu constante procedimento no desterro: voltar custasse o que custasse para qualquer canto da patria, por mais obscuro que fosse. Não eram infundadas taes esperanças, como adiante veremos, na protecção que Luiz XIV não duvidou dispensar-lhe, por mais de uma vez, a seu pedido e a pedido da duqueza de Saboia.

Não se demorou muito o conde na côrte franceza. Tendo feito constar a D. Pedro que se achava ali, pelo principe lhe foi mandado insinuar que veria com agrado e lhe levaria em conta se escolhesse para sua residencia a côrte de Saboia. Obedeceu, e, ainda em 1668, como o prova evidentemente uma carta que em 10 de outubro de 1675 a mesma duqueza de Saboia escreveu a Luiz XIV, se retirou para Turim.

Em tempos de D. João III outro escrivão da puridade, o bispo de Vizeu, D. Miguel da Silva, tendo perdido o agrado do soberano, julgou tambem dever prover com a fuga á propria segurança, e, quando se achou em Roma,

protegido pelo papa, que lhe dera para salvo conducto a purpura cardinalicia, não perdeu occasião de mostrar ao seu rei, que não errára em o ter por inconfidente e por traidor, pois em todas as pretensões, quer justas quer injustas, que tinha então na côrte pontificia (e eram muitas) achou o soberano o cardeal portuguez no campo dos seus adversarios. O conde de Castel Melhor não seguiu estes exemplos. Desde os primeiros dias de desterro quiz provar ao principe, que então governava, que ali, na terra do exilio, como em Lisboa, nos paços da Ribeira, elle era e havia de ser sempre um subdito leal, um patriota convicto, antepondo a tudo o interesse da sua patria; quiz-lhe provar que, se nos annos do seu governo não hesitára em resistir ao principe, que queria servir de obstaculo á sua politica, fôra porque n'ella julgára estar a felicidade de Portugal, porque em D. Affonso via então a patria; hoje que a nação inteira tinha dado ouvidos aos que aconselhavam a quéda do soberano e do ministro, hoje que a legalidade parecia estar com D. Pedro, elle não era homem que se lembrasse dos seus odios primeiro que da prosperidade do seu paiz, elle não era portuguez capaz de ser traidor; estava prompto a obedecer em tudo ás ordens, ás insinuações, aos simples desejos do principe, ainda que meros caprichos os inspirassem. Adoptou este caminho, e sem titubear o seguiu durante dezoito annos que durou o desterro.

Então era-lhe mandado que fosse para Turim; para lá encaminhou os seus passos.

A preferencia que D. Pedro dava á côrte de Saboia sobre a de França ou outra qualquer, é facil de explicar. Reinava em Turim Carlos Manuel II e era duqueza Maria Joanna Baptista de Nemours, filha de Carlos Amadeu de Saboia, duque de Nemours, e, por consequencia, irmã da rainha D. Maria Francisca; as relações entre as duas irmãs eram cordiaes, tanto que, mais tarde, no animo de ambas houve o desejo de unir por um casamento o duque Victor Amadeu II com a filha de D. Pedro e de D. Maria

Francisca, a infanta Izabel; era natural que o principe portuguez contasse com a cunhada para ter vigiado o homem que, apesar de proscripto, ainda temia.

Dois annos se conservou o conde no silencio, procurando abrandar com o esquecimento os odios que excitára na patria, procurando arranjar um peculio de bom comportamento, que lhe servisse de titulo para pedir ao principe a repatriação tão desejada. Ao cabo d'elles, vendo que nenhum indicio havia de lhe ser mais favoravel o animo dos seus contrarios, e não encontrando provavelmente em Saboia o patrono que precisava, procurou-o em França, e dirigiu-se a Hugues de Lionne, que então estava á testa da politica externa de Luiz XIV. A carta que o diplomatico francez lhe escreveu de Saint-Germain a 21 de fevereiro de 1670 é tão honrosa que não mereceria perdão se d'ella omittisse uma virgula. Diz assim:

Monsieur. — J'ay receu avec respect et avec les sentimens d'obligation que je devois la lettre dont il a plu a V. E. de me favoriser et je la supplie de croire que l'estat present de sa fortune excite et reschauffe plustost le zele que j'ay tousjours eu de la servir qu'il n'est capable d'y apporter la moindre diminution. Il n'eschapera jamais de ma memoire que V. E. a l'age de vingt six ans et par sa prudence, son désinteressement, sa fermeté et son courage a soutenu le Roy.me de Portugal contre tous les efforts de la monarchie d'Espagne desbarasée alors de tout autre occupation, et cette consideration me donne tant de veneration pour la personne de V. E. qu'il n'est rien qui puisse dependre de moy que je ne fasse avec plaisir pour la servir. J'aurois souhaitté Monsieur quell'eust eu agreable de s'expliquer un peu mieux par sa lettre en quoy je le puis faire, soit icy soit en Portugal, et si elle veut bien encore me parler la dessus confidemment ou de dela a Mr. l'Amb.eur du Roy pour me le faire sçavoir, je m'efforceray de luy faire connoistre par les effets que personne n'est plus veritablement que moy — Monsieur de V. E. très humble et très obeissant serviteur = De Lionne.

Esta carta assignada com um qualquer nome não passaria de um papel de cumprimentos, d'esses muitos que a boa educação manda encher de mentiras; firmada por um tal personagem é documento tão honroso, que só me admira

que a familia do homem a quem foi dirigida a não conservasse entre os mais preciosos dos seus pergaminhos, e que o acaso a trouxesse ás minhas mãos.

Lionne formava com Louvois e Colbert o triumvirato que illustrou o reinado de Luiz XIV; a estes tres homens deveu o grande rei o epitheto de Grande que na realidade elles só mereceram.

Quando um após outro a morte os foi levando, foram-se com elles do conselho do *Roi Soleil* o talento com que Colbert organisava as finanças, desenvolvia os recursos do paiz e creava a sua marinha; a sciencia com que Louvois preparava victorias; a habilidade com que Lionne negociava depois d'ellas para lhes tirar as consequencias. Mortos elles o grande rei foi um pequenissimo rei, que se deixou levar pelas influencias funestas dos que aterravam a sua consciencia timorata.

A historia falla mais vezes de Colbert e Louvois, mas a historia nem sempre é justa. Um contemporaneo illustre, o duque de Saint-Simon, chama a Lionne o maior ministro do reinado de Luiz XIV. Deve-lhe a França não ter, talvez ainda hoje, em Dunkerque um Gibraltar. Creio pois bem que expressões como as que lemos na carta que transcrevi, escriptas por um tal homem, deviam desvanecer o conde de Castel Melhor, que n'ellas tinha a prova de que, se os conterraneos lhe pagavam com ingratidão os serviços prestados, os estranhos ao menos, e esses mesmos que o tinham achado como obstaculo a seus designios, lhe faziam inteira justiça.

O conde explicou a Lionne quaes eram os seus desejos, pois em carta de 11 de junho de 1671 lhe escrevia este de novo de Tournay, dizendo-lhe:

Le Roy ayant une entiere connaissance du merite de V. E. et le souvenir tres present des grands services qu'elle a rendus a la couronne de Portugal, Sa Majesté employe bien volontiers les offices que V. E. a desiré d'Elle auprez du Ser.me Prince et de la Reyne, et m'ayant chargé d'adresser a V. E. la lettre qu'elle escrit sur ce sujet a M. de St. Romain; etc.

E ainda de Fontainebleau a 14 de agosto do mesmo anno:

J'ay présenté au Roy la lettre de V. E. qui a esté tres agreablement receüe de Sa M.té; je ne manqueray pas aussi d'escrire de nouveau a M. de St. Romain aux termes que V. E. l'a desiré, souhaittant avec passion de pouvoir donner quelque coup utile a l'establissement de son repos et a la satisfaction de son illustre famille, etc.

Detalhe significativo: as tres cartas de Lionne são escriptas pelo seu secretario e por elle assignadas; a primeira termina pela formula: «de V. E. très humble et très obeissant serviteur»; na segunda, a palavra «obeissant» foi substituida por «affectionné»; na ultima o ministro, reparando provavelmente na substituição, riscou a palavra «affectionné» e escreveu por cima pelo seu proprio punho «obeissant». Julgo ver no facto a prova de que não só em palavras Lionne queria mostrar ao conde que lhe era dedicado, e que não desejava faltar-lhe nem nas mais pequenas demonstrações de consideração e respeito. Estes excessos de cortezia, praticados para com um exilado desprotegido, provam que elle soubera incutir no animo dos que o tinham conhecido no poder um respeito grande pelos seus merecimentos.

Inutil dizer que esta tentativa por via da côrte de Saint-Germain ficou sem resultado. A influencia franceza já não era grande n'esse tempo nos conselhos da corôa de Portugal; Luiz XIV enganára-se quando se prestára a auxiliar os que tinham derrubado o conde, pensando talvez substituir á sua a influencia da rainha, princeza do seu sangue; mal o conde se ausentou desappareceram tambem com elle do governo d'este paiz a energia com que tinha presidido aos seus destinos, a largueza de vistas que inspirava a sua politica; o soberano francez nem sequer pôde manter com os seus successores a alliança estipulada no tratado de 1667; apesar da manifesta vantagem que haveria em fazer a paz á sombra de um alliado victorioso, apressaram-se em a assignar com Castella em 1668.

O facto é que nenhum vestigio resta nos papeis que possuo de que ao conde chegasse sequer a noticia de que as promessas feitas pela côrte franceza se tinham cumprido. Pelo contrario estes papeis o que parecem mostrar é que o mau resultado da tentativa fez com que abandonasse por quatro annos qualquer idéa de regresso á patria, pois só em 1675 o vejo fazer de novo diligencias n'este sentido.

No entretanto, e ainda depois d'este anno, quando voltou a Turim depois de curta ausencia, não descurava o conde em estreitar as suas relações com os mais illustres personagens de Italia, França e Inglaterra, augmentando assim o numero de seus protectores; e por elles conseguia ser informado, não só dos negocios que o podiam preoccupar particularmente como dizendo respeito aos destinos da patria, mas até dos que eram de interesse mais geral.

Na côrte de Saboia soube adquirir tal importancia, que a duqueza Joanna Baptista, regente em nome do filho Victor Amadeu desde 1675, e os marquezes de Saint-Thomas, pae e filho, que um depois de outro, exerceram os mais elevados cargos, o ouviam e consultavam em tudo, e depois da sua partida para Inglaterra a duqueza não hesitava, como veremos, em recorrer ao seu conselho e auxilio nos negocios de mais interesse para seus estados.

Em 1670 morre o gran-duque de Toscana Fernando II e succede-lhe seu filho Cosme III. Coube a este principe singular destino no seu viver domestico. A mulher, Margarida Luiza, filha do antipathico Gastão d'Orleans, votára-lhe tal odio, que tres vezes mandou o gran-duque viajar o filho, procurando com a separação modificar os sentimentos da nora. O processo era original e em contradicção com o proverbio que diz que: «longe da vista longe do coração», mas faz lembrar o dito de uma fidalga portugueza, celebre na nossa historia anecdotica do seculo passado, que exclamava ao ver o marido morto: «Nunca o vi tão bello». A futura gran-duqueza pensava de certo do mesmo modo, pois a repetição da receita mostra que fôra applicado o remedio com bom resultado. Cosme passeou

os seus infortunios a primeira vez na Lombardia; depois, instigado pelos mesmos motivos e obedecendo ás mesmas ordens, visitou a Allemanha e Hollanda; finalmente, França, Inglaterra, Hespanha e Portugal viram as peregrinações d'este principe infeliz.

Não foi em Portugal que o conde de Castel Melhor travou relações com o gran-duque, pois, quando este cá esteve, havia annos que o ministro fôra exilado; creio que fosse, ou quando Cosme passou por Turim de caminho para França, ou então em qualquer digressão que o conde fizesse a Florença, pois, apesar de não ter d'isso prova positiva, não creio que elle se contentasse em conhecer da Italia só o Piemonte, e em documentos posteriores falla elle em se ter ausentado da côrte de Saboia mais do que uma vez, o que favorece a minha hypothese.

O caso é que mal teve noticia da morte de Fernando II escreveu de pezames ao novo gran-duque e que este lhe respondeu com a carta que vou transcrever, para que se veja que dos soberanos da Europa com quem se correspondia, os que o não tratavam por primo, nem por isso se esqueciam de empregar nas suas cartas os termos de maior distincção. A carta diz assim:

Ill.mo et Ecc.mo Sig.re — L'affetto, che ha per me V. Ecc.za va del pars con la sua cortesia, et l'uno, e l'altra mi esplica ella in termini di obligante finezza, dolendosi meco della morte del Gran Duca mio Sig.re e Padre; ond'io non sò negar di ricevere singolar conforto alla mia grave affliz.ne dal vedermi compatito con sensi di tanta cordialità. Mi dichiaro però all' E. V. tutto riconoscente di questo favore, nè potevo aspettar meno dalla sua compitezza, che la induce á mostrarsi cosi parziale di questa Casa; dove resterà certo corrisposta con la proportione e stima che meritano le sue riguardevoli prerogative: mentr'è io pronto á manifestarla in tutte le occasioni di servirla, prego Dio che conceda a V. E. ogni più desiderabile prosp.tà — Di firenze 11 Lug.o 1670. — Per servir V. Ecc.za = Il Gran Duca di Toscana.

Em 1675, ainda n'uma occasião de luto, escrevia de novo o gran-duque ao conde, em resposta a carta sua de peza-

mes pela morte do cardeal de Medicis, em termos não menos honrosos:

Se ben m'arrivò tardi il favor della carta di V. Ecc.za non perse però punto del suo pregio, nè del suo vigore, havendo in me trovata ogni stima, e sollevato altresi l'animo mio dal travaglio, che ancor li fa risentire la perdita del S.r Card.l de Medici, accompagnata dagli affetti dell'E. V.; alla quale io rendo le grazie più vive per si obligante finezza di civiltà, e vorrei aver modo di farne apparire il mio conoscim.to, quanto merita la parte amorevole che V. E. prende nelle avventure della mia casa: dove non sarà mai per mancarle il rispetto, che richiedono le sue degne qualità, ed insieme un cord.l desid.o di servir.la, in cui resto baciando all E. V. le sue mani.—Di V. Ecc.za — Livorno 22 febb.o 1675 — Serv.e = Il Gran Duca di Toscana.

O estylo d'estes documentos prova o grande apreço em que era tido o exilado portuguez.

Não são só de cumprimentos os papeis relativos a este periodo da sua vida; o conde, como já disse, não perdia de vista os acontecimentos que íam tendo logar na Europa e que de longe ou de perto diziam respeito á sua patria; e das differentes côrtes lhe mandavam os seus informadores as noticias que o interessavam.

Em 1671 intentára Luiz XIV unir em triplice alliança ás suas forças as de Inglaterra e de Portugal contra a Hollanda; resistiu o governo portuguez a estes intentos, forçado sobretudo pela impopularidade com que era recebida qualquer idéa de guerra, pois nem todos os conselheiros da corôa lhe eram adversos. Comtudo, nem tão facilmente como o dizem os nossos historiadores, nem tão rapidamente como o contam, se desembaraçou o principe portuguez das instancias do soberano francez, associadas ás insinuações do rei de Inglaterra, seu cunhado, que durante quasi todo o reinado seguiu como fiel satellite a politica de Luiz XIV. Prova-o o documento que, por copia authentica, mandou o conde d'Arlington, um dos ministros de Carlos II, ao conde de Castel Melhor. N'elle são nomeados plenipotenciarios o principe palatino do Rheno, Roberto, o conde de Shaftesbury, o duque de Buckingham, o duque

de Lauderdale, o conde d'Arlington, o barão de Clifford e Henrique Coventry, secretario d'estado, os homens mais importantes da Inglaterra, para de accordo com Carlos Colbert, plenipotenciario francez, e *Francisco de Mello*, ministro de Portugal em Inglaterra, ajustarem as bases e concluirem a projectada alliança. É datado do palacio de Westminster a 21 de novembro do vigesimo quarto anno do reinado (1672). Se as negociações não tivessem estado em termos de se poder suppor que se chegaria a um accordo não é provavel que este documento tivesse saído da chancellaria de Inglaterra.

O conde de Castel Melhor approvava de certo o projecto, pois era a continuação da politica que iniciára com o tratado de 1667, e estava de accordo com o modo por que elle sempre entendêra trabalhar na prosperidade do seu paiz. Arlington, ou tálvez Coventry (pois com ambos tinha o conde relações seguidas), apressaram-se em mandar-lhe o documento. Está rubricado por Arlington com a menção pela letra d'elle de: *Vera copia.*

De outro negocio, que interessava a todo o mundo catholico, da eleição do papa Innocencio XI, teve o conde curiosas informações, que do proprio conclave lhe escreveram dois abbades, ambos empregados pela côrte de Saboia em missões diplomaticas, e que a elle assistiram. Chamava-se um Augusto Scaglia di Verona, que mais tarde iremos encontrar em París; do outro não é facil decifrar a enredada assignatura, mas parece dizer Spinelli, e seria então o mesmo que, segundo o sr. Pinheiro Chagas, veiu mais tarde tratar do ajuste do casamento da infanta Isabel com Victor Amadeo.

A morte de Clemente X abria o campo a uma lucta inevitavel, em torno da tiara, entre Luiz XIV, desejoso de firmar cada vez mais a sua influencia na Italia, e a Hespanha, solícita em conservar os restos de predominio que por tanto tempo exercêra, auxiliada n'este intento por todos quantos na peninsula preferiam ligar-se a um soberano fraco e que estava longe, a obedecer a um dominador po-

deroso e de ao pé da porta. As primeiras escaramuças tiveram logar logo depois da abertura do conclave. É o que nos revelam as cartas dos dois abbades, pois são ambas de 18 de agosto, e o papa tinha morrido nos ultimos dias de julho.

Julgo curioso presencear com um intervallo de mais de duzentos annos o expectaculo da lucta das ambições mundanas em torno de uma dignidade, que devia ser só espiritual, por isso transcrevo as duas cartas. Têem ainda subido interesse, porque, sendo dois documentos ignorados, vem confirmar o que conta Petrucelli de La Gatina (1) sobre esta phase de um conclave em que a lucta foi tão renhida que as eminencias passaram das injurias ás vias de facto, chamando o socco em auxilio das suas paixões. Dizem assim:

Ill.mo et Ecc.mo Sig.re, etc. — Due sono i Card.li che vanno oggidi con gran aplauso in predicam.to di riportar la tiarra, uno é Facchinetti et l'altro Odescalchi e per le degne parti come per 'l buon concetto c'hanno nell'universale, sarà di biasmo, e d'odio insieme á què capi di fazione che gli escluderano; e pure si tien per indubitato che Spag.li non vorranno il primo, nè francesi il secondo, e perció stá ogn'uno in guardia di diffendersi, come d'offender l'inimico con questo biasmo. Sabbato hebbe l'Em.mo Odescalchi diecinove voti di quali parea che se né pavoneggiassero gli Card.li Chigi, e Barberino, onde Domenica dopo il pranzo essendo un in un circolo nella sala Regia i due nominati Card.li con di piú Rospigliosi, e d'Estré con altri Card.li che stavano colá attendendo l'ora d'entrar al scrutt.o, venne alloro il Card.li Altieri e disse forte: Se loro Em.ze dicano davero per Odescalchi io vi concorreró con quindeci voti delle mie creature, e con sei altri di più, c'hanno promesso di venir meco et hoggi potiamo haver il Papa et uscir da queste angostie. Suorprese questo modo di negoziare, non ancor praticato in quel luogo. ové simili pratiche si fanno coll'ultima secretezza. Solo rispose il Card.li d'Etré: Io hò tutta l'imaginabile riverenza per Sua Em.za, et il mio Re e per aggradire questo soggetto d'ogni eccestione maggiore, ma é vero ch'essendo i Card.li francesi entrati in Italia, se si precepitasse in questa elezione, parrebbe che si deffidase de francesi, e che si facesse contro la volontá di S. M.tá C.ma, il che riuscirebbe di scandolo a tutta la Christianitá.

(1) *Histoire diplomatique des conclaves*, tom. III — Innocent XI.

Queste furono le sue porole, doppo delle quali s'entro nella cappella al scruttinio, nel quale non hebbe poi piú che sette voti, e cosi é seguito anche nei due d'iheri. Da questo si puo argumentare che sino non giunghino li Card.li fran.si non si fará da dovero, com'anco altri non si metterano in su'l tavoliere in sino che questi due non siano disborcati. Quest'é quanto sia accorso doppo che sono in Conclave di curioso, e d'apprensibile. Una lett.a scritta dal Card.li Bonzi all'Em.o Altieri, che dice: non lasci V. Em.a di servire in quest'occasione il Ré, benche non si siano ricevutte le lett.e, non lasciará Sua M.tà d'aggradire questo suo affetto, la messo in gran diffidenza appresso i Spag.li ch'é quanto et resto col farle profondissi.ma riverenza. — Di vostra Ecc.a umil.mo et obligatissimo servitore = Augusto Scaglia di Verona. — Roma li 18 Ag.o 1676.

Ill.mo et Ecc.mo Sig.re, etc. — Sabbató passato per il giorno della festivitá dell'Assunta il Padre Bonaventura Recanati non mancó con la sua facondia e spirito di persuadere á Cardinali la piena elettione del Pontefice e d'un huomo degno, riempendo tutto il discorso con quelle parole *quaerite et invenietis;* commossi diversi Card.li da stimoli della propria sinderesi nel scrutinio et accesso, che si praticó doppo il sermone, Odescalchi hebbe 21 voto. Terminata la funzione diversi Card.li partendosi dalla Capella del scruttinio tra quali vi erano Altieri e Chigi, disse il primo all'altro: signor Card.l sè V. E. vol concorrere in Odescalchi io gli prometto di venirvi sicuramente con li miei pochi voti. Chigi acettó prontamente l'invito, il che inteso dá Etré pregó di volere contentarsi d'indugiare sino alla venuta de Card.li francesi, che si puote dire essere alle Porte di Roma, mentre tra pochi giorni devono comparire, come havevano portato 'i corrieri, e tanto piú che s'era impegnato di scrivere al Re che il sacro collegio gl'haveva dato promessa d'attenderli, il che subbitamente fú accordato, et intanto l'effetto é rimasto sospeso, no restano peró la maggiore parte dé Cardinali di venerare Odescalchi come futuro Pontefice, con tuto ció si dubbita molto che lei non sortisca; mentre pare inverosimile che Altieri voglí Papa Odescalchi tanto amico di Cibo, persona rigorosa e dá bene potendo supporsi che Cibo sará l'arbitro degl'affari, per la medesima raggione che Chigi nè meno vi possa concorrere, oltre il perdere la speranza di potere promovere una sua creatura, benchè nel conclave passato lui fosse quello che lo proponesse, e che la Francia lo tenne á dietro senza escluderlo per artificio d'imperiale, e poi finalmente che il francese sia hora per escluderlo con esclusiva de voti procurati da quelli, che sono imbarcati per il Ponteficato, e quando non si trovi il numero sufficiente, con aperta esclusiva vocale, mentre sia questo soggetto desiderato da spagnuoli in primo capo, e possieda tanti beni ne trati dé medemi, nel quale mal la Francia potrá

ritrovare il suo conto, se non per quanto potesse portare la giustizia della causa, che cosi si puo sperare dá un huomo ch'universalmente viene riputato per santo; e ch'Altieri habbia fatto la proposizione con la sicurezza, ch'il partito francese non sia mai per concorrervi e Chigi l'habbia accettata per non perdere l'honore e l'opinione, che nel passato conclave non lo volesse quando lo propose, oltre che non si vedono riuscibili pratiche cosi scoperte, ma anche Altieri l'habbia fatto per maggiormente aquettare i spagnuoli e rendere nell'angustia li francesi, ó di concorrervi e con poca sodisfazione, ó d'escluderlo e con meno lode, per che il Populo tutto é troppo fisso á favore di questo soggetto; vi é pero anche chi dice, che la dimanda del Cardinal d'Etré fosse giusta, e come tale doverseli accordare, che potria havere la Francia fine di concorrervi e con suoi fazionarii; haverne anche lei il merito, ch'Altieri non possa ritornare piú à dietro nè sotto mano tergiversare l'elezione per non perdere la Spagna, e che Chigi tanto piú volontieri debba trare fondato nel volerlo, mentre da tanto tempo sempre ha mostrato di desiderarlo, che li pretendenti al Pontificato senza un capo valido non ardiranno di palesarsi per non rovinare le loro fortune per altra ocasione, oltre che effettivamente á questo soggetto nè tempi che siamo, non si ritrova che opporli, pure si deve molto temere, e si segue la di lui esclusiva, se ne intenderanno molte, et il conclave é per portarsi molto a lungo; con la venuta dè Cardinali francesi, che per li 25 corrente s'attendono, si svellerá questo secreto e piaccia alla Bontà Divina, che segua con beneficio universale; vi é anche dá riflettere ch'Altieri potra dire dá dovero considerando con le risposte ricevute col corriero da Bonzi, che poco fondamento potria havere di promovere alcuna delle sue creature, oltre ch'hanno diversi altri intoppi, e cosi sortire dal conclave almeno con gloria d'havere proposto il stimato piu ottimo, e servito il genio della Spagna per haverla protettrice, et il populo Romano sodisfatto d'havere concorso nel soggetto dá lui piu desiderato, e sè non riesca, aquistare tutti gl'amici d'Odescalchi per essere favorevoli alle sue creature; il foglio é pieno onde faro io humilissima riverenza a V. E. — Di V. E. humil.mo divot.mo Sv.e obl.mo — (?) — Roma, 18 Agosto 1676.

Ainda durou mais de um mez o conclave, pois só a 21 de setembro teve logar a eleição, feita pelo povo, diz Cantu, determinada pelo *squadrone volante,* affirma Léo e Botta, ou, mais provavelmente, como conta Petrucelli, feita pelo receio que todas as facções tinham de que se fizesse sem o seu concurso.

Luiz XIV concorreu para ella; foi com o seu consenti-

mento que Benedetto Odescalchi se transformou em Innocencio XI, e comtudo teve n'elle um dos seus mais tenazes adversarios. A côrte de Saint-Germain mostrou n'esta occasião conhecer bem pouco a de Roma. «Ter feito esperar á porta o vigario de Deus!» diz Petrucelli, «ter-lhe roubado semanas, segundos de vicariato! tel-o feito tremer, duvidar, ter-lhe dado noites de insomnia e dias de anciedade; tel-o forçado a humilhar-se, a reconhecer que a tiara lhe vinha de uma magestade qualquer; que o Espirito Santo tinha sido um qualquer ministro, um confessor qualquer; tel-o obrigado a negociar com a amante de um rei, a tomar compromissos, a fazer promessas, contumelias, a sorrir, a agradecer, a duvidar, ter-lhe chicanado a dignidade! oh! são crimes que nunca se perdoam. Por isso Innocencio XI nunca se esqueceu das offensas feitas a Odescalchi.»

Tenho pena de não possuir as cartas que de certo os dois abbades continuaram a endereçar ao conde, e em que deviam vir relatadas as curiosas peripecias do conclave: a espirituosa altercação do cardeal de Bouillon com o de Norfolk, e a scena de pugilato do cardeal Caloma com o de Maidalchino.

A este tempo estava o conde em vesperas de trocar a residencia de Turim pela de Londres, onde passou o resto do seu desterro e onde representou importantissimo papel. Vejamos as causas que determinaram esta mudança e as difficuldades que teve em a realisar.

III

Corria o anno de 1675; havia oito que o conde se víra forçado a fugir da patria e sete que obedecendo a insinuações, se não a ordens, do infante D. Pedro, viera residir na côrte de Saboia. Durante este periodo fôra exemplar o seu procedimento; o ambicioso desapparecêra e só restava o pae de familia, desejoso de voltar para sua casa, e disposto a conseguil-o com uma submissão illimitada ás ordens do seu perseguidor.

Forçosamente da côrte de Carlos Manuel haviam de ter chegado ao regente de Portugal informações que testemunhassem este proceder do conde, certificados que provassem que elle se abstinha de partilhar nas intrigas da côrte de Lisboa. Não inspirava elle tão pequenos receios que desprezasse o principe o conhecimento dos seus actos! Não lhe valeram comtudo oito annos de paciencia para abrandar os odios que incitára. Como não lhe tinham valido os empenhos da côrte de França, como não lhe valiam as continuadas supplicas que os seus não se descuidavam em apresentar aos principes portuguezes. Nem um indicio lhe chegava de que se pensasse em pôr termo ao seu exilio. Resolveu então buscar novos patronos.

Tinha o conde em Inglaterra numerosas relações. Provinham-lhe da rainha, princeza portugueza, que deixára os paços da Ribeira, quando elle já occupava n'elles logar distincto; provinham-lhe do rei, Carlos II, que não duvi-

dára por vezes, durante o seu ministerio, escrever-lhe pelo proprio punho; provinham-lhe dos muitos personagens com quem tratára como ministro ou que já conhecêra depois de emigrado. Tão importantes conhecimentos inspiraram-lhe a esperança de que encontraria em Londres o auxilio de que carecia. Não se enganava. Resolveu, pois, em setembro ou principios de outubro de 1675 partir para Inglaterra.

Já então tinha morrido o duque Carlos Manuel e era regente em nome do filho, Victor Amadeu II, a duqueza Maria Joanna Baptista. Por ella lhe foi dada a 10 de outubro uma carta para Luiz XIV attestando o seu bom comportamento durante os sete annos que residíra em Saboia e implorando-lhe a protecção junto ao principe de Portugal. Provavelmente desejava o conde obter de novo este auxilio, e como o marquez de Lionne tinha morrido havia annos, valia-se da duqueza para o conseguir. A carta não foi entregue; encontrei-a nos seus papeis; já vamos ver porque.

Partiu o conde ainda em outubro, e nos primeiros dias de novembro chegava a París.

Não preparára tão secretamente a sua saída de Turim que não desse tempo a que o regente fosse d'ella informado. O caso é que mal chegou a París foi procurado pelo representante de Portugal n'aquella côrte e por elle lhe foi intimada a ordem de voltar, no praso de quinze dias para Saboia, sob pena de ser pelo infante julgado desobediente.

D. Pedro não podia dar ao conde maior prova de que eram injustas todas quantas accusações lhe tinha feito até ali. Chamára-lhe assassino, chamára-lhe traidor, chamára-lhe inconfidente, e no íntimo d'alma concebêra tal estima pelo seu caracter, conhecêra-lhe tão extremada fidelidade, que não duvidou mandar-lhe, de longe, para sitio onde estava ao abrigo de qualquer coacção, depois de oito annos de injustificado desterro, uma ordem caprichosa, injusta, inexplicavel, e acreditou que obedeceria. E obedeceu.

Não hesitou; se alongou o praso marcado, se em vez de quinze dias se demorou dois mezes em París, não foi porque pensasse em resistir a ordem tão inesperada, foi, como elle proprio nol-o diz em cartas escriptas a 28 de dezembro, porque lhe foi necessario esperar com que saír de estalagens.

Custa a acreditar em tal excesso de despotismo, como o que denota a ordem do regente, e custa a explicar. Com que fim se fazia similhante imposição ao conde? Receiavam por acaso que vivendo em côrte onde eram importantes os negocios da corôa portugueza os embaraçasse com a sua influencia? O seu proceder de oito annos não lhes dava tal direito. Temiam não poder vigial-o em Inglaterra como o faziam na Saboia? Suppol-o seria fazer uma offensa ao rei, cunhado do infante, á rainha sua irmã. Finalmente, só o odio, um odio insaciavel e insaciado, odio injustificado e por isso mais tenaz, póde explicar similhante arbitrariedade.

De París escreveu o conde a todos quantos julgou poder chamar em seu auxilio. A Carlos II logo em 3 de novembro. Contava-lhe o facto e implorava a sua protecção; lembrava-lhe que nunca fizera desserviço aos seus soberanos, antes contribuíra muito com o seu trabalho, com o seu sangue e com o dos seus para o restabelecimento da independencia da patria; que estes eram os seus titulos á protecção do rei, que outros não tinha, a não ser um desterro de oito annos sem ter para o merecer commettido crime. Pede-lhe que escreva a D. Pedro para lhe obter licença para ir residir com a sua familia na mais pobre aldeola de Portugal, pois o seu unico desejo era que o deixassem viver no paiz para a conservação do qual fizera tanto ou mais do que qualquer outro.

Na mesma data escrevia a um personagem inglez, que julgo fosse sir John Grainville, o mesmo que figurára com Monk na restauração de Carlos II, e com quem se vê que tinha continuadas relações. Contava-lhe o succedido e pedia-lhe a protecção, fazia-o seu interprete e seu

procurador junto aos soberanos de quem espera o remedio.

A 3 de dezembro, provavelmente tendo já a noticia de que Carlos II não estava muito disposto a intrometter-se entre o principe e o subdito, era ao duque de York, ao que depois foi rei com o nome de Jayme II, que escrevia. A carta não é mais do que a repetição das mesmas supplicas, e o que pede em especial é que o principe lhe sirva de empenho junto dos soberanos inglezes para obter a intervenção d'elles na côrte portugueza.

A 5 do mesmo mez é a D. Catharina que se dirige:

Senhora. — Havendo posto em execução o desejo e a necessidade que ha muitos annos tenho de me ver aos reaes pés de V. M.de, vem ainda a minha desgraça a impedir-me huma e outra cousa, ordenando-me o Principe meu S.r, pelo ministro que aqui tem, que dentro de 15 dias me torne a Turim. Semelhante ordem a esta terá o embaixador que S. A. tem na corte de V. M.de Os fundamentos que o dito S.r teve para tomar esta resolução não os posso eu saber, sei que sim me tirára toda a esperança de remedio se não conhecera o real animo de V. M.de, de quem espero seja servida interceder com o Principe meu S.r para que por este meyo consiga eu o fim de meus trabalhos, dos quaes não he causa nenhum desserviço que eu haja feito á terra que tem por gloria nascer V. M.de nella, nem ao Principe meu S.r ...

Termina pedindo, como sempre, para voltar para qualquer logar do reino.

A 28 escreve finalmente ao proprio D. Pedro e á rainha de Portugal. Devemos ver na demora que o conde chegou a ter velleidade de resistir á impertinente pretensão do principe, ou então devemos acreditar como verdadeira a sua asserção de não ter meios sufficientes para emprehender a jornada de regresso a Turim logo que para isso recebeu ordem, e que não quiz dirigir as suas supplicas ao tyranno sem as escudar com a obediencia?

A carta para D. Pedro diz assim:

Poucos dias depois de chegar a esta terra me foi ordenado da parte de V. A. que me tornasse a Turim dentro de tempo limitado

porque assim era V. A. servido. As incommodidades que de tornar a andar 200 leguas em Jan.º pelas montanhas de Saboya e Alpes podem ter a minha pessoa e fazenda, a quem os trabalhos de oito annos passados começão a fazer sentir os seus effeitos, não serão obstaculo para que não dê satisfação ao que V. A. ordena, e assim a 4 do mez que vem me porei a caminho, se não foi no tempo preciso foi a causa de esperar o meyo de poder andar por estalagens. Espero eu da grandeza e justiça do animo de V. A. seja servido mandar defirir á minha petição dando-me licença para me retirar com minha mulher e filhos a hum lugar desse Reyno qual V. A. for servido mandar-me nomear, nelle rogaremos todos a Deos como de continuo fazemos pela vida e augmento da pessoa de V. A. A real pessoa de V. A. guarde Deus como seus vassallos desejamos e havemos mister. — Paris, 28 de Dez.bro 675.

Á rainha ainda implora com mais humildade e insiste em affirmar que «antes se tivera mettido a caminho se lhe não fôra necessario ter esperado com que saír de estalagens».

Ambas as copias d'estas cartas estão escriptas na folha de papel que servia de capa a todos os documentos da letra do conde ou dos seus secretarios, e tem como rotulo, escripto tambem pelo seu punho: *Copias de cartas para el Rey, Reyna y varios ministros*. Não é este o unico logar em que alguma observação ou nota sua, destinada evidentemente só para seu uso, está escripta em hespanhol. Sessenta annos de governo estranho fizeram com que até aos mais patriotas dos portuguezes fosse mais usual a lingua dos conquistadores do que a propria. Não se taxe a asserção de leviana, lembrando Manuel de Faria y Sousa, e lembrando sobretudo que D. Francisco Manuel de Mello é um classico nas letras castelhanas.

Ainda um promenor interessante colhido na mesma carta para o principe. O fundo da pagina está coberto de garatujas, d'essas que a penna distrahida vae escrevendo, emquanto o espirito ausente vae buscar tristezas ou alegrias ás vezes bem longe. Alegrias não as havia então para o conde, que no fim de oito annos de desterro, quando pensára, cansado da longa expectativa, em procurar n'outra côrte novos patronos para a realisação dos seus desejos,

via perder-se esta ultima esperança, que a mão do principe, algoz para elle, lhe vinha arrancar mesmo de longe. Que podia já esperar da dureza do seu perseguidor? A residencia illimitada na côrte de Turim, onde nem tinha satisfação para a sua actividade, nem consolo para o coração, que anhelava pela familia, pela mulher, que deixára nova e que ía encontrar já com a mocidade perdida, pelos filhos, que tão novos abandonára que nem os conhecia. Não me parece que seja dar grandes largas á phantasia imaginar que eram estes os pensamentos do conde, quando se achou em París, em terra de indifferentes, e com poucos meios, e que a elles obedeceu a sua mão quando, ao terminar a copia da carta que acabava de endereçar ao principe, escreveu: *Parvi et mali dies mei.* Quando leio estas poucas palavras, suspiro conservado dois seculos n'uma folha de papel, parece-me que eu proprio estou assistindo ás tristezas do estadista portuguez.

O conde estava resolvido a partir, e o dia escolhido para o começo da jornada era, como vimos, o de 4 de janeiro de 1676; não o quiz deixar chegar sem escrever largamente ao mesmo personagem que até ali lhe servíra de interprete na côrte de Inglaterra, e na carta, que é de 1 de janeiro, deixa bem patentes a indignação do seu espirito e um certo resentimento por Carlos II não ter querido interceder immediatamente por elle.

Desejaria, que me respondessem a este ponto. Se eu estivesse em Inglaterra e que me notificassem a ordem que me foi notificada aqui, e que eu supplicasse ao Rei que intercedesse por mim para que me deixassem retirar para o meu paiz, ou então para que me fosse permittido residir n'esse reino, o Rei conceder-me-hia esta mercê ou não? Toda a gente dirá que o Rei não me negaria a sua protecção. Sendo assim porque é que a devo perder só porque m'impedem de a ir buscar? Não será um acto digno da generosidade d'um tão grande monarcha proteger a minha afflicção mesmo estando eu ausente da sua corte? Toda a gente o dirá e S. M. assim o intende visto o que me diseis de estar nas melhores disposições para comigo. O segundo ponto é se o Rei se devia ressentir por me impedirem o ir para a sua corte. O Rei não devia declarar a guerra ao meu paiz por semelhante

motivo, mas julgo que S. M. sempre tinha algum interesse em que o mundo soubesse que não existia corte menos suspeita ao Principe meu S.or do que a de S. M.; ora não devendo dar esta demonstração por uma guerra que razão podia impedir S. M. de o fazer por uma carta, na qual depois de ter deduzido uma boa parte das razões que provassem que a Inglaterra não era um paiz suspeito para o Principe meu S.or, S. M. devia pedir que se me ordenasse por uma ordem expressa, que fosse para Inglaterra; e digo mais, que o Rei deveria dizer que, ainda que estivessem resolvidos em Portugal a conceder-me licença para me retirar para minha casa não me devião dispensar de ir a Inglaterra, porque S. M. queria dar a conhecer ao mundo inteiro que a sua corte não era contraria ao Principe meu S.or e que por este motivo o meu soberano lhe devia conceder o pedido, visto que negar-lho seria confirmar a todos na suspeita a que deu lugar a ordem que me impozerão.

E mais adiante:

Será possivel que, não me tendo achado culpas em Portugal, tendo-me obrigado a fugir para salvar a vida, tendo-me insinuado que fosse viver em Turim como um meio que poderia servir para me restituir á patria, tendo-me deixado lá sete annos completos sem me dizerem uma só palavra, tendo-me deixado partir para Pariz sem a menor reflexão, agóra, porque souberão que eu ia para Inglaterra, me privem da liberdade que tive até hoje? Não creio que o Rei me abandone n'este estado. Supponhamos que eu tinha razões para me querer estabelecer fóra do meu paiz, podião ordenar-me mais do que não o fizesse nos paizes inimigos da corôa portugueza. Outra qualquer ordem nunca se deu a pessoa alguma.

E ainda:

Vejo que a minha corte procede de modos bem differentes para com a de França e para com a de Inglaterra; quando eu para aqui vim da primeira vez fizerão o que puderão para me privar da protecção da corte, e conseguirão-no porque se empenharão pouco por mim, ainda que as palavras de S. M. C.ma e as suas intenções me fossem o mais favoraveis; para com a de Inglaterra, probibem-me até procurar-lhe a protecção. Parece-me que o mais que tinhão direito a fazer, seria responder ás instancias, que se fizessem, que não podião ou não querião conceder o que para mim se pedia. Preciso ainda accrescentar que se o Rei me quizesse proteger do modo que digo, d'ahi não me podia vir mal algum. Pelo contrario, o resultado seria bom, pois como o mundo sabe que não commetti crime algum e que

não me metterão em processo até agora, em Portugal não havião de querer que eu mostrasse que o meu unico crime consistia em ter implorado a protecção da Inglaterra.

Depois, como Carlos II parece que lhe mandára dizer que se no fim de algum tempo (cinco mezes pelo que elle diz) visse que o animo de D. Pedro não abrandava, escreveria então a seu favor, prende-se a essa ultima esperança, chega a dictar quasi a carta que o rei havia de escrever, tal era a confiança que lhe inspirava a influencia dos seus protectores.

A carta que o Rei escrever poderá começar, se fôr do agrado de S. M. pelo desgosto que S. M. teve com a ordem que me derão de voltar para Turim, e que S. M. tinha querido esperar todo este tempo para ver se davam remedio aos meus males, mas que vendo que o não fazião a sua clemencia o exhortava a proteger a minha innocencia, e que não tendo a corte portugueza consentido em eu viver na minha patria a seu pedido devia conceder-me o que acima digo, para viver com a minha familia.

Era a derradeira esperança, que com as supplicas dos parentes não contava elle; protecção esperava encontral-a em estranhos, não nos seus compatriotas.

A desgraça faz-me conhecer o que valião muitos amigos e não menos parentes, mas Deus faz-me ver que encontrei em vós um amigo e um patrono tal como tendes sido para minha consolação e remedio.

IV

Ou porque tivesse chegado ao conhecimento da côrte de Lisboa que o praso imposto á paciencia do conde, como condição para obter a intervenção de Carlos II nos seus negocios, era de cinco mezes, e não quizessem os seus perseguidores poupar-lhe um minuto sequer de dolorosa expectativa, ou porque o acaso, ajudado pela difficuldade e morosidade das communicações, assim o tivesse determinado, só a 16 de maio seguinte d'este mesmo anno de 1676 teve elle noticia da resolução tomada por D. Pedro a seu respeito.

O modo por que os conselheiros do infante quizeram saír dos embaraços em que os punha o procedimento submisso mas energico do conde e o favor que lhe dispensavam as côrtes de Saboia e de Inglaterra, é admiravel de hypocrisia. Era difficil negar provimento aos seus continuados requerimentos, ás repetidas supplicas da sua familia, sobretudo vindo ellas acompanhadas pelas poderosas recommendações dos soberanos de Inglaterra e de Saboia, pois, ainda que Carlos II tivesse recusado intervir elle no negocio, é certo que D. Catharina não deixaria de escrever ao irmão a favor do conde, e não menos certo que a duqueza de Saboia, tendo por elle a maior consideração, mostrando-lhe em tudo affeição e estima, não lhe havia de ter negado mais uma vez os seus bons officios.

Com que motivo se havia de prohibir-lhe a residencia em Inglaterra? Que pretexto se poderia dar que não fosse offensivo para os soberanos inglezes? Por outro lado com

que fundamento se podia negar-lhe o regresso á patria, quando elle declarava contentar-se com a mais pobre aldeola de Portugal? Allegar o receio de o ver perturbar a ordem com a sua presença, ou de o ver servir de pretexto a desordens e revoltas, seria irrisorio, e só conseguiria provocar o sorriso d'aquelles que acabavam de presencear a resignação com que obedecêra a ordens injustas e caprichosas, até em sitio onde nenhuma coacção podia ser exercida por quem lh'as dava. Que havia a fazer? Porque o que é certo é que o principe e seus aulicos por fórma alguma queriam conceder-lhe o pedido: a residencia em Inglaterra, por motivo que não posso descubrir, e que só do odio que lhe tinham podia dimanar; a residencia em Portugal, por medo, medo justificado, desde que elles reconheciam o pouco que valiam e o muito que a memoria do governo do conde, renovada pela sua presença, faria conhecer a fraqueza do d'elles.

Foi então que lhes lembrou o alvitre cuja hypocrisia admiro. O conde pedia que lhe dessem uma aldeia pobre e humilde, davam-lhe uma cidade, uma ilha inteira, o Funchal, toda a Madeira. Se lhes objectassem que de tão longe mal poderia elle vigiar os negocios da sua casa, que era o que pedia, a resposta era facil: a sua casa era em grande parte na ilha, onde não só a marqueza, sua mãe, mas elle proprio tinha numerosas propriedades, avultados rendimentos, sendo ella a donataria; poderiam ainda responder que a obrigação de fazer dispendiosa viagem no fim de nove annos de custoso desterro seria aggravar a situação que elle queria ver melhorada e augmentar as causas da sua ruina; a objecção estava prevista: viesse o conde á sua custa até Lagos que ali acharia não um patacho ou escuna, mas uma fragata de guerra, que a generosidade do principe punha ás suas ordens. O que elles não diziam, e o que infelizmente o conde não podia clamar, era que desembarcar na Madeira equivalia a entregar-se manietado aos odios tenazes dos seus inimigos, era ficar á mercê dos caprichos e arbitrariedades de um capitão mór ou de um

governador escolhido de certo pelos seus perseguidores, não restando sequer o recurso da fuga, a que já uma vez devêra a vida.

Isto não podia elle dizer, e nem sequer podia recusar-se a obedecer áquella ordem que vinha disfarçada em mercê. Fazel-o seria perder talvez os protectores com que conseguíra rodear-se.

A 16 de maio escreve á rainha de Portugal, humilde e submisso, pedindo a revogação da ordem e insistindo pela licença de residir no reino.

A 23, sendo-lhe confirmada a noticia por Madame Royale, escreve de novo, e duvido que D. Maria Francisca podesse perceber, dos termos em que está concebida a carta, que havia n'elle mais do que uma immensa resignação.

Senhora. — Madame Real foi servida dizer-me a resolução que o Principe nosso Sn.r tomou em ordem á petição que ha tantos tempos tenho feito a S. A., que he o mesmo que meu Irmão Simão de Vasconcellos me escreve fora o ditto P.e servido mandar-lhe declarar. Se a minha fasenda houvera permittido que se me tivessem mandado antecipadamente os meyos para poder intraprender jornada tam larga, já estivera em caminho; mas sendo isto ao contrario, he me necessario esperalos. Logo que cheguem procurarei emcaminhar-me a Lagos, de donde representarei a S. A. e a V. Mag.de algũas rasões que espero movão a clemencia e justiça de S. A. e de V. Mag.de para que me seja concedido ficar em qualquer parte desse Reino que se me ordenar. Se a minha desgraça o impedir sempre terei por grande fortuna obedecer ás ordens do Principe nosso S.r e tanto em qualquer lugar desse Reino como fóra delle conhecerá o Mundo que o meu procedimento não desdiz em nenhuma cousa de fiel vassallo de S. A. e de V. Mag.de

Na mesma data escreve a D. Pedro em termos mais submissos, se é possivel:

Senhor. — Pela declaração que Madame Real me mandou fazer aqui da resolução que V. A. foi servido tomar sobre a petição que meu irmão Simão de Vasconcellos ha dias tinha posto nas reaes mãos de V. A. e pelo que o Secretario de Estado escreveo da parte de V. A. ao dito meu Irmão, vejo que V. A. he servido permittir-me que eu e minha familia possamos retirarnos á Ilha da Madeira, para o que eu poderei ir a Lagos para que daquella cidade em huma fragata que V. A. me faz mercê conceder da sua armada real passe aquella parte.

Com a brevidade que for possivel me encaminharei áquella cidade e della representarei a V. A. alguns incomodos que se seguirão á minha casa de eu não ficar em algum lugar do Reino que V. A. for servido para daquella parte os poder remedear. Esperando da justiça e benignidade de V. A. seja servido deferir-me, e parecendo a V. A. o contrario o meu interesse e gosto não constárão athe agora, nem constarão em outra cousa, que em satisfazer pontualmente ás ordens de V. A., a cujos pés prostrado beijo humildemente a mão pela mercê que me tem feito de me poder retirar a minha casa e espero que o tempo mostrará sempre que eu sou fiel vassallo de V. A. cuja real pessoa guarde Deus como todos os vassallos de V. A. desejamos e havemos mister.

Os sentimentos do conde estavam n'esta occasião bem longe de concordar com as expressões d'estas cartas, e as suas resoluções eram bem diversas das que dizia ter tomado. Os documentos posteriores deixam-nos conhecer que a arbitrariedade do principe lográra por fim esgotar a sua paciencia, e que estava resolvido, se mais uma vez lhe fossem desattendidas as supplicas, a dirigir-se para Inglaterra e nunca a ir para a Madeira, o que considerava suicidio. Agora só queria ganhar tempo para que os seus protectores de novo se empenhassem por elle. Não é de crer que, residindo em Turim havia oito annos, tendo conquistado a estima de todos quantos o cercavam, lhe fosse difficil obter os meios para fazer a jornada de Lagos, se acaso os desejasse. Não desejava; o que lhe convinha era esperar ali o resultado de novas tentativas feitas de Inglaterra.

Com effeito, ainda antes de escrever aos principes portuguezes já elle em 17 de maio dirigíra ao seu intermediario na côrte ingleza a seguinte carta (1):

Monsieur.—Je ne doute point que vous ne soyés bien surpris quand vous entendrez par ces quatre lignes l'issue de mes affaires en Portu-

(1) Como pretendo sobretudo juntar materiaes para futuros obreiros, julguei mais conveniente transcrever os documentos que publico na lingua em que estão escriptos (exceptuando os latinos) e com todos os seus erros, para lhes não diminuir com a traducção e emendas o credito que merecem. Sacrifico com isto talvez o interesse d'este humilde trabalho, porque o conde de Castel Melhor escrevia muito mal o francez, e desconhecia completamente a indole d'esta lingua. Abundam nas suas cartas os erros de orthographia e de grammatica e as mais das vezes não são mais do que traducções á letra de phrases portuguezas; só me consola ver que os seus correspondentes inglezes e italianos estavam tambem longe da perfeição.

gal; aprés huit années d'absence, on a resolu de me permettre de me retirer avec ma famille dans l'Isle de La Madeira; ma mere possede du bien très considerable dans la ditte Isle et j'aurois assez d'avantage pour ma maison de pouvoir passer deux couples d'années dans la même Isle en toute autre posture que fussent mes affaires, mais presentement, que ma longue absence les a mis et les met toujours dans un déplorable état, je perdray sans doute plus d'un coté que je n'acquereray de l'autre. Je supplie le Roy par la lettre que je vous prie de luy presenter d'avoir la bonté de me continuer sa protection, écrivant au Prince mon maître afin qu'on me laisse vivre dans un tel lieu du Royaume de Portugal qu'on voudra. Je recours á votre assistance et je ne doute point d'obtenir ce que je desire de la bonté d'un si grand Roy et par l'intercession d'une personne qui de tout temps m'a comblé de faveurs, comme vous avez fait. Je vous prie d'agir en sorte que cete lettre me soit remise le plus tost, en cas que S. M. ayt la bonté de la faire, afin que je sois muny de ce secours pour opposer á l'envie de mes adversaires. M.r l'ambassadeur aura la bonté de vous dire le reste. Je vous supplie de me continuer vos faveurs et d'avoir la bonté de permettre que je continue de me dire — Mons.r — Le plus humble et plus obeissant de vos serviteurs.

Carlos II não esperára o pedido do conde para escrever a D. Pedro. A noticia da resolução tomada pelo principe, a respeito do emigrado estadista, chegára a Inglaterra pouco mais ou menos na mesma occasião em que d'ella se tinha tido conhecimento em Turim. O soberano não se deixou illudir com a apparente concessão que se fazia ao conde; informado de certo pela rainha ou pelo embaixador portuguez, do que o esperava na Madeira, percebeu logo que a hypocrita annuencia da côrte de Lisboa aos seus desejos escondia uma aggravação de pena, para quem a não merecia; percebeu que só um louco consentiria em trocar a residencia de Turim, e os respeitos que lá soubera inspirar a todos, pelo Funchal com o despotismo provavel de funccionarios dedicados aos seus inimigos; por isso, a 17 de maio, no mesmo dia em que o conde escrevia a carta que acabámos de transcrever, endereçava a D. Pedro uma em que lhe dizia:

Il n'y a pas fort long temps qu'on Nous a fait sçavoir que le Comte de Castel Melhor se preparoit de venir icy en Notre Royaume, dont

Nous avions bien de la joie, en Nous souvenant des services qu'il a rendus au Portugal, et les soins qu'il a tous jours pris de maintenir une estroitte correspondance entre les Deux Couronnes. Et Nous ne laisions pas d'espérer qu'il auroit fait paroitre icy des marques de son devoir et obeissance envers Vótre Altesse, capables d'engager Nótre intercession en sa faveur. Mais ayant esté informés que Vótre Altesse lui avoit commandé par ses Ordres, que le joignirent a Paris, de s'en retourner a Turin; et qu'il ne devoit attendre de cette espreuve de son obeissance, que des favorables effets, Nous ne voulions pas Nous interposer alors, pour ne pas prevenir Vótre Altesse dans la method de Sa Grace et faveur envers lui. Cependant Nous venons d'apprendre par les avis de Lisbonne, que non obstant la soumission qu'il a fait voir par son soudain retour á Turin, et les afflictions qu'il a si patiemment essuyées pendant tant d'années, on lui avoit pourtant donné l'Isle de Madere pour retraite. Nous Nous trouvons obligés d'avoüer que les nouvelles en sont bien surprenantes et font naitre en Nous une si grande compassion envers cette Personne infortunée, que Nous prions bien instamment Vótre Altesse de le permettre de venir demeurer icy en Nótre Royaume. Et, afin d'oster toutes les difficultés qu'on pourra objecter a cela, Nous voulons bien engager Nótre Parole Royale a Vostre Altesse que le dit Comte ne jouira Nótre Protection que durant les tesmoignages qu'il rendra de sa fidelité á Vótre Altesse, et a sa Patrie. Et Nous esperons que les marques qui ont paru au monde de Nótre affection pour le Portugal, ne donneront pas lieu de croire qu'aucune homme puisse attenter contre son bonheur en ce païs icy.

Nous avons ordonné á Nótre Secretaire d'Estat de fair sçavoir au dit Comte cette intercession en sa faveur. Et Nótre fidelle et bien amé Henry Shere, qui rendra les presentes, a aussi ordre de solliciter, avec instance la responce favorable de Vre Altesse, en cas que Nótre Resident ne se trouve point en Cour.

O documento que ahi fica é a traducção da carta de Carlos II (pois o original como toda a correspondencia que entre os dois principes se trocava devia ser em latim), feita provavelmente pelo proprio Henry Coventry, secretario d'estado, a quem, como vimos, o rei incumbíra o dar d'ella conhecimento ao conde. Transcrevi-o na integra, conservando-lhe a orthographia um tanto phantastica, receiando que uma nova traducção me fizesse afastar do texto primitivo que não conheço.

Recebeu o conde está noticia, resposta antecipada á

carta que dirigíra a Granville, a 13 de junho e n'esse mesmo dia se apressou em escrever a Carlos II, testemunhando-lhe o seu profundo reconhecimento.

Síre. — Ayant receu l'avis qu'il a plu a Votre Mag.té, commander á Mons.r Coventry son premier Secretaire d'Etat de me faire touchant la résolution qu'elle á prise d'ecrire au Prince mon maitre sur mes interests, je viens par le moyen de cête lettre aux pieds de Vótre Mag.té, maintenant que j'attends avec impatience qu'il plaise au dit Prince mon seigneur de m'accorder la permission de la faire en personne, pour la remercier comme je fais tres humblement de la prótection qu'il plait á Vótre Mag.té, de me donner; cet acte de generosité est bien digne d'une clemence consommée, telle qu'est celle de Vótre Mag.té J'oublie tres volontiers tous les maux que dans un exil de neuf années J'ay souffert presentment que je me vois compaty et protegé du plus grand Roy de la terre, assurant á Vótre Mag.té que, bien que je n'aye jamais en ma vie par aucunes de mes actions fait parêtre la passion que j'ay pour son Royal service, la volonté de faire connêtre mon zêle pour iceluy ne m'a point manqué, ny manquera jamais; j'espére qu'il plaise a Vótre Mag.té de permettre que j'éleve ma famille selon cete maxime, nous permettant á tous de nous dire avec la soumission que nos devons — Sire — De Votre Mag.té — Très humble, très obeissant et très fidele serviteur = Le Comte de Castel Melhor.

Na mesma data escrevia a D. Catharina, a Coventry, a Granville, ao proprio duque de York, que usára tambem da sua influencia junto ao rei para o fazer escrever a D. Pedro, e todas estas cartas denunciam a alegria e reconhecimento que lhe inspirára o passo dado por Carlos II e a esperança, quasi certeza, que entrára no seu espirito, de ver o principe responder favoravelmente a tão poderoso intercessor.

Enganava-se. Para D. Pedro, ou antes, para os que o rodeavam, não só os actos e palavras do conde de Castel Melhor, mas os d'aquelles que por elle se interessavam eram aggravantes para os seus crimes, eram provarás para o seu libello. Não viam, os nescios, que accusar de criminosas acções cuja innocencia a todos era patente era enfraquecer sobremaneira as virulentas accusações com que

o tinham expulsado da patria, era desvanecer até as pequenas duvidas que ainda podiam existir no animo dos que o conheciam. Que lhes importava? Comtanto que o tivessem ali amarrado aos caprichos d'elles por quanto havia de bom na sua alma, pela fidelidade ao principe, pelo amor á patria, pela saudade dos seus, que anhelava ver.

Do effeito produzido na côrte de Lisboa pela intervenção dos soberanos inglezes teve a de Turim noticia nos ultimos dias de julho, e M. de Saint-Thomas logo communicou ao conde os despachos que a este respeito lhe enviára o P. de Villes, agente de Saboia em Portugal. A esta communicação respondeu elle rebatendo as accusações que lhe faziam com argumentos irrespondiveis.

Extracto o que na sua carta ha de mais importante:

La demeure que je fais icy et de m'être aussy venu mettre dans céte cour, par *trois* differentes fois, prouve qu'il n'y a pas d'intrigue de mon côte dans céte affaire; qu'elle ne soit point du coté de mon frere je le tiens pour assûré, parce qu'il m'a conseillé de retourner en céte cour, outre cela vous pourriez demander quelque information en Angleterre, ou on trouvera que mon frère n'a point demandé aucune chose au Roy, ni á droiture ni par le moyen de personne; que la cour d'Angleterre soit la fomentrice d'intrigues je suis assuré que le Prince mon maitre et la Reyne ma maitresse ne le croiront point de sa soeur et beau frère. La lettre du Roy nous justifie, et je justifieray que ce n'a point été un pretexte le manquemant d'argent que j'avois, alors qu'on m'a adverty de la permission que le Prince mon maitre me donnait et j'avoue qu'ayant receu l'avis que Le Prince mon maitre me permettoit d'aller en Portugal, pour de la passer á l'Isle de la Madere et conjointement du discours que le Secretaire d'Etat a tenu á mon frère, quand il s'est plaint á luy de notre disgrace, puis qu'au bout de neuf ans d'exil il me voyait de nouveau exiler avec ma famille, le dit Secretaire d'Estat luy declara que S. A. R. ne me contraignoit point d'y aller, mais bien si ne donnoit la permission de le faire, j'avoue dis je que je n'ay point cru un crime en moy le dilater mon voiage, et ne vouloir point crever en chemin puis que je n'avois point commandement de le faire. J'ay accepté d'aller á Lagos, afin de representer les raisons, par lesquelles j'avois sujet d'esperer que la clemence et justice de mes souverains se mouvroient pour me permettre que je ne passasse point la mer.

E mais adiante:

Je ne manqueray point en aucun lieu ou je puisse etre de faire connétre á tout le monde que je tiens la parole que j'ay eu l'honneur de donner a S. A. R. et vous Monsieur me pouvez faire la grace d'ecrire au Pere de Ville que je chemine rondement et qu'aucune chose ne me pourra faire changer la resolution que j'ay prise de faire parêtre par mes actions que je sus fidéle sujet du Prince et de la Reyne mes souverains, le priant de prendre mon party contre mes adversaires, puis qu'il est celuy de la verité.

E na mesma data, valendo-se do acaso que fizera com que Carlos II escrevesse a D. Pedro antes de Granville ter recebido a carta que lh'o pedia, o que lhe permittia poder affirmar como verdadeiro o que na realidade era falso, dirige á duqueza de Saboia o seguinte memorial:

Le Comte de Castel Melhor supplie très humblement Madame Royale d'avoir la bonté, dans la lettre que S. A. R. doit écrire a S. Mag.té la Reyne de Portugal, d'assurer sa d.te Mag.té comme le dit Comte á receu l'avis que le Roy et la Reyne d'Angleterre s'interessoient dans son affaire, sans avoir en cela aucune part, comme S. A. R. sait par les avis qu'elle a receu d'Angleterre, et aussy supplie le dit Comte Mad. R. de vouloir demeurer dans le même sentiment que S. A. R. prend au bon succes qu'espere arrivent aux affaires du dit Comte.

No despacho do P. de Ville alguma cousa havia que ao conde não agradára, e, comquanto não se atrevesse a queixar-se ao ministro dos duques, fel-o para Lisboa a seu irmão Simão de Vasconcellos; é o que nos denuncía um trecho do despacho do agente de Saboia para a sua côrte, escripto em 14 de setembro, e cuja copia encontro nos papeis do conde. É provavelmente dirigido a Saint-Thomas, e diz assim:

Monsieur. — En attendant par l'ordinaire d'aujour d'huy le paquet de V. E. je luy diray par avance que M. D. Simon de Vasconcellos frère de M. le Comte de Castel Melhor, me rendant hier au soir au palais la lettre du 31 juillet me fit un grand bruit de celle que j'avois escrit

a V. E. de 9.me du mesme, dont il me dit que le Comte luy avoit mandé tout le contenu. Je lui respondis par l'incluse ce que j'ai fait de vive voix a D. Simon, et pour cela elle va toutte ouverte afin que V. E. la voye sans luy donner la peine de les repeter en cellecy. Je ne fçay quel succes aura cette nouvelle tentative mais je puis asseurer V. E. que je n'y entreray en rien ni pour ni contre et que desormais Mons. le Comte de Castel melhor ne recevra plus de mes lettres aucun sujet de peine, n'ayant jamais pretendu luy en donner.

Já a este tempo D. Pedro tinha respondido a Carlos II. Da resposta, preparada de antemão pela escolha da ilha da Madeira para residencia do conde, recebeu elle uma copia de Inglaterra.

Depois das costumadas formulas diz assim:

Serenissimo e Poderosissimo Principe, Irmão, Primo e Amigo carissimo. — O enviado de V. M. nos entregou a vossa carta a favor do Conde de Castel Melhor. Das rasões que V. M. tem para desejar a boa administração e feliz exito de tudo quanto fazemos, esperamos que V. M. (melhor informado) perderá o animo de proteger as pretensões do Conde. As provas que temos dado a V. M. do empenho que temos sempre de acceder aos seus desejos, dão-nos esperança de que V. M. se persuadirá de que, se fosse justo e estivesse na nossa mão subscrevermos aos pedidos do Conde, satisfariamos n'este negocio tão promptamente á vontade de V. M. como até hoje o temos feito sempre que aprouve a V. M. significar-nos os seus desejos. O Conde de Castel Melhor repetidas vezes nos expoz que as despezas que tem sido obrigado a fazer na côrte de Turim e a ausencia da sua casa exigia que lhe permittissemos retirar-se para algum logar onde podesse viver mais economicamente e cuidar da educação dos seus filhos. Movidos, portanto, pela nossa natural benevolencia mais do que lembrados das culpas do Conde (1), permittimos-lhe retirar-se para a ilha da Madeira, da maior parte da qual é donataria a Marqueza sua mãe, e onde possue muitos bens, tendo ali vivido muito tempo os seus antepassados entregues á administração da casa, e podendo o conde ali viver com sua mulher e filhos livre de toda a despeza. E para que podesse fazer a viagem com segurança mandámos pôr á sua disposição um dos navios da nossa armada. Visto que, feita esta concessão, obteve o Conde tudo o que póde licitamente pedir e que da sua residencia n'este reino ou no de Inglaterra (cuja corôa offende tudo o que se oppõe á de Portugal) re-

(1) Textualmente: *Nos porró ingenitá magis benevolentia permoti, quam culparum Comitis memores...* Que coragem, ou antes, que descaramento!

sultaria escandalo para todos os nossos subditos, que ainda conservam horror ao que a damnosa immoderação do Conde praticou (1), temos a firme esperança de que parecerá justo a V. M. manter e levar ao fim o que decretámos sobre esta materia. E desejamos que V. M. se persuada que nós consideramos como grande felicidade poder satisfazer a vontade de V. M. em tudo quanto não envolva taes inconvenientes, e estamos certos de que V. M. depois de bem conhecida a verdade, pelo affecto que nos consagra e aos nossos interesses, não quererá mais patrocinar esta causa. Á protecção de Deus encommendamos a felicidade de V. M. — Lisboa, 6 de setembro de 1676. — De V. M. Bom Irmão, Primo e Amigo = Pedro Principe.

Era, pois, inutil esperar por mais tempo que D. Pedro, que tinha a coragem de firmar taes asserções, contrarias ao que de todos era conhecido, desse a sua annuencia a qualquer das pretensões do conde, e era mui duvidoso que Carlos II estivesse disposto a dirigir-lhe novas instancias e mais energicas reclamações; restava-lhe a esperança de que os soberanos inglezes lhe permittissem a residencia na sua côrte mesmo sem o consentimento do principe. Foi para o conseguir que o conde empregou desde então os seus esforços. É o que se deprehende das cartas que a 14 e 28 de novembro escrevia a Granville e a Coventry.

Não é de estranhar que no animo do emigrado surgissem então estas velleidades de revolta contra os caprichos do soberano. Como temos visto, e continuaremos a ver nos documentos posteriores, desde o primeiro dia do seu longo desterro o seu unico desejo fôra voltar para a patria, para a terra cuja independencia e autonomia tão efficazmente ajudára a firmar. É provavel que de principio no seu espirito houvesse a intenção de readquirir na côrte portugueza o predominio que já tivera, pois não lhe era facil acreditar (perdoe-se-lhe a justificada vaidade) que D. Pedro, conhecendo-lhe o desejo de servir com lealdade, se resignasse a pôr de parte um auxiliar como outro não tinha junto ao throno. Mas quando percebeu, e foi cedo, que a unica ambição que lhe era licito conservar era a de voltar para

(1) ... *ad ea etiamnum cohorrentibus quae damnosa Comitis immoderatio commisit.*

junto dos seus viver vida de familia, tratou de mostrar a todos ter perdido o desejo de exercer qualquer influencia nos negocios publicos. Para tornar bem patentes estas suas intenções resignou-se a mergulhar durante mais de oito annos a sua personalidade na obscuridade de um viver inglorio n'uma côrte sem importancia como era então a de Turim. Quando ao cabo de tanto tempo via que tudo era inutil, que não era facil fazer esquecer á cobardia dos seus contrarios o medo que lhes inspirára, pensou, embora o principe lh'o prohibisse, em ir buscar outros patronos, que, levados pela sympathia, que sabia inspirar aos que o conheciam de perto, fallassem alto ao seu perseguidor, auctorisados pela necessidade que a corôa portugueza ainda tinha do auxilio estranho.

Contar com o bom resultado dos pedidos que a duqueza de Saboia dirigia á irmã, rainha de Portugal, já o não podia elle, depois de tantos desenganos; mais uma vez fôra confirmado o rifão: «Santos de casa não fazem milagres». Seriam mais bem succedidas as exigencias dos soberanos de Inglaterra, que ao parentesco proximo juntavam então a qualidade de protectores dos interesses portuguezes no concerto das nações europêas? Tinha o conde esta esperança, e foi para a realisar que procurou obter de Carlos II licença de se encaminhar para Inglaterra.

Accedeu o soberano aos seus desejos e de cartas suas de 26 de dezembro se conhece que já a esse tempo tinha obtido a auctorisação que requerêra. Diz n'uma d'ellas:

> Je vois que S. M. me permet d'aller en Angleterre et m'assure des effets de sa Royale bonté. Je me serois mis en chemin toute á l'heure même, si je ne me trouvasse un peu indisposé, mais cela n'enpechera pas que je ne le fasse bientôt, étant si assuré que je suis que le Roy et vous, monsieur, ne voulez que ce qui me sera le plus convenable.

Ao mesmo tempo, como não queria que, mesmo quando se dispunha a dar um passo contrario á vontade expressa do seu principe, o considerassem rebelde, ensina aos ministros inglezes como haviam de corar aquella resolução na

noticia que d'ella dessem para a côrte de Lisboa. A isto se refere no periodo da mesma carta, que diz:

Je prie le Chevalier de Southouel ou en son absence M.r de Grainville ou bien M.r de Paris (Parry?) de vous dire ce qui me mettra á couvert de la mauvaise volonté de mes enemys; j'ay afaire a des personnes, qui ne manqueront point de se prevaloir de toutes les interpretations qu'ils pourront pour me nuire auprés du Prince mon maitre, je ne pretends aucune chose qui soit contre son Royal service, le temps fera connêtre que je dis la pure verité. Assìstez moy Monsieur comme vous avez fait jusques á cette heure et ne permettez point que je fasse naufrage dans le port ou Dieu par votre main m'a conduit.

Tencionava começar a jornada nos primeiros dias de janeiro de 1677; veiu ainda detel-o outra carta de Inglaterra, em que se lhe dizia que a rainha D. Catharina tinha mostrado desejo de que elle adiasse a partida até ser conhecido o resultado de mais uma tentativa feita junto da côrte portugueza. Obedeceu á princeza a quem «o dever e o seu nascimento, diz, o obrigavam a obedecer», e esperou que mais esta condescendencia lhe fosse contada para o seu haver. D. Catharina quiz ella propria agradecer-lh'a; não delegando em ninguem este cuidado, pelo seu punho lhe escreveu a seguinte carta:

Mon cousin. — J'apprens par la lettre que vous m'aves escritte du 3 Fevrier, que vous aves resolu de vous arrester a Turin, et d'y attendre les ordres de mon Frére le Prince Regent de Portugal, c'est assurement le meilleur parti que vous pouvies prendre; et puis que vous aves defferé en cela a mes advis, vous deves croire que je continueray a appuyer vos interests, et a vous donner toutes les marques que vous pouvés desirer de ma protection. J'ay deja escrit deux fois en vostre faveur, et je me prepare a faire un troisiesme effort, qui aura comme j'espere un succes favourable a vostre esgard, et me donnera lieu de vous voir en ce pays cy, et de vous y tesmoigner que je suis — Mon Cousin — De Londres ce 15 Fevrier $167\frac{6}{7}$ — V.re affect.née Cousine = Catherina R.

É provavel que a rainha tivesse previamente feito endereçar ao conde a copia da carta que o marido escrevêra a 4 de janeiro a D. Pedro, carta que este provocára com as

dor e rebelde, vier acolher-se aos meus dominios, ache n'elles a protecção e apoio de que V. M. é o primeiro a dar-me o exemplo.

N'este espreitar dos bastidores da historia portugueza são infelizmente mais frequentes os exemplos de fraqueza do que as provas de energia que vamos encontrar nos nossos homens publicos. Não exageremos os lamentos que nos merecem as puerilidades da nossa vida contemporanea (e escuso lembral-as), não esquecendo que, de todos os tempos, portuguezes de antes quebrar que torcer foram sempre poucos.

Leia-se a carta que D. Pedro escreveu a Carlos II, e diga-se se é injusta a minha observação.

Pedro, por Graça de Deus, etc.

Serenissimo e Poderosissimo Principe, Irmão, Primo e Amigo carissimo. — Tendo Nós recebido a Vossa carta de 4 de janeiro, e visto n'ella, bem como na precedente de 17 de maio do anno findo, com quanto empenho V. A. nos pede que permittamos ao Conde de Castel Melhor o ir viver para Londres nos dominios de V. M., com a mesma auctorisação com que lhe concedemos viver até hoje em Turim; e como V. M. nas referidas cartas empenha a sua fé e real promessa de que o mencionado Conde, sendo bem e cautelosamente vigiado, deixará de gosar da protecção de V. M., caso emprehenda qualquer cousa prejudicial aos nossos interesses e nociva á sua patria; e de que V. M. não interporá mais a sua auctoridade a favor do regresso do Conde para Portugal: Attendendo, alem dos laços de amisade, aos direitos do nosso parentesco, em virtude dos quaes estamos certos da boa vontade com que V. M. se interessa por tudo o que nos respeita, e desejando, alem d'isso, tornar bem patente a V. M. a sinceridade do nosso coração, pela qual movidos em tudo confiamos inteiramente da indole, real promessa e fé de V. M. que não intercederá mais pelo regresso do Conde a este Reino, tendo em consideração a intervenção de V. M. n'este negocio, concedemos a auctorisação que V. M. deseja lhe seja dada, e em virtude d'ella poderá o Conde, inteirado por V. M. d'esta nossa resolução, passar a Bretanha, e viver na côrte de V. M. cuja saude e bem estar encommendamos a Deus com todo o fervor. — Em Lisboa, a 12 de abril de 1677. — De V. M. Bom Irmão, Primo e Amigo = Pedro Principe.

Excellente resposta para a carta de 17 de maio, detestavel para a de 4 de janeiro, na qual Carlos II nem sequer

pedia a auctorisação que agora lhe davam, pois só quizera notificar a D. Pedro que, independentemente da sua vontade, o conde viria habitar no seu reino.

Esquecidas completamente as ridiculas asserções consignadas na carta de 6 de setembro, o principe, dando de barato a dignidade da corôa que tinha obrigação de respeitar, só quiz aproveitar o ensejo, que o cunhado lhe dava, de lhe mostrar que não caíra em sacco roto a promessa que lhe escapára de nunca mais pedir a repatriação do conde. Vê-se que este era o pueril terror da côrte de Lisboa, e que de bom grado consentia em que um soberano amigo honrasse o homem que ella accusava de alta traição, comtanto que a livrassem do medo de o ver regressar.

Carlos II, que ainda não tinha escripto ao conde depois do seu exilio, quiz ser elle o primeiro a dar-lhe a desejada noticia.

Eis a carta que lhe escreveu:

A Londres ce 20 May 1677.—Mon cousin.—J'ay tardé quelque temps a faire response a vos lettres dans l'esperance de vous pouvoir mander quelque chose qui vous fust agreable, ce que je me vois en possession de vous pouvoir faire a cette heure, le Prince de Portugal mon frere vous ayant accordé a ma priére, la liberté de venir dans mes estats, et je fais la presente pour asseurer que vous y seres le bien venu, et que je seray ravi que cela me puisse fournir plusieurs occasions de vous tesmoigner l'estime que j'ay tousjours fait de votre persône, et la verité avec laquelle je suis, Mon Cousin, vostre bon cousin. = Charles R.

Escreveu-lhe igualmente D. Catharina e a ambos respondeu o conde a 19 de junho, multiplicando os protestos de reconhecimento e pedindo a continuação da protecção. Mal sabia a princeza de Portugal, e mal podia elle prever, que pouco depois de chegar a Inglaterra teriam de trocar os papeis, sendo ella, a rainha, a que havia de precisar da protecção do exilado, e encontrar n'elle o defensor, unico talvez, da sua honra, da sua posição, da sua vida; não antecipemos.

Chegára finalmente para o estadista portuguez o mo-

irrisorias accusações inseridas na sua de 6 de setembro. Diz assim:

Serenissimo Principe, Irmão, Primo e Amigo carissimo. — Recebemos a carta de V. A. datada de 6 de setembro ultimo em resposta á nossa de 17 de maio proximo, em que muito amigavelmente pedimos o vosso consentimento para que fosse permittido ao Conde de Castel Melhor acolher-se aos nossos dominios, até que V. A., abrandada com as suas diuturnas miserias sofridas com a maior paciencia, se dignasse emfim restituil-o á Vossa Graça e á sua patria e liberdade. Posto que a principio não insistimos n'isto senão com a esperança de o obter com o tempo, vimos comtudo que a opposição dos inimigos do Conde teve (só n'este ponto) mais influencia em V. A. do que a nossa intercessão. Não sabemos na verdade em que elle se portasse tão immoderada e inconvenientemente que os Portuguezes possam ter horror á sua presença, e muito menos que lhes sirva de tão grande escandalo o ser concedido ao misero e desterrado um logar nos nossos dominios em que possa respirar (1). Na verdade quando nos recordamos da lealdade e talento com que o Conde se empenhou sempre em unir as Corôas Britannica e Portugueza, dos favores que dispensou aos Nossos Ministros que residiram em Lisboa (emquanto administrou os negocios do Estado), e finalmente do conceito que a sua fidelidade e inteireza tem merecido aos justos avaliadores, não podemos deixar de pensar que a sua vinda e convivencia hão de ser, por tantos titulos, muito agradaveis a Nós e ao Nosso povo. Alem de que, depois de termos indagado e conhecido qual tem sido a sua submissão e modestia na côrte de Turim (onde com permissão de V. A. tem vivido tanto tempo) facilmente acreditámos que nada fariamos de excessivo ou de iniquo, pedindo que lhe fosse permittido viver do mesmo modo nos nossos dominios. Com respeito aos interesses de V. A. poderá estar bem certo de que todas as acções do Conde serão aqui tão vigiadas, para que em nada conspire contra o seu Principe e a sua patria, como se vivesse na sua terra debaixo dos olhos de lynce de seus adversarios (2). Porém, assim como não instaremos mais sobre o regresso do Conde para Portugal (no que, *e só n'isso*, entendemos que foi desattendida a nossa carta), até que a sua innocencia, plenamente provada a V. A., possa vencer a pertinaz opposição dos seus rivaes; assim tambem confiamos que V. A. não ha de levar a mal nem julgar fóra de rasão, que exerçamos a nossa clemencia a favor

(1) Textualmente: *Nescimus equidem illum tam immoderate tamque importune se gessisse, ut ad illius aspectum Lusitani cohorreant, multi minus ut scandalo tam gravi afficiantur, si misero et extorri in Regnis Nostris locus respirandi detur.*

(2) ... *sub lynceis adversariorum oculis.*

do homem que tão bem a soube merecer e lhe concedamos nos nossos dominios todas as consolações de hospitalidade que podemos (caso elle queira acceital-as): principalmente tendo a nossa mediação sido tão infeliz, que nenhum outro resultado tenha produzido n'esta occasião alem de induzir o animo de V. A. a ordenar a deportação do Conde para uma ilha remota. Pareceu-nos, portanto, dever participar a V. A. que significámos ao tantas vezes lembrado Conde a nossa dôr pela infructifera intercessão que por elle fizemos, e que lhe offerecemos a Nossa Protecção, que por direito lhe podemos dar, nos nossos dominios; a qual todavia antes quizeramos que elle devesse á Vossa benevolencia do que á Nossa commiseração. Porém, a justa consideração dos seus merecimentos, e o incansavel zêlo, com que de muitos modos serviu a uma e outra corôa, não permittem que o deixemos morrer sob o peso dos infortunios, antes exigem que lhe estendamos a mão auxiliadora e lhe prestemos soccorro tempestivo.

Se aos conselhos da corôa portugueza presidisse a dignidade, que é a melhor defeza dos paizes pequenos, e que presidíra ás resoluções do conde de Castel Melhor quando discutia a paz com a Hespanha, que a Inglaterra lhe queria impor, ou quando debatia as condições da alliança com Luiz XIV, a dignidade que cem annos depois inspirava ao marquez de Pombal as altivas respostas que sabia dar ao gabinete inglez ou á Hespanha, parece-me que a resposta a esta carta seria a seguinte:

Eu melhor do que V. M. estou no caso de apreciar se os actos do conde de Castel Melhor, que presenciei, foram ou não inspirados pela moderação e lealdade. Julguei-o traidor e inconfidente, procedi como pedia o meu interesse e o da corôa que administro, e não será a opinião de V. M., apesar de me merecer todo o respeito, que fará desviar o meu procedimento da linha que escolhi. A ninguem, nem mesmo a um principe amigo a quem me ligam os laços do mais estreito parentesco, reconheço o direito de intervir nos negocios internos da corôa portugueza. Vá o conde muito embora, contra minha expressa vontade, residir na côrte de V. M., obedecendo de preferencia ao convite de V. M., contrario ás minhas ordens, mas não estranhará V. M. que, se de futuro algum subdito seu, trai-

lhe guardado o segredo com lealdade e tinham-lhe beijado a mão, quando o cobriam andrajos, com tanto respeito como se estivesse sentado no throno dos seus maiores. Era de esperar que de similhante escola um rapaz, a quem nem faltava talento nem boas qualidades, saísse um bom e grande rei. Carlos saíu d'esta escola com habitos sociaveis, com maneiras polidas e agradaveis e com um certo talento para a conversação, dado em excesso a prazeres sensuaes, louco por divertimentos frivolos, incapaz de se cohibir e de se occupar, sem fé na natureza humana ou nas affeições dos homens, sem desejar fama e sem lhe doer a censura. Na sua opinião todo o homem se podia comprar: a unica differença consistia em que uns regateavam o preço mais do que outros, e quando este regatear era feito com teimosia e habilidade dava-se-lhe um nome pomposo. Ás tricas com que homens espertos sustentavam o preço do seu talento chamava-se integridade. Ás tricas com que as mulheres formosas sustentavam o preço da sua belleza chamava-se honestidade. O amor de Deus, o amor da patria, o amor da familia, a dedicação pelos amigos, outras tantas phrases do mesmo genero, synonymos delicados e apropriados para o amor proprio. Pensando assim da humanidade, importava-se naturalmente pouco com o que pensavam d'elle. A honra e a vergonha eram para elle pouco mais do que são a lùz e as trevas para o cego. Tem sido muito elogiado o seu desprezo pela lisonja, mas é certo que, sendo apreciado em relação com o resto do seu caracter, não merece elogios. É tão possivel ser indigno de lisonja como ser-lhe superior. Quem não confiar de ninguem não confia em sycophantas. Quem não apreciar a verdadeira gloria tambem não lhe aprecia a contrafacção.

«Depõe a favor da indole de Carlos II, que, pensando elle tão mal do seu similhante, nunca se tornasse um misanthropo. Dos homens pouco via que não fosse odioso. E, comtudo, não os odiava. Pelo contrario, era tão sensivel aos males da humanidade que lhe era altamente desagradavel presencear-lhe os soffrimentos ou ouvir-lhe os

lamentos. Especie de sensibilidade que, comquanto seja apreciavel e louvavel no homem privado, cujo poder para o bem ou para o mal delimita um apertado circulo, tem sido, em principes, mais vezes vicio do que virtude. Mais do que um governante bem intencionado tem deixado provincias inteiras entregues á rapina e á oppressão, só por não querer ver em torno de si senão caras alegres. O homem que hesitar em contrariar os poucos que o rodeiam por amor dos muitos a quem nunca ha de ver não é digno de governar uma grande nação. A fraqueza de Carlos II era tal como nunca existíra em homem de intelligencia igual á d'elle. Era escravisado, não enganado. Homens sem valor e mulheres que elle conhecia, até nos ultimos recantos do coração, e que sabia não lhe terem affeição e não merecerem a sua confiança, podiam facilmente extorquir-lhe titulos, logares, dominios, segredos d'estado e perdões. Deu muito; e, comtudo, nem tinha o goso nem adquiriu a fama que costuma dar a beneficencia. Nunca dava espontaneamente; mas custava-lhe recusar. A consequencia d'isto era que os seus favores íam geralmente, não para os que mais os mereciam, nem sequer para os que elle preferia, mas para o cortezão descarado e importuno que podia obter uma audiencia.

«Os moveis do procedimento politico de Carlos II eram bem diversos dos que actuavam no seu predecessor e no seu successor. Era homem que não se deixava levar pela theoria patriarchal de governo e pela doutrina do direito divino. Ambição não a tinha. Detestava negocios, e mais depressa abdicaria do que supportaria o incommodo de dirigir a administração. Era tal o seu odio ao trabalho, e tal a sua ignorancia dos negocios, que até os amanuenses que assistiam ao conselho, quando elle o presidia, não podiam deixar de rir das suas frivolas observações e da sua pueril impaciencia. Nem se deixava influenciar pela gratidão nem pela vingança; pois nunca houve espirito em que beneficios e injurias deixassem mais transitorias impressões. O seu unico desejo era de ser um rei tal como Luiz XV de França

o foi mais tarde; um rei que podesse saccar indefinidamente sobre o thesouro para a satisfação dos seus gostos particulares, que podesse comprar com riquezas e com mercês pessoas capazes de o ajudarem a matar o tempo, e que, mesmo quando o estado por má administração tivesse chegado á mais profunda humilhação e quasi á ruina, podesse ainda afastar das proximidades do seu serralho as verdades desagradaveis, e recusar-se a ver e ouvir tudo quanto podesse perturbar-lhe o voluptuoso socego. Para estes fins, e só para estes fins, era que elle desejava conseguir o poder arbitrario, se se podesse conseguir sem risco nem incommodo. A sua consciencia nenhum interesse tomava nas questões religiosas que dividiam os subditos protestantes; porque as suas opiniões oscillavam, n'um estado de indecisão satisfeita, entre a descrença e o catholicismo. Mas, ao passo que a sua consciencia era neutral entre episcopaes e presbyterianos, o mesmo não succedia por fórma alguma ás suas sympathias. Os seus vicios predilectos eram precisamente os que mereciam menos indulgencia aos puritanos. Não podia passar um só dia sem os divertimentos que elles consideravam peccaminosos. Como a homem de fina educação e extremamente sensivel a ridiculos, provocavam-lhe gargalhadas de escarneo as suas exquisitices. Alguma rasão tinha na verdade para detestar a austera seita. Tinha, na idade em que as paixões são mais impetuosas e em que a leviandade é mais desculpavel, passado uns poucos de mezes na Escossia, rei de nome, mas de facto prisioneiro nas mãos dos austeros presbyterianos. Não contentes com obrigarem-n'o a conformar-se com o seu culto e a annuir ao seu *Covenant*, tinham-lhe vigiado todos os passos, e tinham-lhe censurado as loucuras de rapaz. Víra-se obrigado a assistir constrangido á interminaveis resas e sermões, e podia julgar-se feliz quando do pulpito lhe não rememoravam insolentemente as proprias fraquezas, a tyrannia do pae, e a idolatria da mãe. Realmente fôra tão infeliz durante este periodo da sua vida, que a derrota, que fez d'elle novamente um vagabundo,

podia ser considerada antes como fortuna do que como calamidade. Influenciado por taes sentimentos, Carlos estava desejoso por deprimir o partido que resistíra a seu pae (1).»

Perdoe-se-me a longa citação e releve-se-me sobretudo a ousadia que me levou a querer interpretar as inimitaveis paginas do escriptor inglez; mas, precisando dizer quem era Carlos II, que podia eu escrever que não fosse pallido comparado com este retrato que honraria um Tacito? Quem escreve assim póde desprezar o cinzel do estatuario, que paginas d'estas valem a melhor estatua.

E era este o homem que o conde de Castel Melhor escolhêra para protector, esta a ultima tábua em que esperava salvar-se do naufragio da sua vida. Em 1677 já Carlos colhêra os fructos do seu caracter, já víra as consequencias das suas predilecções. O renovo de popularidade que os infortunios tinham angariado para os Stuarts víra-o elle apoucar-se depois de cada um dos seus erros, depois de cada uma das inconsequencias da sua politica. Um após outro, tinha tido de abandonar os ministros que escolhia; Clarendon, illustrado, observador, respeitador da lei, da fé e do throno da sua patria, mas desnorteado pelas mudanças sobrevindas durante a sua ausencia, desconhecedor das novas aspirações do seu paiz; Clifford, Arlington, Buckingham, Ashley e Lauderdale, os da Cabala, pervertidos, immoraes e scepticos, sem crenças, sem patriotismo, sem valor real, dignos ministros de tal rei. Então presidia á administração Thomás Osborn, conde de Damby, corrupto e corruptor, como nenhum dos que o tinham precedido, mas que ao menos era inspirado na sua politica externa pelo patriotismo, pela dignidade da corôa que os seus predecessores desprezavam, que o proprio rei não conhecia, por isso, em breve, calumniado pelos agentes de Luiz XIV, a quem a sua presença no governo embaraçava as tramas ambiciosas, teve de retirar-se perante as manifestações hos-

(1) Macaulay, *History of England*, chap. II.

tis da camara baixa cujas aspirações liberaes sempre contrariára.

Quando, logo no principio do reinado, Carlos II começou a encontrar difficuldades em obter os recursos pecuniarios exigidos pelo seu viver devasso, quando viu que não havia partido com que podesse contar, porque os puritanos não tinha elle desejo de contentar, e os realistas cedo lhe foram hostis mal perceberam que mais depressa attendia ás ambições dos validos, ao luxo das amantes, do que tratava de remediar a miseria dos companheiros do pae, das victimas do parlamento, de Cromwell e do militarismo, voltou-se para o homem que enchia então a Europa com a sua ambição, voltou-se para Luiz XIV. O soberano francez era comprador certo para quem quizesse vender-se e podesse auxiliar-lhe a politica invasora, e ninguem mais do que Carlos II estava n'este caso. O auxilio ou sómente a neutralidade da Inglaterra valia muito para quem desejava esmagar a Hollanda, para quem já sonhava em se apoderar da Hespanha e dos seus dilatados dominios; foi por isso que Luiz XIV não hesitou em pagar com o seu oiro (que pouco lhe custava esbanjar) e com illusorias promessas de soccorro no caso de revolta, e até com vergonhosas condescendencias a cumplicidade de Carlos II, e soube assim leval-o a assignar o tratado de Dover, em que se estipulou a *conversão* da Inglaterra á fé catholica, e arrastou-o por duas vezes á guerra com as Provincias Unidas.

Escandalisando o seu povo com a devassidão do seu viver intimo, contrariando-o com a sua politica interna, ameaçando-lhe a liberdade religiosa, magoando-lhe o patriotismo e ferindo-lhe os brios, Carlos II caíria de certo como o pae e como o irmão se não fosse fraco até nos seus erros. E esta fraqueza era qualidade nas circumstancias d'elle, como o é quasi sempre para quem tem de governar immovel e contar com a mobilidade da opinião publica. Principios arraigados, crenças vivas, são pesada bagagem para o rei constitucional que não pensa como a maioria do seu povo. Carlos II ora declarava a guerra á Hollanda, ora assignava

com ella e com a Suecia a triplice alliança, que impunha á paz a Luiz XIV; ora protegia os catholicos com a *Declaração de indulgencia,* ora consentia no *Test act,* imaginado para os excluir da vida publica, e que atacava a consciencia até dos membros da sua familia.

O resultado d'esta politica de intentadas traições e de repetidas fraquezas foi que em breve nem aos cumplices inspirava confiança; as camaras hesitavam em confiar-lhe um exercito, mesmo para declarar a guerra á França, com receio de o ver servir-se d'elle para attentar contra as liberdades publicas; Luiz XIV intrigava para lhe não concederem subsidios, receiando que a sua pusilanimidade o transformasse em adversario da sua politica.

Detestado pelo povo, atraiçoado pelos proprios, desprezado por todos, reinava sem auctoridade, sem gloria, sem dignidade. Que conta podia fazer com a sua protecção um emigrado que nem podia servir-lhe a politica sem nexo, nem queria de certo lisongear-lhe a devassidão?

Poderia D. Catharina, a princeza portugueza, dar ao conde o auxilio efficaz que o marido lhe não podia e lhe não queria talvez dar? Não. A filha de D. João IV de rainha tinha só o nome. Quem quizer saber o que foi o triste penar d'esta infanta de Portugal na côrte ingleza, leia o interessante estudo que lhe dedicou o sr. Silva Tullio no volume XI do *Archivo pittoresco.*

D. Catharina por vezes tinha servido aos diplomaticos do seu paiz de negaça com que tentavam seduzir alliados. Fallou-se em a casar com D. João de Austria, o bastardo de Filippe IV, levando a paz como dote; pensou-se em a dar ao duque de Beaufort em compensação do casamento projectado do principe D. Theodosio com Mademoiselle de Montpensier, a ambiciosa prima de Luiz XIV; chegou a negociar-se-lhe o enlace com o proprio Luiz XIV; e, finalmente, conseguiram sental-a no throno inglez, tendo-a o embaixador Francisco de Mello e Torres, mais tarde marquez de Sande, *offerecido* ao chanceller de Inglaterra, Clarendon.

Por que foi que Carlos II consentiu em casar com a infanta é ponto que ainda hoje está por decidir e que só poderão esclarecer talvez os papeis de Francisco de Mello e Torres, que existem, segundo me informam, em poder de seus representantes.

Do que sabemos do estado das duas côrtes ingleza e portugueza e das suas mutuas relações, se é facil deduzir os ponderosos motivos que levaram a de Portugal a desejar o casamento, origem provavel de poderoso auxilio para a guerra com Hespanha, não é possivel discriminar quaes fossem os da de Inglaterra.

Não foram de certo os dois milhões de cruzados do dote da princeza, quantia pequena, comquanto representasse para Portugal pesado sacrificio, nem Tanger que poucos attractivos devia ter para quem vendêra Dunkerque com o pretexto de economias, nem Bombaim, que os inglezes ainda não sabiam quanto valia e nenhuma importancia tinha então (1).

Da narrativa do sr. Tullio e dos documentos de que se serviu concluo que o verdadeiro movel do casamento foi o desejo que Luiz XIV d'elle mostrou e sobretudo o dinheiro que offereceu para a sua conclusão; Carlos obedeceu mais uma vez ás ordens de quem lhe alimentava os vicios.

Para Luiz XIV o interesse era claro. Convinha-lhe adquirir pelo casamento com Maria Thereza um direito eventual á successão da casa de Austria, mas o que lhe não convinha era que a monarchia de Filippe IV retomasse forças

(1) Ainda ha hoje quem chore em Portugal a entrega de Tanger e de Bombaim. Tanger era para nós então um padrão de glorias passadas, e mais nada; utilidade tinha tão pouca que a propria Inglaterra, pouco costumada a abandonar as suas possessões, em breve reconheceu que era dinheiro perdido o que ali se gastava, e evacuou-a. Se nos tivesse ficado havia de ser por muito tempo causa de ruina, porque não costumâmos ter d'estas coragens. Bombaim ainda era menos. Diamante em bruto nas nossas mãos é joia preciosa nas de Inglaterra, porque para nós era o portal em ruina de um edificio caído, para ella a fachada imponente de solida construcção. Apesar de isto ser claro como a luz do dia ha entre nós quem visite Bombaim, quem lhe admire a crescente prosperidade, os novos bairros e opulentos bazares, e que volte dizendo: «E tudo aquillo podia ser nosso». Podia, mas estaria no estado em que se vê Diu. Que importa? Antes queremos conservar em cofre diamantes em bruto do que vendel-os a quem saiba lapidal-os e os possa montar em vistosas alfaias.

com os ocios da paz e se pozesse em estado de lhe resistir quando elle a atacasse. Ainda lhe não parecia decoroso fazer guerra franca e aberta ao sogro, mas quando appareceu ensejo de lh'a fazer por procuração não o deixou perder. Casando Carlos II com a filha de D. João IV, julgou interessar a Inglaterra na contenda da nossa independencia e leval-a a fazer uma guerra de que mais cedo ou mais tarde elle havia de colher os fructos.

D. Catharina não era a mulher que convinha ao rei de Inglaterra e não tinha as qualidades ou os defeitos de que dependia a sua felicidade na nova posição que era chamada a occupar. Para que um homem futil, licencioso e depravado como Carlos II, admirador de elegancias e insaciavel de folias, podesse ser dominado e fizesse a vida feliz á mulher com quem casasse, era necessario que essa mulher fosse formosa, elegante, illustrada, capaz de lhe tomar o coração, de lhe lisongear a vaidade, de lhe interessar o espirito; era necessario que ao menos podesse ser corrompida, se o não fosse já; era necessario que tivesse as paixões violentas de Barbara Palmer, a vivacidade de Leonor Gwynn, a formosura e depravação de Luiza de Querouaille; era necessario, emfim, que podesse ser esposa e amante, rainha e favorita. Ou então, se se contentasse com a paz domestica e com apparentes deferencias, ter a indifferença de uma Maria Thereza ou a pacifica resignação de uma Maria Leczinska. D. Catharina nem podia representar o primeiro papel, nem soube desempenhar o segundo.

Formosa não o era, apesar da mãe appellar para o testemunho do embaixador francez de Jant, quando o affirmava, quando dizia ser ella um abreviado de todas as perfeições (1), apesar do marquez de Sande se atrever, ao apresental-a ao marido, a perguntar-lhe se o enganára quando a inculcára como tal, e de Carlos II cortezmente lhe responder, que não só elle mas os retratos tinham sido

(1) Despacho de M. de Jant, *apud* Silva Tullio, *Archivo pittoresco*, tom. XI, pag. 119.

mentirosos, porque era muito mais formosa do que diziam. Os historiadores inglezes Hume e Macaulay, reportando-se a testemunhos contemporaneos affirmam que era feia, e os retratos da epocha confirmam a asserção; se os olhos parecem vivos, o beiço da casa de Bragança, que tinha exagerado, e um nariz vulgar e antipathico, deviam dar-lhe um aspecto pouco agradavel. De elegancias não fallemos, que não era de certo nos paços da Ribeira e na aturada convivencia das damas de sua mãe que a infanta havia de ter aprendido a luctar com a garridice e louçania das odaliscas do marido. Illustração não me parece que devesse ser grande. Se no seculo XVI em torno das filhas de D. Manuel e de Luiza Sigea se formou uma pleiade de mulheres instruidas e que se interessaram pelo movimento intellectual despertado pela Renascença, seguindo os exemplos de uma Laura Terracina ou de uma Marguerite de Valois, estudando as linguas mortas e enriquecendo a litteratura patria com producções do proprio engenho, o impulso pouco durou, e nos seculos subsequentes até quasi a nossos dias, o recato das donzellas portuguezas era aferido pela sua ignorancia. Adquirir por meio de uma educação freiratica quanta prenda de mau gosto se ensinava nos conventos, os bordados a missanga e a matiz, e ignorar tudo quanto na mulher póde despertar a independencia do espirito e arrancal-a da influencia do confissionario foi durante seculos a norma da educação. Os estrangeiros que nos visitavam riam dos costumes das senhoras portuguezas, e ainda no principio d'este seculo a duqueza de Abrantes achava nas meninas fidalgas de Lisboa victimas indefensaveis da sua critica mordaz. D. Catharina partilhava de certo da ignorancia geral; a propria mãe que, no documento que já citei, lhe chamava *branda, submissa* e *obediente,* não se atreve a dizel-a instruida. Das linguas estrangeiras sabia a castelhana, porque a bebêra com o leite, e d'ella teve de se servir para conversar com o marido nos primeiros tempos de casada; nem sabia o inglez nem o francez, que só mais tarde se lhe tornaram familiares.

Não era esta a mulher capaz de fazer esquecer ao rei de Inglaterra as favoritas do seu serralho. Por isso, em breve, passado o engodo da novidade, voltou aos seus costumados amores, e tentou impor á nova soberana a convivencia das suas amasias.

D. Catharina não se sujeitou á indecorosa partilha, e não soube conquistar com paciente submissão e caritativa indulgencia a tranquillidade domestica, já que não podia obter com os seus attractivos a felicidade conjugal.

Louvem muito embora severos moralistas rigores como os que ella usou para com o marido e suas amantes, não querendo pactuar com o vicio, que eu prefiro lembrar-me de que o Christo conversava com a Samaritana e trocava em doces palavras as pedras com que os judeus queriam castigar a mulher adultera. Para a maior parte das mulheres, e sobretudo das mulheres portuguezas, a virtude consiste no amor de Deus, que se traduz em praticas mais ou menos supersticiosas e no exacto cumprimento do contrato conjugal; não se lembram ou não se querem lembrar de que os mandamentos são dez, os peccados sete e as virtudes tres, a fé, a esperança e a caridade, e que esta, que vale por todas, não consiste tão sómente em dar com mão larga do superfluo e mesmo em cortar no necessario para acudir a necessidades maiores, porque isso é facil e tem em si a propria recompensa, mas consiste ainda mais em ter indulgencia pelos erros alheios e sobretudo pelos dos mais proximos; quem dá o obulo da sua bolsa ou o pão da sua mesa priva-se, quando muito, de um prazer material, mas quem dá pedaços da propria dignidade, quem abdica de legitimos prazeres, de justificado orgulho, a favor da felicidade dos que o cercam, esquecendo-lhe os vicios e perdoando-lhe as offensas, esse é o verdadeiro caritativo, esse o verdadeiro discipulo do Christo.

D. Catharina era virtuosa; todos o affirmam; teve crenças vivas, foi esposa honesta e deu com mãos largas as sobras dos seus haveres; mas da caridade faltava-lhe a segunda parte, a melhor. Quando o marido lhe apresentou a

futura duqueza de Cleveland, que ella já sabia quem era, não soube conter os impetos do orgulho e recebeu-a como creança mal creada, com lagrimas, com soluços, com ataques de nervos. Foi o prologo da lucta. Carlos II ameaçado no seu viver de folia, que era tudo para elle, cuidando que lhe queriam impor costumes novos e novas virtudes, começou a fazer sentir á princeza que tambem sabia ser tyranno, exigiu-lhe que vivesse com as rivaes, que as chamasse para o seu lado, que as nomeasse suas damas, e, como ella, inabalavel e altiva, resistia appellando para a propria dignidade, para o decoro da côrte, para o seu nascimento e posição, elle, que lhe custava ver soffrer, que não queria ver caras tristes, só lembrado da paixão, separou-a da maior parte dos seus serviçaes, que sem previo aviso embarcou em um navio e remetteu para o cunhado, levantou questões sobre o dote, tratou-a com ruins palavras e por pouco que a não repudiou. Clarendon, o negociador do casamento, e dos cortezãos o que mais sympathia mostrára sempre á rainha, era o intermediario entre ambos; tentou congraçal-os, mas a sua diplomacia veiu encalhar por um lado no orgulho da rainha, por outro na devassidão do rei. Foi necessario que o tempo, que desfaz todas as asperezas e quebra todos os angulos, e o patriotismo (1), dizem, da infanta, que receiava ver a patria privada do auxilio da Inglaterra, lhe abrandassem no animo os primeiros impetos, para que ella annuisse em fazer da duqueza de Cleveland uma dama de honor. Mais tarde, quando já a duqueza de Portsmouth substituíra no coração do rei Eleonor Gwynn, que succedêra á duqueza de Cleveland no incessante voltear dos seus multiplices amores, já estavam tão

(1) Esta princeza portugueza, sentada no throno de Inglaterra, que viu um dia em opposição o interesse da patria e a propria tranquillidade, e que desprezando esta optou pela prosperidade da terra que talvez não tencionasse tornar a ver, quando morreu pediu que a sepultassem em Belem, junto ao irmão, e, quando o corpo d'este d'ali saísse, dessem ao seu igual destino. Para Belem a levaram, e lá estão ainda esquecidos os restos de D. Theodosio e os da infeliz princeza, expostos a todos os insultos, sem resguardo nem cautela. Consentir que se falte ao respeito a reliquias que representam tradições, que ainda servem de esteio a muita cousa em Portugal, é má politica da parte dos que desejam que não se perca tambem o respeito a essas cousas.

esquecidos os seus zelos que espontaneamente a incluiu na lista das nove damas do seu sequito, que as côrtes dispensavam de jurar, que o culto da Virgem Maria e dos santos constituia idolatria; a este acto, diz Cantu (1), chamaram os contemporaneos indecente.

O que é certo é que na epocha em que o conde de Castel Melhor dirigia para Londres os seus passos, D. Catharina poucas relações tinha com o marido, mal o via e nenhuma influencia exercia no seu animo.

N'estas circumstancias que podia ella a favor do emigrado? Clarendon, o seu primeiro protector, já tivera de abandonar, havia muito, a elevada posição que occupára; os cortezãos não queriam de certo contrariar o rei, dispensador de todas as graças, por amor de uma rainha sem attractivos e sem sympathias; a massa da nação, comquanto respeitasse as suas virtudes, accusava-a do maior dos crimes, para os inglezes de então: de ser catholica.

Restava ainda o duque de York. Mais precisava este de protecção do que podia dal-a a outrem. Pouco tempo depois da chegada do conde, teve, como veremos, de fugir, que outro nome se não póde dar á sua retirada, para Bruxellas, para abrandar com a ausencia os odios que inspiravam as suas crenças. A unica virtude que a historia lhe conhece é o fervor com que as defendeu, perdendo por ellas a corôa. Como homem foi tão devasso como o irmão, comquanto fosse mais hypocrita; como rei foi mais incapaz do que todos os da sua raça. Se Carlos ainda tinha algumas das qualidades de um Luiz XVIII, Jayme tinha todos os defeitos e commetteu todos os erros de um Carlos X.

Não sei se consegui com esta rapida e summaria resenha dos vicios e virtudes dos principaes personagens da côrte ingleza estampar no animo dos que a lerem a mesma impressão que recebi quando, no meu indagar da vida do

(1) *Hist. univ.*, tom. XVI, pag. 342, edição de Paris, 1858.

conde de Castel Melhor, quiz estudar, nas fontes de onde a extractei, o caracter dos homens que elle ía buscar para protectores. Se assim foi, todos pensarão commigo que o unico resultado da sua tão contrariada viagem seria a perda de mais uma illusão, e que, se insistisse em procurar ali o caminho do lar domestico, ser-lhe-ía necessario, para que lh'o franqueassem, impol-o com os seus actos, e não contar com a intervenção alheia. A subsequente narrativa mostra-o de sobejo.

VI

Ao despedir-se o conde de Castel Melhor da duqueza de Saboia ou dos seus ministros, entregaram-lhe um documento que encontrei nos seus papeis e que lhe devia servir provavelmente de pretexto para poder tomar parte, na côrte de França, em negociações que interessavam então a de Turim.

É de todas a maior prova do seu merecimento e grande talento o empenho com que os soberanos que no desterro o conheceram trataram de utilisar os seus serviços, antepondo-os muitas vezes aos dos proprios ministros, como succedeu n'esta conjunctura em que a duqueza tinha em París quem a representasse.

O documento diz assim:

A ma soeur la Duchesse de Savoye.

Ma soeur vous ne serez pas surprise de me voir interceder encore pour le Marquis de Livorne par cette lettre de ma main. Vous sçavez trop bien á quoy m'engagent les services continuels d'un homme de cette qualité. Je ne veu pas m'esteindre icy sur les actions de valeur qui l'ont justifié desjá dans le monde ny sur les autres raisons dont je pouvois appuyer ce nouvel office en sa faveur. Il me suffit de vous confirmer que comme touttes ses esperances sont en vostre seule bonté, ainsy j'attend tout de vostre amitié en cette occasion sur la quelle me remettant á ce que J'ay chargé mon Ambassadeur de vous representer de vive voix. Je prie Dieu qu'il vous ayt ma soeur en sa Sainte et digne guarde. — A Versailles le 29.e Juillet 1677. — Vostre bon frere — Signé. Louis.

E em seguida a copia da parte do despacho para o embaixador, que tinha relação com a carta:

Vous recevrez par le Secretaire de Mons.r le Marquis de Livorne une lettre de la main du Roy que Sa Ma.té escrit á Madame Royale sur son sujet. Sa Ma.té m'ordonne de vous tesmoigner que son intention est que vous l'accompagniez des offices les plus pressants aupres de cette Princesse pour en obtenir la grace que Sa Ma.té luy demande en faveur de Mons.r le Marquis de Livorne. Il s'agist de casser des procedures dont en verité toutte sa conduite en France et la maniere dont il y á servy ne l'ont que trop justifié. Il seroit difficile de persuader á personne qu'un homme qui a fait paroistre tant de conduitte et de valeur dans le service de Sa Ma.té en ayt manqué dans celuy de Mons.r le Duc de Savoye et le Roy auroit bien de la peine á croire qu'après tant d'instances Madame peut luy refuser une chose aussy juste et que Sa Ma.té tesmoigna sy fort affectionner. Je ne doute point Monsieur que lors que vous ferez voir á Mons. les Marquis de S.t Maurice et de S.t Thomas qu'ils feront une chose agreable á Sa Ma.té en contribuant á y disposer Madame ils ne s'y portent avec beaucoup de plaisir et c'est ce que vous pouvez leur tesmoigner.

É curioso o episodio da historia dos duques de Saboia, a que este documento se reporta, e vou summariamente referil-o para que se veja a importancia que a duqueza ligava á intervenção do conde na côrte de Luiz XIV (1).

O duque Carlos-Manuel II era ambicioso e poucos escrupulos tinha na escolha dos meios para satisfazer a sua ambição; de resto fôra esta sempre a norma dos principes da sua casa e continuou a sel-o. Parecendo-se n'isto com os soberanos da Prussia os da Saboia, como aquelles, viram n'este seculo coroada com feliz exito a politica tradicional dos seus antepassados; o duque de Saboia chama-se hoje rei de Italia, como o eleitor de Brandebourg se chama imperador da Allemanha, e a historia ha de dizer, quando d'elles fallar, *gloria victoribus*, porque o *gloria victis* só cabe na imaginação exaltada de algum poeta, e os poetas vão-se acabando.

(1) Os factos que vou narrar extractei-os do livro de Gaudenzio Claretta intitulado: *Storia del regno e dei tempi di Carlo-Emanuele II Duca di Savoia scritta su documenti ineditti*, Genova, 1877, parte seconda, cap. v, vi, vii, viii e x.

Carlos-Manuel estava em difficeis circumstancias para satisfazer a ambição que lhe inquietava o espirito. Quasi todos os seus vizinhos eram poderosos e inutil seria tentar roubar-lhes uma pollegada sequer de territorio. Um só, a republica de Genova, já decaída da antiga grandeza, podia ser-lhe adversario commodo. Já por vezes procurára pé para a atacar, e por vezes tambem buscára alcançar o apoio da França ou, pelo menos, a sua annuencia aos projectos de conquista. Nada conseguíra, até que em 1671 contendas mil vezes repetidas entre as povoações da raia dos dois estados, e que n'este anno se deram entre Genova e Rezzo, e sobretudo o louco plano de um refugiado genovez, lhe vieram ministrar o pretexto por que esperava para invadir o territorio da republica.

Chamava-se o emigrado Raphael della Torre e, longe de merecer sympathia e o apoio que o duque lhe deu, não passava de um réu de delicto commum, condemnado na patria, com outros da sua igualha, como pirata. Este homem conseguiu insinuar-se no animo do marquez de Livorno, filho do marquez de Pianezza, e militar distincto, que o apresentou ao duque. Inculcou-se como victima do governo da sua patria, que vivia, dizia elle, curvada a um jugo intoleravel e impaciente por um libertador. Disse que uma tentativa do duque acharia nos republicanos genovezes cumplices em vez de adversarios. Carlos-Manuel acreditou, ou antes bemdisse da sua fortuna que lhe trazia n'aquelle homem o pretexto de que precisava a irrequieta ambição. Quem lhe havia de provar que elle não acreditára na verdade das asserções do emigrado? Quem havia de accusar o libertador de um povo amigo?

Inutil seria referir os promenores do plano que entre ambos foi discutido. Basta dizer que Raphael della Torre devia ir á testa de poucos soldados piemontezes e de accordo com os patriotas da que elle chamava a sua facção revolucionar Genova, apoderar-se do governo e iniciar o reinado da justiça. N'esta parte do plano entravam, como de costume, traições, assassinatos, explosões de minas. Uma

d'estas devia levar pelos ares um convento de frades, e, como a virtude do duque hesitava em consentir que as sagradas particulas soffressem tal desacato, exigiu que os frades fossem avisados; para as creanças e mulheres não quiz aviso. Ao mesmo tempo devia o duque invadir com o seu exercito o territorio *amigo*, e apoderar-se de Savona, que lhe ficaria como insufficiente recompensa de tão importante serviço. A França não era consultada, mas esperava-se que o facto consummado encontrasse em Luiz XIV approvação, e para isso já o íam preparando, chamando a Genova a Hollanda da Italia.

Tudo falhou. O governo da republica avisado em tempo preparou a defeza. Raphael della Torre nem pôde chegar ás portas de Genova e teve de fugir para salvar a vida. Os generaes de Saboia colheram vergonhas onde julgavam colher louros, e o duque esteve para passar pelo desaire de recuperar Oneglia, que os genovezes tinham tomado, em virtude do tratado que Luiz XIV, que se arvorára em mediador, e que adoptára o *statu quo ante bellum* como base da sua decisão, lhe impunha. D'isto se livrou por uma surpreza desleal favorecida pelo descuido dos adversarios fiados nas negociações já adiantadas.

Commandavam de principio as tropas piemontezas o conde Catalano Alfieri e o marquez de Livorno; mais tarde, sobrevindo desintelligencias entre ambos, foi nomeado general em chefe o principe D. Gabriel de Saboia. O conde Alfieri e o marquez de Livorno, servindo já então debaixo das ordens do conde, n'um movimento mal combinado em que tentavam reunir-se ao general em chefe, viram-se forçados a fechar-se em Castelvecchio, praça que havia pouco fôra tomada aos genovezes e estava mal provida de munições e mantimentos, falta de agua, facil de atacar e difficil de soccorrer. Os de Genova aproveitaram o erro ou a necessidade dos adversarios e pozeram-lhe apertado cerco. O conde, perdida a esperança de ser soccorrido a tempo, e, não podendo optar senão entre uma capitulação e uma sortida desesperada com que tentasse

abrir caminho com a espada na mão, movido pelo animo corajoso, escolheu o segundo alvitre. Na execução d'elle houve precipitação; não se encravou a artilheria, e esqueceu na praça a correspondencia do conde Alfieri, que punha a nu todas as tramas do duque. O que não faltou foi o valor, pois os dois generaes, Alfieri e Livorno, á testa dos regimentos de Piemonte e de Monferrato, conseguiram romper as linhas inimigas, saíndo um com 114 homens e o outro com 120. O marquez de Parella, coronel de um dos regimentos da guarnição, ou por menos afortunado, ou por querer remediar o esquecimento dos chefes, não conseguiu seguil-os e teve de render-se á discrição, caíndo em poder do inimigo a praça com 1:300 homens, armas, bagagens, e, o que foi mais penoso ao duque, a sua correspondencia.

Feita a paz, que Luiz XIV teve de impor a Carlos-Manuel, ancioso por uma desforra, imagine-se em que estado ficaria o seu amor proprio, que acabava de passar por similhante prova. Doia-lhe o ter de abandonar os ambiciosos projectos, doiam-lhe os gastos não compensados que fizera, doia-lhe o canto de victoria dos inimigos, e doiam-lhe sobretudo as gargalhadas que a sua desventura excitava na côrte de França e cujo echo chegava até Turim. Tudo podia perdoar menos isto.

O que se dizia em Versailles, em Saint-Germain ou onde quer que o victorioso Luiz XIV passeava os seus amores, a sua opulencia e a sua ambição, era a preoccupação constante das côrtes da Europa, e sobretudo d'aquella, que as circumstancias forçavam a ser um satellite do rei sol. Saber que provocára o riso dos cortezãos e o desprezo dos generaes, que tinham comparado a sua empreza á mesquinha contenda de dois proprietarios questionando sobre extremas e que haviam censurado a inhabilidade dos seus cabos de guerra que se deixavam encurrallar n'uma praça indefensavel, era superior ás suas forças. Alguem havia de pagar; eram-lhe necessarias lagrimas de desespero que compensassem as suas de raiva.

O conde Alfieri e o marquez de Livorno foram os bodes expiatorios. Ter deixado nas mãos do inimigo as provas da sua deslealdade, que podia ser senão traição? Ter atravessado incolume um circulo de ferro e uma chuva de balas, que podia ser senão fraqueza?

Factos d'estes são velhos como o mundo. Houve um senado que agradeceu a um general vencido o não ter desconfiado da patria, mas o exemplo tem tido poucos imitadores. A traição é sempre a facil desculpa da impericia, da imprevidencia ou da infelicidade. Quem se não lembra ainda entre nós de ouvir explicar assim as derrotas dos miguelistas?

O conde Alfieri, velho, cheio de serviços e tendo no proprio corpo as provas d'elles, foi preso, processado, e seria condemnado a morte infamante se antes não morresse na prisão ao desamparo e na miseria. D'elle não temos a occupar-nos.

O marquez de Livorno, mais conhecedor da gente que o cercava, mal viu a sorte do companheiro poz-se a salvo, e foi para França offerecer a Luiz XIV a sua espada. De todos os meios usou o duque para obter a extradição do emigrado ou, pelo menos, para o privar da protecção que lhe davam. Os seus ministros na côrte franceza, o marquez de S. Mauricio e o conde de Ferrero, multiplicavam as instancias, os requerimentos, as calumniosas delações e tudo era annullado pelo procedimento do marquez. Houve quem viesse, nos tribunaes piemontezes, testemunhar da sua cobardia e dizer o quanto lhe tinha custado a fuga de Castelvecchio, mas a isso respondia elle, no cerco de Salins, fugindo sim, mas para a trincheira; na batalha de Seneffe, em que só depois de ferido tres vezes cuidou em se curar. D'elle dizia depois d'esta batalha o principe de Condé: «Portou-se como o proprio Marte».

Mordia-se o duque de raiva impotente, impunha aos embaixadores os mais ridiculos papeis, mas elles só podiam contar-lhe os triumphos do marquez, ainda que fossem compensados pelas suas miserias. Não se livram os ministros

de Saboia da fama de terem querido envolver o marquez n'uma calumniosa accusação de envenenamento, que, apreciada pelos tribunaes francezes, despreoccupados e rectos, serviu de vergonha para os accusadores e de exaltação para o refugiado, que n'essa occasião recebeu novas e incontestaveis provas do grande apreço em que todos o tinham em França.

Chegou entretanto o anno de 1675 e n'elle morreu Carlos-Manuel. Victor Amadeu, seu filho, era creança ainda, e ficou regente a duqueza Joanna Baptista. Luiz XIV pensou que, sendo ella franceza, tão sua parente e tão dependente da sua protecção, facilmente consentiria em remediar as injustiças do marido, sobretudo sendo elle rei o patrono do marquez. Quiz logo intervir, e tel-o-ía feito se este, confiando na sua innocencia, e cuidando que com o duque teriam morrido os odios que o perseguiam, não preferisse tentar perante os tribunaes a revisão da sentença que o condemnára a confisco e morte. Ambos se enganaram. A tentativa do marquez foi improficua, e a duqueza, longe de annuir aos desejos de Luiz XIV, renovou as instancias para que elle fosse entregue aos juizes que o tinham condemnado. Apesar do soberano francez lhe mostrar por isto o seu desagrado, apesar das durezas e ruins palavras com que tratava o embaixador de Saboia, vemos, pelo documento que transcrevi, que ainda em 1677, dois annos depois, ella não tinha desistido do seu intento, e n'esta occasião abusou de certo do reconhecimento, que lhe devia o conde de Castel Melhor, para lhe impor tão triste missão. Triste, sim, ver-se elle, victima de injustiças e caprichos, de invejas e ambições, obrigado a servir de instrumento de perseguição contra quem soffria sorte igual. Custa a acreditar que acceitasse tal papel; creio que não se cansaria em o bem desempenhar e que, pelo contrario, tentou usar da sua influencia na duqueza para obter o perdão do marquez, já que assim é necessario chamar á rehabilitação que lhe era devida.

Prova-o um periodo de uma carta que este lhe escreveu

em 1680, quando finalmente obteve licença para voltar a Turim:

Dal Abbatte di Verona il sabato santo mi é stata Resa la benignissima lettera di cui V. E. mi ha honorato senza data e qual sii stato il giubilo provatto nel vedermi vivo nella memoria d'ell'E. V. col mezzo delle sue cortesi espressioni nel sogetto del mio rittorno a Torino non ho parole ne termini sofficienti per ispiegharlo. Veramente M. R. ha volutto ricolmarmi delle sue gratie piu segnalatte et fra elle ho benissimo ravisatto quelle che mi sono derivate dalli ufficii di V. E. de quali si compiaque favorirmi in tempi tanto boraschozi per la mia famiglia, et se bene all'hora non puotessero ottenere il fine generoso che l'E. V. ne attendeva hanno tutavia fatto la sua impressione. Vorria bene haver havutto la medesima sorte in servir al merito senza pari di V. E. ma la lontananza de'luoghi et la diversitá delle conjunture ha lasciato á me solo l'amaro di non haverla mai potuto servire come tanto desideravo.

De mais negocios fa o conde incumbido por madame Royale; fazem d'elles menção as cartas que tenho á vista, mas como pouco importava ao meu assumpto, e como d'elles não foi o conde o principal negociador, julguei desnecessario averiguar-lhes os promenores.

Nos primeiros dias de agosto já elle estava em París e já fôra recebido por Luiz XIV e pelos seus ministros. A 14 do mesmo mez escrevia-lhe o conde de Butilliera, filho do marquez de Saint-Thomas, e que tinha tambem uma posição importante na côrte de Turim.

Turin ce 14 aoust 1677.

Monsieur. — J'ay fait voir á M. R. la lettre, que V. E. m'a fait l'honneur de m'escrire le 4.me de ce mois, elle y a remarqué sur touttes choses l'affection sincere, que V. E. fait paroistre pour son service, et pour sa gloire, ou ne peut pas prendre les soings que vous vous estes donnés d'imprimer dans l'esprit du Roy, et des ministres l'attachement de La d.te A. R. pour les interests de la France, de parler si bien, et si a propos á m.r de Pomponne de l'affaire de Geneve et des puissantes raisons, qui devroint obliger le Roy á faire donner la sattisfaction qui est devüe a M. R. sans avoir des sentiments plains d'un veritable zele pour les avantages de M. R. qui le connoit tres bien et l'habilité avec laquelle V. E. s'est conduite dans tous les discours dont elle a

pris la paine de m'informer; M. R. m'a commandé de tesmoigner á V. E. de sa part, qu'elle luy en conserve une obligation particuliere, qu'elle souhaitteroit bien de faire paroistre par les effets, et á ce propos elle m'a dit de vous escrire que la Reyne de Portugal luy marque qu'elle ne se resoudroit jamais á recevoir V. E. en Portugal que par les offices de M. R. qui sera tous jours preste de les renouveller avec toutte la chaleur que vous pouvés desirer. Je finis sur cet article, que V. E. ne trouvera pas mauvais que j'aye pris le premier pour luy tesmoigner la joye, que j'ay, que le Roy aye receu V. E. avec un si bon accueil et que touste la cour aye suivi son exemple, J'espere d'aprendre les mesmes nouvelles d'Angleterre, et souhaite tout ce qui peut estre de vostre sattisfaction et de vostre avantage plus que les miens propres; je vous jure que je partirois avec joye si je le pouvois pour vous aller protester que je suis avec plus de respect, et de verité, que personne du monde. Monsieur.—De V. E. Trés humble et tres obeissant serviteur = Buttiliere.

Tencionava o conde não se demorar em París mais que o tempo necessario para bem desempenhar as incumbencias que recebêra em Turim, porém, doença de alguma gravidade o impediu não só de continuar a viagem mas de conferenciar com o conde de Ferrero, embaixador piemontez.

A 15 e a 25 de setembro lhe escrevia o marquez de Saint-Thomas, e n'esta data cuidando que, completamente restabelecido, teria já continuado a jornada, recorda-lhe os desêjos de M. R. relativos á côrte ingleza.

Je crois Monsieur que nous voicy dans la saison que l'Envoyé que le Roy de la G. Bret.e a destiné pour cette cour partira bientost, et cette occasion semblera tres propre pour faire l'insinuation á M. R. de la part de Sa Maj.té, (si elle n'estime mieux de la faire par quelque autre voye et plus promptement) touchante la conduitte presente de la d.e A. R., et l'excitation de s'y maintenir, comme l'estat des choses exige pour le plus grand bien et avancement de la paix. V. Ex.e est maintenant sur les lieux et peut donner les mouvemens qu'il faut, sans qu'il soit besoin d'en dire davantage.

Só nos ultimos dias de setembro pôde o conde seguir viagem. Antes do fim do mez chegava a Inglaterra e era

recebido pelos soberanos com honra e distincção, apesar do embaixador portuguez, D. Francisco de Mello, seu parente, ter recebido ordem de não lhe fallar e de não ter com elle relações algumas.

Saint-Thomas, na carta que lhe escreve a 2 de outubro, quando recebeu a noticia da sua partida para Londres, diz-lhe:

... je ne doutte pas que vous recevies toutte sort de sattisfaction car il sufit de connoistre V. E. pour l'honnorer, et pour la cherir, elle ne sçauroit croire combien on la regrete en ce pais, et avec quels eloges on parle d'elle tous les jours.

E, dias depois a 16, quando já em Turim se sabia como fôra recebido escrevia-lhe Buttiliera, e dizia:

Je suis très marri que l'Ambassadeur de Portugal aye ordre de ne pas parler a V. E., mais je vois avec consolation, que cet incident ne produit pas les mauvais effets qu'on pourroit aprehender.

Continuavam os conselheiros de D. Pedro a sua politica de injustificada perseguição, e continuavam tambem a colher os fructos da falta de tacto com que arriscavam a dignidade da corôa.

Na mesma carta lhe dava o seu correspondente informações relativas aos negocios que o deviam interessar e em que tomára parte em París.

Les affaires d'Avanchi (?) vont tousjours fort mal, comme quand vous partites de Paris, M. R. a pris une bonne resolution pour celles de M. de Livourne. Le Card.l d'Estrées sera icy dans peu de jours, il doit sejourner quelques temps on le verra venir. L'abbé de Vérone se prépare a partir.

De facto o conde durante os primeiros mezes da sua residencia em Inglaterra não foi mais de que um agente diplomatico da côrte de Turim, agente officioso, mas respeitado; os seus conselhos eram ouvidos, e a sua influencia nos homens que o cercavam reconhecida por todos. Rece-

bia e mandava despachos para M. de Saint-Thomas, estava em correspondencia seguida com o marquez de Saint-Maurice, ministro de Saboia em París, e d'ella se vê que este recebêra da sua côrte ordem para o ouvir em tudo. Só com o proprio merecimento, luctando com a ignorancia das linguas, que muito desfavoravel lhe devia ser, soube conquistar tão grande auctoridade em paiz estrangeiro; não será facil encontrar muitos d'estes exemplos.

Os seus despachos, de que possuo copias pela sua letra ou pela do seu secretario, são provas da sua perspicacia e do seu bom senso; chegado de pouco soube logo perceber quaes as cordas que poderia fazer vibrar e quaes era inutil ferir; ao mesmo tempo, possuindo-se do seu papel de ministro de um paiz pequeno, toda a sua cautela era desvial-o de aventuras perigosas, pois bem sabia, por uma longa experiencia, que muitas vezes importa mais á dignidade de uma nação pequena não perceber que se lhe deve satisfação do que exigil-a em tom que não possa sustentar.

Transcrevo alguns d'estes despachos:

Coppie de la lettre pour M. de S.t Thomas.

Monsieur.—Le voyage de Neumarket a donné fort peu de temps libre a m.r Coventry pour recevoir des visites et le desir que j'avois de le pouvoir entretenir un peu sur le chapitre de V. E. m'a empeché de luy donner votre lettre dans une des quatre fois que je l'ay rencontré et parlé en Cour; je luy ay dit l'avoir comme je vous ay deja mandé. On est icy si occupé pour recevoir le Prince Dorange, qu'on ne parle d'autre chose; le monde croit qu'il pourra donner un grande branle a la paix, que pour la guerre on ne la veut point de ce coté cy. Il est certain que l'affaire est delicate, car le prince d'Orange n'auroit point fait un voiage en ce pays icy pour deplaire au maitre, et de l'autre coté il a des exemples dans sa maison, qui luy font voir evidemment combien la paix luy peut être desavantageuse; peut être on assurera la paix et que mess.rs les hollandois auront á soutenir la même guerre dans la paix; nous sçaurons cela dans peu de jours si Dieu nous donne la vie. M. le marquis de S.t Maurice m'ecrit l'estat de sa negotiation et le peu de justice qu'il trouve auprès de m.r Colbert, il me dit de souhaiter que je parlasse icy au Roy, afin que S. M. commandasse á Son ambassad.r qui est en France de parler á m.r Colbert, je luy repond que le Roy n'est point icy, et que je crains fort que cela

ne nous fasse des nouvelles affaires ou donnasse occasion á ce qu'on le fisse dans un autre temps. Je n'ay point de connoissance encore de cette Cour capable de prendre aucune lumiere assurée, neantmoins de que je voy, le Roy desire fort de plaire au Roy de France. Vous savez Mons.r de quel sentiment etoit m.r le Chancelier et vous, je ne voudrois point qu'on fisse des eclats, et quand mon jugement ne repugnasse point á cela pour cette heure, il étoit impossible que je puisse aller á Neumarket etant atteint depuis quatre jours de la fievre quarte. Si M. R. trouve que le contraire de ce que je pense convienne á son service, comme son trés humble serviteur, je ne laisseray point de faire, tout ce qu'elle me commandera, je prie V. E. d'assurer son A. R. de mon aveugle obeissance et de me croire, Monsieur—De V. E. Trés humble et trés obeissant serviteur—Londres ce 7.e 8.bre 1677.

E na mesma data ao marquez de S. Mauricio:

Monsieur.—Je viens de recevoir la lettre qu'il a plu a V. E. de m'ecrire du 2.e octobre. Je suis bien faché de voir la juste raison qu'on a de se plaindre du coté de M. R. sur l'affaire qui vous a mené en France. Le temps promet toutes sortes de choses, vous avez affaire à un ministre qui est fort opiniatre dans ses sentiments. J'espère que la demeure de m.r le Card.l d'Estrées á Turin vous aidera en quelque chose, de l'autre coté je crains que la vente soit chére. Il faut voir et á mon avis V. E. feroit bien si prenant l'occasion du voiage du dit Card.l d'Estrées á Turin elle s'en retournasse, car de votre lettre je tire assez de preuves pour croire que vous serez obligé de le faire sans satisfaction, cela fera plus d'eclat alors, que non pas á cette heure qu'on á quelque pretexte pour se couvrir, et certainement les services de M. R. supposant les choses dans l'estat present gaigneroient beaucoup, voila mon avis, que je soumet comme toute autre chose au jugement de V. E. que je sçay pouvoir mieux qu'aucun autre juger tout. Et si vous pouviez obtenir que m.r le Cardinal eusse ordre de parler de cete affaire, je crois que cela seroit á souhaiter, afin que le pretexte fust plus specieux. Touchant le Roy icy, il est a Neumarket avec tous ses ministres, ou on ne parle d'autre chose que de divertissements, cela n'empecheroit point que je ne fisse le voiage pour servir M. R. si je ne crusse que cela la prejudicieroit plus; premiérement le Roy d'Angleterre ne parleroit point de cette affaire sans la participation a son conseil dans lequel je n'ay encore aucunes connoissances, comme V. E. peut juger du peu de temps qu'il ya que je suis icy, aprés cela je vois comme le Roy desire satisfaire la Cour de France, je doute fort qu'il voulut une affaire de plus de ce coté lá, outre cela nous sçavons fort bien, comme on repond á l'ambassadeur qui est á la Cour de France chez m.r de Colbert ou veritablement on ne luy

repond point; cela supposé, combien de mortifications semblables a celles que nous avons eu s'expose t'on á avoir, quand on sçaura en France qu'on cherche la voye de ce pays icy, V. E. le considere et sache que la France veut tout ce qu'elle veut, et qu'elle ne veut point qu'on s'addresse á personne et que les services particuliers et generaux de M. R. pourroient perdre beaucoup, parce qu'il ne faut point scandaliser celuy qui sous quelque pretexte nous peut faire beaucoup de mal. Vous sçavez encore Monsieur combien de recommandations me furent faites en Piemond par m.r le Chancelier de n'engager point M. R. á aucune chose, comme il me semble etre de l'interest de M. R. Il faut du temps pour decouvrir l'inclination d'une cour. Voila ce que j'ay á vous dire et de plus qu'on ma dit dernierement que l'homme qu'on vouloit envoyer d'icy en Piemond attendoit l'arrivée de celuy qu'on devoit envoyer de ce coté la icy. Je croy etre une autre fois avec la fievre quarte, car il y a deja deux jours d'accés que je sent quelque émotion.

A 25 de outubro, em carta para Saint-Thomas, dizia, depois de uma pagina de cumprimentos:

J'ay rencontré M. Thomas Destine qui est l'Envoyé que le Roy envoye auprés de M. R. il m'a dit qu'il partiroit dans 15 jours ou trois semaines, et á deja touché son argent, il me dit aussy qu'il etoit sur le point de prendre congé du Roy. J'ay cherché Conventry pour luy faire resouvenir ce que je vous ay mandé, mais il est malade de la goutte, neantmoins j'ay laissé á un de mes amis de luy parler, je ne doute point qu'il ne fasse ce qu'il m'a promis. Le reste est toujours dans le même estat, nous attendons icy m.r de Mantaigu bientost. Vous aurez sceu Monsieur les nouvelles de mariage du P. d'Orange, ce sont veritablement celles qui ont éclattées, on ne voit pas une grande gayeté dans le visage des ministres des Confédérez, ils craignent d'autres choses peut estre, qui n'arriveront point. Le Roy montre d'estre fort engagé en la paix. Voilá ce que je puis mander de ce pays icy a V. E. pour le present.

Desnecessario me parece reproduzir aqui na integra todas as cartas que o conde dirigiu aos ministros e funccionarios da côrte piemonteza e todas quantas d'elles recebeu durante este periodo do seu desterro. Se d'estas fiz mais largo extracto foi para que se visse não ser gratuita a minha affirmação e que effectivamente o conde fizera as vezes de embaixador de Madame Royale. A correspondencia

continuou com mais ou menos actividade durante todo o tempo que residiu em Inglaterra.

Nas suas cartas para Saint-Maurice, para Saint-Thomas, para Butilliera que desde os primeiros dias de dezembro de 1677 tomou o titulo do pae, que morreu n'essa occasião, dava o conde noticias da côrte e da cidade como então se dizia, e como o faria qualquer embaixador. N'um dia pintava a Saint-Maurice o effeito produzido nos diversos embaixadores pelo casamento do principe de Orange, e pelo receio das suas provaveis consequencias, a alegria ou fingida ou verdadeira do de Hollanda, a evidente contrariedade do de Hespanha, que era então Borgomeneiro. Contava-lhe n'outro como gastava horas agradaveis em casa da duqueza de Mazarin, onde ía passar todas as noites, e onde se jogava; era ella a bem conhecida Ortensia Mancini, sobrinha do cardeal ministro, que, depois de um viver de aventuras, viera procurar em Londres novo theatro para as suas façanhas. Quando os acontecimentos politicos se complicavam não se descuidava em dar noticia das votações da camara, do estado dos espiritos e das suas provaveis consequencias. E este tirocinio serviu-lhe para adquirir inteiro conhecimento da gente com quem vivia, dos seus fracos e das suas virtudes, e serviu-lhe tambem para conseguir em sete mezes ser por todos apreciado, ter amigos em todas as facções. Breve lhe foi necessario servir-se d'elles.

De Turim lhe contavam os acontecimentos que o podiam interessar ou que precisava conhecer. Nos fins de 1677, o estado das negociações de París e as que de novo tinham sido entaboladas para a venda de Aumale; em janeiro de 1678, a partida do cardeal de Estrées, que ía para Munich negociar com o eleitor algum tratado, segundo se suppunha, e, mais tarde, os boatos que de Roma chegavam relativos á paz. Finalmente, quando o negocio era mais importante era a propria duqueza que lhe escrevia. Assim o fez quando em junho de 1678 resolveu mandar a Nimegue um agente seu sem caracter official e quiz para elle a pro-

tecção de Carlos II, e ainda, em 1679, para negocio de menor importancia real, mas a que ella ligava ainda maior.

Não resisto a transcrever esta ultima carta, que é o curioso documento das mesquinhas preoccupações de uma côrte fraca, receiosa que lhe faltem os testemunhos apparentes de respeito, preoccupações de que nem sempre estão isentos os governos das grandes nações, basta lembrar a trabalhosa gymnastica a que se viram obrigados em certo congresso os embaixadores de França e de Hespanha para que um não chegasse mais depressa do que o outro ao meio da sala em que se deviam encontrar. A carta diz assim:

Monsieur le Comte de Castelmelhor mon Cousin. — Une longue maladie qu'a eü le Comte de Mayan et le mauvais estat de ses affaires domestiques l'ont obligé de differer son voyage d'Angleterre jusques á present. Il s'y acheminera bientost: mais avant qu'il y arrive je voudrois bien estre éclaircie d'une circonstance de ce qui s'y pratique en la reception des Gentilhommes envoyés des Roys oü des Princes qui joüissent des traittemens des testes couronnées, pour qu'il puisse mieux prendre ses mesures, et je crois que vous serés bien aise que je m'adresse á vous preferablement á tout autre, pour tirer cette lumiere, comme je la suis de vous donner en cela une marque de ma confiance et de mon amitié. Vous devés sçavoir pour cet effet que les Envoyés susdits sont conduits á leur premiere audience dans un carrosse du Roy. Il y a quelques années que Sa Maj.[té] Britannique declara de ne leur vouloir plus accorder cet honneur, mais qu'ils y seroient conduits dans le carrosse de Son Chambellan. Cette declaration n'eust pourtant pas son effet; car non seulement quelques Envoyés de Couronne eurent depuis le Carrosse du Roy á leur premiere audience, mais mesme un Envoyé de la Republique de Gennes joüit de cet avantage. Aux deux voyages que le Comte de S.[t] Maurice a fait á la Cour d'Angleterre en qualité de mon Gentilhomme Envoyé il fut conduit á sa premiére audience dans un carrosse de Sa Maj.[té] Brit.[e] On témoignoit de vouloir observer á l'advenir la declaration susd.[e] á l'égard de tous les Envoyés sans exception; et c'est ce que je souhaitterois de sçavoir bien au vray, car j'apprens que m.[r] le Marquis de Bourgmeyner qui est allé quelque temps aprés en Angleterre y eust le carrosse du Roy: et y ayant apparence qu'on aura pratiqué la mesme chose en faveur des autres Envoyés du rang que je vous ay marqué, s'il y en est allé quelqu'un, il seroit bien desagréable pour moy qu'on voulut donner commencement á une regle desavantageux

aux dits Envoyés, par le d.t Comte de Mayan. Je vous prie donc de prendre un éclaircissement bien exact de tout cela et de me le donner en envoyant la response que vous me ferés sur ce sujet á cachet volant á l'Abbé Scaglia, afin qu'il en soit informé, et qu'il puisse en instruire le dit Comte, quand il passera á Paris. Je crois qui est superflu de prevenir vostre prudence sur le ménangement qu'il faut garder, s'il vous plaist, en cela, afin que je ne paroisse en rien dans tous les soins que vous prendrés pour tirer cette connoissance et que vous agissiés avec tant d'addresse qu'on ne puisse nullement s'appercevoir que vous ayés en cela aucun autre motif que celuy d'une honneste curiosité des usages de la cour. Je serois bien aise en mesme temps de sçavoir aussy si on y traitte égalément en toutes choses les Envoyés et les Residents, oü quelle distinction on fait des uns aux autres. J'attens ce nouveau temoignage de vostre affection, vous asseurant que vous devés tousjours faire un conte certain sur la mienne, puisque je suis avec une estime parfaite — Monsieur le Comte de Castelmelhor mon Cousin — Je vous prie aussi de me marquer si les envoyés et les Residents voyent les Ambassadeurs, dans leurs maisons, s'ils en ont la main ou non, on s'il ne les voyent qu'en lieu tiers á cause qu'il ne leurs veulent pas donner la main si c'est une maxime establie et un usage en Angleterre que les envoyés ne voyent point les Ambassadeurs pour la raison susd.te ou si l'usage est incertain c'est á dire que les uns fassent d'une manière, et les autres de l'autre et les quels les voyent, et ne les voyent pas. — Vostre affectionnée Cousine = M. J. Baptiste. — De Turin le 22 avril 1679.

VII

Mais graves eram então as preoccupações do conde do que as que lhe podiam provir da sua interferencia nos negocios da casa de Saboia. A rainha, cujo auxilio elle procurára com tanto empenho, viu-se, poucos mezes depois da sua chegada a Inglaterra, ameaçada na reputação, na dignidade, e talvez na propria vida, em risco, pelo menos, de ter de descer ignominiosamente os degraus do throno ou de passar á posteridade com o labéu de envenenadora, e, se escapou ao perigo, a elle o deveu. Vejamos como.

Permitta-se-me recorrer de novo ao grande historiador inglez para pintar o que era então o estado da Gran-Bretanha.

«Poucos mezes (1) depois de terminadas as hostilidades no continente sobreveiu uma grande crise na politica ingleza. O peculio de popularidade, grande como era, com que o rei começára o seu governo, havia muito que estava gasto. Ao enthusiasmo leal succedêra profundo desamor. O espirito do povo tinha passado de novo pelas phases por que passára entre 1640 e 1660, e por mais uma vez estava no estado em que se achava quando se reunira o Longo Parlamento.

«O descontentamento que predominava compunha-se de variados sentimentos. Um d'elles era o orgulho nacional

(1) Macaulay, *Hist. of England*, cap. II.

ferido. A presente geração tinha visto a Inglaterra, durante uns poucos de annos, alliada n'um pé de igualdade com a França, vencedora da Hollanda e da Hespanha, dominadora dos mares, terror de Roma, e á testa dos interesses protestantes. Os recursos não tinham minguado, e devia esperar-se que fosse pelo menos tão considerada na Europa com um rei legitimo, forte da affeição e voluntaria obediencia dos seus subditos, como o fôra com um usurpador, que precisava de toda a vigilância e energia para conter um povo amotinado. Comtudo, devido á estupidez e nenhum valor dos que a governavam, tinha caído tão baixo que qualquer principado allemão ou italiano, que podesse pôr em campo 5:000 homens, tinha mais auctoridade no concerto das nações.

«Á consciencia da humilhação nacional juntava-se a anciedade pelas liberdades civis. Boatos, na verdade mal definidos, mas por isso mesmo talvez mais aterradores ainda, imputavam á côrte ruins planos contra todos os direitos constitucionaes dos inglezes. Até se tinha segredado que na execução d'elles interviriam forças estrangeiras. O pensar em similhante intervenção fazia ferver o sangue mesmo dos realistas. Alguns, que sempre tinham professado a doutrina da obediencia sem limites, ouviam-se agora dizer que havia um limite para tal doutrina. Se forças estranhas fossem chamadas para avassallar a nação, não respondiam pela sua paciencia.

«Mas nem o orgulho nacional nem o receio pelas liberdades publicas tinham tão grande influencia no animo popular como o odio á religião catholica romana. Este odio tornára-se uma das paixões dominantes da communidade, e era tão forte nos ignorantes e profanos como nos protestantes por convicção. As crueldades do reinado de Maria, crueldades que, mesmo na mais imparcial e sobria narrativa, excitam justo horror, e que nem eram contadas imparcial nem sobriamente nos martyrologios populares, as conspirações contra Isabel, e sobretudo a da Polvora, tinham deixado no animo do povo um profundo e amargo

resentimento, alimentado pelas commemorações annuaes, as preces, as fogueiras e as procissões. Deve acrescentar-se que as classes que mais se distinguiam no amor ao throno, o clero e a nobreza territorial, tinham rasões particulares para odiar a igreja de Roma. O clero tremia pelos seus beneficios, e a nobreza pelas suas abbadias e grandes estados. Emquanto se conservou viva a memoria do reinado dos santos, o odio ao catholicismo tinha, n'um certo grau, cedido o passo ao odio ao puritanismo; mas, durante os dezoito annos decorridos desde a restauração, tinha este diminuido e aquelle augmentado. As estipulações do tratado de Dover de poucos eram bem conhecidas, mas alguma cousa tinha transpirado. A impressão geral era que um grande golpe ía ser vibrado á religião protestante. Suspeitava-se que o rei tendia para Roma. O seu irmão e herdeiro presumptivo era conhecido por catholico fanatico. A primeira duqueza de York morrêra catholica. Jayme tinha então, apesar das representações da Camara dos Communs, casado com a princeza Maria de Modena, catholica tambem. Se houvesse filhos d'este matrimonio, havia rasão para receiar que podessem ser educados na religião catholica, e que uma longa serie de principes, hostis á fé nacional, viesse a sentar-se no throno inglez. Havia pouco que a constituição fôra violada para defender os catholicos das leis penaes. O alliado por quem a politica da Inglaterra tinha, durante muitos annos, sido governada era não só catholico mas um perseguidor das igrejas reformadas. Com um tal conjuncto de circumstancias não é de estranhar que o povo estivesse inclinado a receiar que voltassem os tempos d'aquella que elle chamava a sanguinolenta Maria.

«Assim a nação estava em tal estado que a menor faúlha podia levantar uma labareda.»

Quando com justa causa ou sem ella um povo se possue de tàes preoccupações, é inutil querer desviar o curso da opinião publica, corrente furiosa que represada cedo rompe os diques que lhe anteponham, levando tudo diante de si, esmagando no seu inconsciente redemoinhar innocentes e

culpados. Ai d'aquelle que tiver a coragem de o contradizer! Em compensação podem contar com o triumpho os que souberem fallar-lhe ao paladar. E ha sempre quem saiba especular com taes paixões, sempre quem dê de barato a vida, a honra, a fortuna de muitos, quando da ruina d'ellas possa provir a propria prosperidade. Lisonjeiam-se os preconceitos populares como se aviventam os receios dos soberanos, e o fim é sempre o mesmo: arrancar ás paixões de uns ou aos medos dos outros a posição que se não póde haver com o proprio merecimento. Facil empreza, porque quando por qualquer causa, calamidades naturaes ou erros dos que governam, um povo chega a esse estado morbido em que vê por toda a parte inimigos, quer se chamem judeus, quer se chamem jacobinos, quer se chamem catholicos, tem certa a popularidade quem tiver a triste coragem de lhe apontar victimas para os seus furores. E nunca falta quem queira ligar o nome a taes façanhas.

Em Inglaterra, o homem que ligou o seu ao episodio que a historia chamou o *Popish Plot*, estupenda manifestação do odio que geralmente inspiravam os catholicos, chamava-se Tito Oates (1). Ninguem mais baixo, ninguem mais infame, e ninguem que pelos antecedentes menos confiança devesse inspirar.

Filho de um prégador anabaptista tomou ordens na igreja anglicana, e pelo duque de Norfolk foi provido n'uma pequena parochia. Processado como perjuro teve artes de escapar ao castigo. Foi d'ali para capellão de um dos navios da esquadra, de onde foi expulso por crimes vergonhosos. Converteu-se então ao catholicismo, para surprehender os segredos da seita, affirmava elle mais tarde. Mandaram-n'o para o collegio dos jesuitas de Saint-Omer. D'ali foi em missão para Hespanha, de onde regressou para o mesmo collegio. Finalmente, ou porque se cansasse d'este papel, ou porque esgotasse a paciencia dos seus pro-

(1) Hume, *Hist. of England*, chap. LXVII.

tectores, voltou para Inglaterra, onde o estado dos espiritos lhe inspirou a portentosa invenção que alagou de sangue innocente os cadafalsos inglezes.

No dia 12 de agosto de 1678, estando Carlos II a passear no parque, approximou-se d'elle um homem chamado Kirby, chimico de profissão, e disse-lhe que tomasse conta em si, que havia quem tencionasse intentar contra os seus dias. Interrogado, declarou que dois homens, chamados Grove e Pickering, se tinham compromettido a fazer fogo sobre o rei, e que o medico da rainha sir George Wakeman, promettêra envenenal-o. Fôra-lhe isto revelado por um dr. Tongue, que se promptificava a testemunhar o facto. Tongue, ministro anglicano, activo, incansavel, diz Hume, cheio de projectos e falto de intelligencia, declarou que possuia papeis em que a conspiração se achava desenvolvida. Disse a Danby, a quem o rei entregára o negocio, que os papeis lhe tinham sido introduzidos secretamente em casa, mas que desconfiava de onde vinham. Dias depois veiu dizer que com effeito eram fundadas as suas suspeitas, e que o individuo de quem desconfiára lhe viera revelar todos os promenores da trama, mas que desejava não ser conhecido. Persistiu em accusar Grove e Pickering, e n'uma das entrevistas disse que sabia que n'aquella noite seria mandado pelo correio, para Windsor, um masso de cartas dirigidas a um jesuita, Bennifield, e escriptas por outros que tomavam parte na conspiração. Quando foram contar a Carlos II este novo incidente, respondeu que as cartas já estavam em seu poder, que as entregára Bennifield ao duque de York, dizendo que receiava que o quizéssem envolver em qualquer trama, por isso que recebêra aquelles papeis compromettedores, e que não eram da letra dos signatarios, que conhecia. Este facto, o mysterio que envolvia o negocio, o ambiguo proceder dos delatores, fizeram suspeitar ao rei e aos seus conselheiros que tudo era uma invenção e que com elle queriam especular. Porém o duque, que via os jesuitas e até o seu confessor debaixo do peso de uma accusação tão grave, e que queria que a sua

innocencia fosse a todos bem patente, não consentiu que o negocio caísse em esquecimento e exigiu que pelo conselho fosse examinado. Em virtude d'esta exigencia, Kirby e Tongue novamente interrogados, confessaram que viviam intimamente com Tito Oates, e que este fôra quem primeiro lhes dera noticia da conspiração.

Tinha Oates finalmente conseguido os seus fins, começavam a ligar importancia á sua delação e estava em vesperas de ser ouvido pelo conselho; mas, como percebeu que não era ali que as suas historias haviam de encontrar ouvintes predispostos a acredital-as, foi com os companheiros á presença de sir Edmondsbury Godfrey, magistrado conhecido pela sua actividade, e com a maxima publicidade fez revelações completas.

Foram estas de tal ordem, tão inverosimeis e absurdas, que mais pareciam forjadas de proposito para que ninguem lhes podesse dar fé. Custaria a acreditar que serviram de base para a condemnação de muitos, de pretexto para medidas violentas e para leis de excepção, se não soubessemos que a cegueira das paixões populares é tal que mais facilmente crê em impossiveis do que confessa a inanidade dos seus preconceitos. No tempo do cerco do Porto os prégadores miguelistas contavam ao povo das aldeias que D. Pedro comia creanças assadas, e liam do pulpito o numero da *Chronica constitucional* em que se dizia que sua magestade comia ao jantar *um pequeno assado. Nihil sub sole novum.*

Eis em resumo o que affirmava Oates. O papa tendo feito examinar pela congregação *de propaganda* os direitos que tinha á Inglaterra, reconhecêra que, pela heretica cegueira do soberano e do povo, podia elle dispor da corôa como entendesse. Delegára nos jesuitas o exercicio d'estes direitos, e o geral Oliva, assumindo a auctoridade real, fizera já a nomeação dos cargos mais importantes; tinham sido contemplados n'esta distribuição lord Arundel, lord Powis, sir William Godolphin, Coleman, Langhorne, lord Bellasis, lord Peters, lord Stafford, alem de outros perso-

nagens menos importantes. Os bispados e beneficios estavam da mesma fórma distribuidos a individuos de todas as nações. Carlos II fôra solemnemente julgado n'uma assembléa de jesuitas e condemnado á morte. Para que a sentença fosse executada offerecia o padre Le Shee (assim chamavam o Père La Chaise!) 10:000 libras, outro tanto dava um provincial hespanhol, 6:000 o prior dos benedictinos, e nada offereciam os dominicanos porque se diziam pobres. Tinham sido offerecidas a sir George Wakeman, o medico da rainha, 10:000 libras para que envenenasse o rei, mas exigíra 15:000, e fôra este o preço ajustado; já lhe tinham sido pagas 5:000. Se falhasse a tentativa estavam contratados quatro irlandezes por 20 guineos cada um para o apunhalar em Windsor, e Grove e Pickering deviam matal-o com *balas de prata;* para isto recebia o primeiro 1:500 libras, mas o segundo, homem muito devoto, exigíra que lhe pagassem em... *missas!* O preço ajustado com este era de trinta mil missas, avaliadas a shilling cada uma! Como ultima precaução Coniers, um jesuita, comprára por 10 shillings uma faca para apunhalar o rei. Completava o plano uma grande subscripção nacional com este fim. Havia apostas de que elle não tornaria a comer *Christmas pye,* e diziam que se não quizesse ser R. C. (Roman Catholic) havia de deixar de ser C. R. (Carolus Rex). Dizia mais o phantasioso delator que o incendio de Londres fôra obra dos jesuitas, que n'essa occasião tinham roubado rios de dinheiro. Projectavam-se insurreições, incendios, assassinatos; Jennison, jesuita tambem, affirmava que os catholicos de Londres podiam n'uma só noite matar cem mil protestantes. Na Escocia já havia oito mil adhesões. Na Irlanda havia de matar-se Ormond e todos os protestantes; para a sublevação da ilha dava Coleman 200:000 libras, e Luiz XIV promettêra poderoso exercito. Por ultimo, deviam offerecer a corôa ao duque de York, querendo elle comprometter-se á destruição completa da religião protestante, querendo annuir ao assassinato do irmão, á ruina e destruição da maior parte do povo inglez.

Tão mal estudado tinha Oates este encadeado de mentiras que, sendo no conselho acareado com Wakeman e Coleman, nem conheceu um nem o outro, quando nas suas declarações pretendêra ter tido relações com ambos. Na mesma occasião disse que D. João de Austria, com quem dissera ter tido varias entrevistas, era alto e magro, quando o contrario era a verdade, e sendo-lhe pedida informação a respeito da situação do collegio dos jesuitas de París, onde dissera ter estado, errou n'isso como no mais.

Apesar de serem tão evidentes as provas da falsidade, foi tal a popularidade que em pouco tempo alcançou a revelação, tal a fé que a massa da nação lhe prestou, que breve ninguem houve que se atrevesse a contestar-lhe a veracidade. Duvidar era ser cumplice, e ninguem queria arriscar a vida em tal contenda. Os proprios que tinham tido nas mãos as provas da mentira não tiveram outro recurso senão calar-se. Alem d'isto houve logo quem quizesse especular com o facto, quem soubesse tirar d'elle partido para o triumpho da sua facção e para a ruina da dos contrarios. No proprio conselho, o conde de Danby, inimigo do partido francez e dos catholicos, acolheu com favor a inverosimil historia. Assim o medo de uns, o fanatismo de outros, a má fé de alguns, breve transformaram todos em cumplices do calumniador.

Para cumulo de desgraça na busca feita nos papeis de Coleman, quando foi preso, encontrou-se uma correspondencia com o Père La Chaise, que para os espiritos preoccúpados foi sobeja prova da verdade do plano. Abrangia os annos de 1674, 1675 e 1676, e versava sobre a conversão da Inglaterra. Devem existir milhares de cartas escriptas hoje de Inglaterra para França e para Roma em que se diga tanto ou mais do que diziam as cartas de Coleman, e estas tão bem podiam referir-se á Inglaterra como ao principado de Satzuma, no Japão, á China, ao Canadá ou a qualquer dos paizes em que os jesuitas tinham missões; descobertas hoje, publicadas mesmo n'algum dos jornaes ultramontanos, passariam despercebidas, e nenhum

protestante, dos mais fanaticos, se preoccuparia com os seus dizeres; mas os tempos então eram outros e differente o estado dos espiritos; ainda não podia ter esquecido que os catholicos e especialmente os jesuitas sem escrupulo tinham planeado fazer saltar uma parte da cidade, e por isso não admira que se sobresaltassem os animos quando se divulgavam trechos taes como o seguinte:

«Temos aqui um enorme trabalho entre mãos, nada menos do que a conversão de tres reinos e, por ella talvez, a completa destruição de uma pestilenta heresia, que por tanto tempo tem dominado uma grande parte d'este mundo septentrional. Nunca houve tanta rasão de ter esperança, desde os dias da rainha Maria, como nos nossos. Deu-nos Deus um principe (o duque de York) desejoso de ser o auctor e instrumento de tão gloriosa empreza; mas a opposição que havemos de encontrar é tambem provavel que seja grande, por isso convem-nos não desprezar nenhum auxilio.»

Como este muitos outros em que se fallava na indulgente e venal cumplicidade de Carlos II, no auxilio da França, em tudo quanto podia irritar os crentes e inquietar os patriotas. O panico foi geral, de um extremo ao outro do paiz se levantou um grito de terror e de indignação excitado por taes revelações.

Ainda outra circumstancia acabou de desvairar o espirito publico e de tirar completamente a força a quem se se lembrasse de resistir á corrente, se alguem houvesse. Poucos dias depois de ter ouvido o depoimento de Oates, Godfrey, o juiz que o recebêra, appareceu morto. Comquanto nada indicasse que os catholicos tivessem interesse em o matar, pois, ouvindo os seus accusadores nem lhes mostrára parcialidade nem amor, comquanto não se podesse logicamente attribuir o facto a vingança, porque elle recebêra a denuncia em virtude do seu cargo sem a procurar nem desejar, foi geral a opinião de que elles tinham sido os auctores do crime. Chegou então ao seu auge a irritação popular, aggravada por não pequena dóse de medo:

A morte do juiz foi para o vulgo o começo da realisação da trama, e acreditava que se não se lhe acudisse depressa seria seguida por mais assassinatos, por insurreições, por incendios. Ninguem se reputava a salvo e todos clamavam por medidas extraordinarias e energicas; uns convencidos, outros receiosos sim, mas de serem accusados de tibieza ou de cumplicidade; outros, finalmente, e não poucos, esperando lucrar tanto mais quanto maior fosse a desordem. Chegou-se a pôr a cidade em attitude de defeza, fechando-se as ruas com estacas e correntes.

Quando em 21 de outubro reuniu o parlamento o proprio Carlos II, apesar de convencido da impostura do accusador, não pôde resistir a Danby, e, constrangido, fez menção da conspiração no discurso da corôa.

As camaras seguiram, como era natural, o impulso que lhes dava o paiz e exageraram-o, se era possivel. Multiplicaram os votos, as representações, as mensagens, ordenaram a prisão dos lords accusados, publicaram leis de repressão, iniquas e violentas, e finalmente, assumindo o poder judicial, entregaram a uma commissão parlamentar o interrogatorio dos réus e das testemunhas. Oates, infame, baixo, vil, mesmo quando não fosse calumniador, por todos era applaudido, por todos festejado e reputado o salvador da Inglaterra. O parlamento recommendou-o ao rei. Deu-se-lhe casa em Whitehall, uma guarda para o defender, e 1:200 libras de pensão.

Não apparecêra até ali mais do que um accusador, e era difficil mandar os réus para a morte tendo tão pequena base para o processo, mas era de esperar que não faltassem tratantes a quererem partilhar a gloria, a popularidade e a fortuna de Tito Oates.

O primeiro que appareceu foi Guilherme Bedloe, cavalheiro de industria, accusado de roubos, homem de todos os officios, que habitára em toda a Europa e usára mil nomes; tão baixo, tão vil como o proprio Oates. Veiu dizer que o assassinato de Godfrey tinha sido commettido em Somerset-House, habitação da rainha, por catholicos,

alguns dos quaes eram creados da sua casa. No primeiro dia declarou que nada sabia relativo á conspiração, mas no dia seguinte, vendo que d'isso dependia a sua popularidade, recordou-se de cousas que na vespera dissera não saber, e repetiu a narrativa de Oates, acrescentando-lhe novos e ainda mais extraordinarios e inverosimeis promenores, augmentando, como era natural, a lista dos accusados com os nomes de lord Carrington e de lord Brudenel, que logo foram presos.

Com este novo incidente cresceu ainda a colera popular. Na propria camara dos pares havia quem de boa fé ou com ruins tenções se applicasse em manter a excitação dos espiritos. Um dos lords atreveu-se a dizer n'um discurso que «o seu desejo era que não houvesse em Inglaterra nem um só homem nem uma só mulher catholicos; que não houvesse um cão nem uma cadella catholicos; nem um gato catholico para roncar e miar em torno do rei».

Animados por taes exemplos, soffregos por novos triumphos, ha mesmo quem affirme que directamente aconselhados pelos caudilhos do populacho, Buckingham e Shaftesbury, Oates e Bedloe vieram declarar que a rainha planeára envenenar o marido, e que sir George Wakeman não fizera mais do que obedecer ás suas ordens.

O perigo era grande para a infeliz princeza. Protector não o tinha. Em 9 de agosto d'aquelle anno tinha morrido o embaixador portuguez D. Francisco de Mello, quando se dispunha a partir para o congresso de Nimegue, e ainda se não pensára em nomear-lhe successor. Tinha frades á roda de si; Fr. Christovão do Rosario, os padres Bento de Lemos e Manuel Dias, fracos intermediarios, tristes advogados para uma causa em que de um momento para o outro podiam ser elles tambem réus. Com o rei não podia contar. Já vimos quaes eram as relações que entre ambos existiam, vimos que desde os primeiros annos de casada perdêra a rainha a influencia que lhe podiam dar, se não os attractivos, a condescendencia e mansidão. Pensaram logicamente os que aconselharam a Bedloe e Oates a accusa-

ção da rainha se contaram com a indifferença de Carlos II; era de esperar que, não lhe tendo elle amor, servindo-lhe de peia no seu viver devasso, e tendo perdida a esperança de ter d'ella filhos, de todo se abandonasse á corrente que o arrastava, e aproveitasse a occasião para a repudiar, o que as leis lhe permittiam, quando de mais a mais fazel-o era livrar o paiz de graves preoccupações, pois, casando segunda vez e tendo filhos, estava resolvida a questão da successão que a religião do duque de York e de sua mulher ameaçava levantar. Verdade é que motivos d'estes pouco influiam no animo cynico de Carlos II, que era dos que pensam que com elles se acaba o mundo; bem se importava elle que depois de morto os inglezes se esfarrapassem em torno da sua successão, comtanto que durante a vida o deixassem folgar. Mas, alem de tudo mais, defender a rainha não era facil, e quem o quizesse fazer havia de dispor-se a perder o somno com os cuidados que d'ahi lhe viriam, a pensar muito e muitas vezes sobre a mais insignificante resolução, e para tanto não era Carlos II, que nos pintam incapaz de prestar attenção seguida a qualquer negocio, por mais de perto que lhe tocasse.

Enganaram-se comtudo os que assim raciocinaram, pois Carlos II, quando lhe levaram a mensagem da camara, respondeu: «Pensam que eu appeteço uma nova esposa; mas ainda que assim seja eu não hei de consentir que se persiga uma mulher innocente».

De onde provinha tão desusada energia? Como tinham brotado de repente d'aquella alma devassa tão generosos sentimentos? Provinham, diz-nos o sr. Pinheiro Chagas (1), do coração bondoso do rei; brotaram, affirma Hume, da sua generosidade. Provinham, dizem os documentos que tenho á vista, tão sómente da intervenção energica, opportuna e intelligente do conde de Castel Melhor. Se assim não fosse, se com effeito Carlos II tivesse encontrado em si proprio uns restos de leaes sentimentos que o levassem

(1) *Historia de Portugal*, vol. VI, pag. 304.

espontaneamente a defender a mulher, viria elle tempo depois attribuil-o ao conde em carta para D. Pedro, que hei de transcrever adiante? Se assim não fosse dil-o-ía a rainha em documento publico quando quiz recompensar-lhe os serviços? Se assim não fosse atrever-se-ía elle proprio a affirmal-o alto e bom som a quem o queria ouvir, sem receio de ser desmentido?

O que foi o proceder do conde durante os primeiros tempos da conspiração até que o nome da rainha foi proferido pelos vis calumniadores, não o sei. É provavel que pensasse mais de uma vez em saír de uma côrte em que, longe de achar o remedio que viera buscar para as suas afflicções, encontrava risco para a propria vida, pois era certo que no dia em que uma das testemunhas se lembrasse de incluir o seu nome na lista dos conspiradores não seria de certo Carlos II, que não queria nem podia defender os lords da sua côrte, que poderia desviar o golpe dirigido a um emigrado sem protecção e cuja morte encontraria applausos até no seu paiz.

Mas no dia em que foi atacada a pessoa da rainha, o conde esqueceu o proprio risco e não mais se lembrou senão dos deveres que lhe impunha a sua qualidade de fidalgo portuguez.

Valeu-lhe então a popularidade que conseguíra obter, o muito que soubera estender as suas relações, o agrado que achava em todos, a facilidade com que entrava em toda a parte, até nos aposentos do rei.

O papel que tinha de representar era o de pretendente importuno, o de procurador solícito, o de conselheiro auctorisado.

O primeiro ponto a conseguir era que o rei pela sua attitude impozesse ás camaras o respeito da pessoa da rainha, e não consentisse que a processassem como tinham processado os lords. Isto obteve-o o conde, se se admittir a minha hypothese, tão bem fundamentada como logo veremos, ou nasceu do animo de Carlos II, se quizermos deixar-lhe essa gloria de ter feito uma vez o que devia.

Não admira que entre os papeis do conde eu não encontre um só que diga respeito a esta primeira parte da sua missão, porque é certo que pessoalmente devia elle ter tratado negocio tão urgente, procurando os ministros, a rainha e o rei, fallando-lhes uma e muitas vezes, importunando-os a todas as horas. Deviam existir os promenores d'estas horas de angustia nas suas cartas para o irmão, Simão de Vasconcellos e Sousa, o seu correspondente em Portugal, cartas que não existiam nem existem no cartorio da casa e que provavelmente estão perdidas. Ali devia elle contar a sua primeira entrevista com a rainha, quando acudiu ao seu chamamento, o terror da princeza, o susto das damas e dos frades, que previam um triste futuro, os seus passos para chegar ao rei, as hesitações d'este, se as teve, a propria angustia e a incomparavel alegria quando viu recompensados os seus esforços.

Posto de parte o receio de ver a rainha abandonada á furia dos energumenos, era necessario conseguir que não lograssem condemnal-a indirectamente, já que não tinham podido arrastal-a pelos degraus do throno. Para isto era forçoso obter a absolvição do medico, pois, ainda que elle já estivesse preso e processado quando da rainha se fallára, desde o momento que as mesmas testemunhas que o accusavam vinham denunciar a cumplicidade d'ella, o jury que, acreditando-as, o mandasse para o cadafalso, estampava ao mesmo tempo um ferrete indelevel na reputação da rainha. Pensar em o fazer absolver immediatamente era inutil, porque, fosse qual fosse o jury, havia de ser composto de homens aterrados e receiosos de serem accusados de tibios no que era chamado a salvação publica; por isso julgava o conde que a primeira necessidade era pôr de parte o processo de Wakeman, até que os animos mais socegados, os odios mais satisfeitos com anteriores supplicios, os medos aquietados, permittissem uma intervenção efficaz na consciencia dos julgadores; acrescia a isto que tomar o rei a iniciativa da defeza n'aquelle momento era jogar a corôa, e não se lhe podia exigir, em-

quanto que o mesmo não succederia de certo passados mezes.

Assim se fez, e, que ao conde se deveu, prova-o o documento que transcrevo, copia ou rascunho de carta por elle endereçada a qualquer dos ministros.

Les raisons qu'on apporte pour appuyer le sentiment que le proces du medecin ne se differe point sont que le bruit qui se repandera sera plus préjudiciable á la Reyne que non pas le jugement. La seconde que cela ruinera les affaires du Roy par les reflexions qu'on n'explique point. La troisiesme que personne, au moins que la moindre partie d'Angleterre, croira la Reyne coupable.

A la premiére supposons qu'on condamne le medecin; on demande si le bruit qui se repandera, aprés qu'on aura condamné un homme, qui a esté accusé d'une chose qui touche la Reyne de si prés sera plus prejudiciable ou non? il le doibt estre plus, car le premier est sur la seule opinion et le second est sur un fait.

Au second poinct. Touttes les reflexions qu'on peut faire sont sur la Reyne, car l'affaire de cet homme n'apporte point les preuves au plot plus esclatantes que celles qui sont passées; il n'est point d'ailleurs une personne qui en la laissant perir d'elle mesme satisfasse le peuple et mette le parlement en estat d'accomoder pour cela les finances du Roy: donc les reflexions qu'on pourra faire seront touttes contre La Reyne; on dira que le Roy n'a pas voulu que cet homme cy fust jugé parce qu'il estoit coupable et cela reflectoit sur la Reyne; le Roy est il persuadé de l'innocence de la Reyne ou non? on dit que ouy; donc quel chemin est le plus naturel pour la defendre, s'opposer presentement qu'il n'y á point de jugement donné, ou laisser venir une sentence pour la defaire aprés? quand est ce que le Roy aura plus de force et meilleur sujet de le faire et des meilleures raisons pour satisfaire ses peuples? quand il dira que non obstant une sentence donnée la Reyne est innocente? ou quand il dira qu'il ne veut pas que le procés de ce medecin soit fait que aprés le proces des seigneurs? cela n'absout point cet homme cy et donne asseurement du temps a que les choses touchant la Reyne se puissent esclaircir.

Au troisiesme poinct; l'experience a monstré le bruit qu'on a fait courir et pour confirmer le monde dans l'opinion que la Reyne n'est point coupable le remede est ne laisser point venir une sentence; ce sera une chose qui estonnera les gens preocupés que le Roy declare l'innocence de la Reyne, qu'il vive avec elle, et qu'il consente qu'on la condamne. Les raisons de la Reine ne sont point ouyes dans le procés de cet homme et sa condamnation sera faitte. A la derniere personne de ce royaume cy doibt on procurer qu'elle ne soit pas condamnée sans

defense. Si on veut la condamnation de ce medecin sur le fait de la Reyne pour faire reflexion sur elle pour quelque dessein, on croit que le Roy qui a assez monstré combien il a voulu defendre l'innocence de la Reyne doibt absolument s'y opposer et rebattre par une resolution de son vouloir ces meschants desseins puis qu'il n'y a point d'autre remède et les gens d'équité loueront le Roy de ne vouloir point mettre a la vue d'un peuple une affaire de cette nature.

Seguiu-se este parecer, e Wakeman só foi julgado no verão de 1679. Restava conseguir que não só em palavras Carlos II defendesse a honra da rainha. Era necessario incutir-lhe energia, animar-lhe a indifferença, importunal-o com supplicas, visto que esse era o meio de o fazer saír da costumada apathia.

Se o rei não tomasse a peito a defeza da rainha, se não usasse em seu favor da influencia que um soberano, por mais impopular que seja, sempre tem no animo dos subditos, era provavel que quando chegasse o julgamento de Wakeman, por muito que se adiasse, os juizes animados por tão extraordinaria isenção, o condemnassem e não se prendessem com a honra da rainha que podia perigar com a sentença. Para evitar esta calamidade havia a luctar com a indifferença do rei, e mais talvez com a resistencia dos ministros, que receiavam arriscar a auctoridade da corôa n'uma lucta em que teria de se atacar de frente a opinião publica desvairada. Ainda foi o conde que teve de vencer estas resistencias e de advogar uma e muitas vezes os interesses de D. Catharina. Resta-nos felizmente um documento que o prova; é tambem rascunho pela sua letra de uma carta para um dos ministros, destinada provavelmente a ser vista pelo rei, e com certeza a desvanecer os receios dos que aconselhavam a não intervenção.

Monsieur.—Il s'agit de sçavoir si le Roy doibt ou non justifier la Reyne des accusations qu'on a formé contre elle; il doibt estre permis a un chacun qui a quelque interest la dedans d'exposer son sentiment. Les jugements des hommes sont semblables aux astres, le soleil luit plus que les étoilles, neantmoins celles la encore sont considérées; un esclair l'est encore; tout cela montre que tous peuvent avoir

des lumiéres, mais dans le mesme temps, il apartient aux astres supérieurs de regler celles des inferieurs. Le zele qui pousse quelque personne d'exposer dans ce papier son sentiment asseurement, l'exhortera á s'accommoder a ce que détermineront ceux qui avec plus grande experience considereront l'affaire.

La négative de cette question (il y á quelque raison de commencer par icelle) consiste en ce que la nation recevera mal toute opération, qu'elle pense pouvoir conduire a la destruction du Plotte; cela estant les discours licentieux esclateront, tout cela apparemment peut apporter un grand prejudice au Roy, pour le moins dans ses affaires.

Cette premiére disposition peut en second lieu estre suivie de quelque operation dans le parlement, qui soit facheuse aux interets de la reine, et mettre le Roy dans un engagement sur cette affaire très grand.

En troisiesme lieu l'esperance de vaincre estant si doubteuse, cela devoit empescher qu'on ne se hazardast au combat; voyla entre autres les raisons qui me semblent avoir plus de force pour empecher qu'on agisse presentement, et que au contraire conseille d'attendre en patience l'issue des autres affaires et la fin de toutes ces choses pour apres, selon le temps (qui est asseurement un fort bon conseiller) agir.

On doibt opposer au premier poinct, qu'estant la chose si indigne, il est advantageux au Roy de faire de son costé de grands efforts pour faire connoistre a ses peuples la verité, cela est de la derniére consequence pour le service du Roy et pour le repos de ses royaumes. On doibt se contenter de pouvoir declarer une chose qui n'a point de fondement et qui est establie sur la pure vérité; mais supposons que cela ne suffit point: laisser de faire ce qu'on doibt n'asseure point, au contraire, les seducteurs des peuples qui se voyent sans aucune opposition, et ayant d'ailleurs leur esprit remply de desseins qui paroissent par leurs operations, se voyant le champ libre continueront ces menées, qui sans doubte font de grands progrés dans les esprits du commun; et quant a la destruction du plotte, l'affaire de la Reyne se doibt distinguer d'iceluy premierement par la premiére déposition de ces quatre gens, dans laquelle ils ont déclaré que la Reyne n'y avoit aucune part, en second lieu par la forme des accusations qui est par ouie dire, et sur ce poinct il faudroit prendre la methode de le distinguer de tout autre, laquelle je ne crois pas impossible.

En second lieu doibt on opposer l'operation du mesme parlement. Il est vray que la chambre basse a fait une adresse, la hautte l'a repoussée; la basse l'a laissée tomber; ce sont de fort bons prejugés, la matiére estant la mesme. Le Roy pour eviter qu'on tournast a parler de cette affaire, devoit faire ces pratiques, les faisant faire aussy a fin que d'un costé l'indignité de l'affaire et de l'autre la fermeté qu'on connoistroit dans le Roy asseurast les gens de son party de soustenir ce

que S. Majesté vouloit, les gens equitables et non preoccupés a s'efforcer de combattre plus hardiment pour la verité, et les gens malignes a reconnoistre la difficulté qu'ils auroient a soutenir ce qui avoit pour base une verité incontrastable et pour appui la volonté et l'equité du Roy.

Le troisiesme poinct peut avoir pour réponse une bonne partie de ce qu'on vient de dire dans le second par lequel asseurement il semble n'estre point impossible que la verité aye le dessus; ajoutant de plus qu'il n'y a rien dans la vie humaine qui ne soit sujet a mille difficultés, tout ce qu'on doibt faire c'est soutenir la raison et gaigner ou perdre par le chemin d'icelle; beaucoup de choses sont doubteuses dans l'aprehension, qui ne le sont point dans l'effet, et quand le contraire arriveroit, le Roy auroit tousjours la gloire de soustenir le juste et de procurer le remede a qui ne l'a point.

Il y a deux motifs sur lesquels s'appuie la partie positive; le premier c'est la reputation et le second l'interest.

On a vu que ces gens ont eu la hardiesse d'accuser la reyne, on sçait ce qui s'est passé dans la chambre basse et dans la haute, on n'ignore point la demonstration que le conseil a fait envers la Reyne; tout cela tenoit le monde dans une suspension, croyant, que passés que se seroient les autres affaires, on ne laisseroit point d'entreprendre la justification de celle qui appartient a S. Majesté; cela couvroit la reputation du Roy, en quelque façon, puisque on croyoit que les autres affaires empeschoient S. Majesté d'entreprendre celle cy; et mesme le monde songeoit que ces gens fussent revenus en soy mesme, cherchant a se retirer de ce que contre la verité ils avoient commencé et que le parlement et le conseil du Roy ont entiérement desaprouvé; la chambre basse y est comprise car ne poursuivant point son adresse elle a tacitement approuvé ce que la chambre haute avoit fait; tout cela tenoit l'affaire en suspens, mais quelle reputation peut on raisonnablement se proposer d'avoir, quand au lieu de voir une affaire de cette nature assoupie on entend ce qu'un de ces hommes a dit vouloir declarer quand on fera le proces de Wakeman, et quand on verra que ces mesmes gens sont apellés dans un plein conseil, et osent deposer les mesmes choses, et sortent de lá avec une permission tacite de pouvoir dire a la vue d'un peuple tout ce qu'ils avoient desja dit; cela monstre estre de la derniere consequence que le Roy par quelque moyen tache de faire connoitre a l'Angleterre et a toute l'Europe l'innocence de la Reyne.

L'on ajoute qu'estant Sa Majesté si engagée a la soutenir, ce que sa m.té a fait voir par ses actions dans les frequents discours qu'elle a tenu dans son conseil et avec tout le monde la reputation de S. Maj.té est engagée davantage a faire ce qu'on vient de dire.

L'interest, qui est le second point, conseille encore le Roy a faire

de mesme. Il est certain que le Roy dans son traité de mariage a trouvé de l'advantage pour son Royame que quelqu'autre de ses predecesseurs eust désiré: d'ailleurs S. Majesté publie et est preste á publier l'innocence de la Reyne, cela estant tout ce qu'il arrivera de facheux sera contre la volonté de Sa Majesté; n'est il pas une grande perte dans l'interest qu'il n'y ait aucun Prince qui ose se confier a la parole d'un Roy, qui voit accuser sa femme contre la verité que luy mesme avoue? cela n'aura d'autre excuse que l'Impuissance; celle cy ne sera admise par personne, puisque tout le monde considererá que la crainte d'un mal futur á empesché qu'on mist en usage, au moins qu'on entreprist, le remede du mal present. Tout cela montre qu'il faut apporter quelque remede au mal qui menace, car dans le trial du medecin on entenderá le nom de la Reyne et peutestre on vera condamner ce pauvre homme et le peuple ne distinguera point sur quoy on le condamne, car les malintentionnés luy feront croire ce qu'on auroit horreur de dire même d'une Princesse qui n'eust point en si haut degré la possession des plus grandes vertus.

Il y a fort long temps, qu'il n'y a pas eu en Angleterre une affaire de plus grande consequence que celle cy; elle merite la plus grande reflexion; et même s'il y en a au monde sur laquelle il soit excusable a un Roy de hasarder sa personne, ses royaumes, c'est celle cy. Il s'agit du regne du Roy qui ne pourra se proposer aucun repos quand seulement par les adresses de ses ennemis il se verra poussé a laisser perir l'innocence, mesme a la condamner; car apres l'asseurance que le Roy á et publie de l'innocence de la Reyne et apres la resolution ou il est de faire connoitre au monde sa volonté pour soutenir la verité, si elle vient a tomber, sans qu'il mette tout en hasard, le monde concluira que le Roy l'a condamnée, puis que pour la sauver il n'a pas mis tout ce qu'il avoit au monde en peril. L'on attaque l'innocence de la Reyne, la majesté du Roy, et dans une rencontre semblable ***nihil turpius quam sine certamine cessisse regno, nec praeclarius quam pro dignitate et magestate omnem fortunam expertum esse: Persii*** (?) ***deliberatio.***

Carlos II ouviu a voz do emigrado que com tanto calor se levantava em defeza da sua mulher, ouviu as objurgações do homem que tão sensatamente, pondo de parte vãos sentimentalismos, appellava para o proprio interesse do rei para o obrigar a descer ao campo em pró de uma innocente. E foi tão efficaz a sua intervenção, que no dia em que Wakeman se sentou no banco dos réus, os homens que pouco antes, cegos pelà paixão, obcecados pelos pre-

conceitos, tinham com iguaes provas mandado muitos innocentes para a forca, souberam pela primeira vez resistir ás influencias deleterias da opinião publica e julgaram-n'o innocente. O proprio presidente do tribunal, que até ali se mostrára cheio de odios e esquecido da justiça, incorreu nas iras das testemunhas que o accusaram de parcialidade. Ainda para obter este resultado contribuiu directamente o conde, que não deixou ficar porta a que não batesse para augmentar o numero dos defensores da princeza.

Não antecipemos.

VIII

D. Catharina mal percebeu que no conde tinha o amparo de que precisava n'aquella occasião, quando viu que a falta de embaixador portuguez, que tanto a devia ter aterrado no primeiro momento, fôra fortuna para ella, porque achára em Castel Melhor o mais sollícito dos embaixadores, lembrou-se que ninguem melhor do que elle podia succeder a D. Francisco de Mello, e que D. Pedro, que desejava sobretudo que elle não voltasse para Portugal, não lhe poderia dizer não, quando lhe mandasse pedir a nomeação. É necessario não esquecer que o conde saíra de Portugal por sua livre vontade, e que nunca se lhe tinha intentado processo pelos suppostos crimes de que o accusavam. Fugíra da furia dos seus adversarios, não da justa vindicta das leis. Por isso nada havia de extraordinario em que a rainha o pedisse para ministro do irmão; D. Pedro nomeando-o aproveitava-se do seu grande talento, e mantendo-o no logar escapava a futuros pedidos de regresso á patria.

Annuiu o conde aos desejos da rainha, e Carlos II consentiu em que se usasse do seu nome no pedido que se havia de dirigir ao principe regente. Não quiz D. Catharina confiar a um qualquer correio a carta que endereçava ao irmão e encarregou o padre Manuel Dias, que lhe merecia confiança, de ser o interprete do grande desejo que tinha de uma resposta favoravel. Poz-se o mensageiro a caminho n'um dos primeiros dias de novembro.

O padre Antonio Vieira, que melhor do que ninguem conhecia os seus contemporaneos, quando lhe chegou a noticia do empenho da rainha escreveu a Duarte Ribeiro de Macedo (1):

«Correu que se mandava carta credencial ao conde de Castel Melhor, mas tem amigos que antes deixarão perder o reino e o mundo que admittil-o á graça ou serviço do principe.»

Não se enganou mais esta vez o astuto jesuita, e Simão de Vasconcellos e Sousa nos vae contar o effeito produzido na côrte de Lisboa pela chegada do enviado da rainha (2):

Meu irmão e Senhor.—Na outra de hoje respondo aos mais particulares da carta de V. S. Esta só serve de dizer o que tenho alcançado com a proposta do P. Manuel Dias. Este sujeito chegou aqui em 21 de novembro; n'aquella noute esteve com Fronteira até á hora depois da meia noute e apartando-se d'elle lhe disse que no dia seguinte lhe fallaria S. A., que não sahisse de casa sem recado do paço; foi chamado na terça feira 22 do dito e fallou a S. A. na sua camara, o qual tanto que ouviu que a Rainha mandava propôr tal rompeo em dizer que não convinha e que não havia de ser, e me disseram que se agastara muito com o tal Manuel Dias. Tomou a carta da Rainha e disse que responderia. No dia de quarta feira fallou á Rainha a quem achou com a mesma resolução, tão fera que parecia que se mudava o mundo. D'aqui começarão a ferver as juntas sobre a materia. São os que n'ella tem voto o Duque (3), Fronteira (4), Villar Maior (5), o Lacerda (6), João de Roxas (7) e José da Fonseca, este acerrimo inimigo de V. S. e por se lhe conhecer este genio é chamado a ellas; tem-se feito muitas, o que se terá assentado não o sei, mas de que mandão breve embaixador he certo. A Rainha chamou a todos elles, fallou com toda a reso-

(1) *Cartas a Duarte Ribeiro de Macedo*, edição de Lisboa, 1827, pag. 291.

(2) Esta carta e todas as de Simão de Vasconcellos, que adiante hei de citar, fazem parte de uma collecção que ainda existe no cartorio da casa Castel Melhor, pertencente hoje á filha e herdeira do ultimo marquez.

(3) D. Nuno Alvares Pereira de Mello, duque de Cadaval, conselheiro d'estado, mordomo mór da rainha, presidente do conselho ultramarino.

(4) D. João de Mascarenhas, conde da Torre, primeiro marquez de Fronteira, conselheiro d'estado.

(5) Manuel Telles da Silva, conde de Villar Maior (depois marquez de Alegrete), gentilhomem da camara, conselheiro d'estado, regedor da Casa da Supplicação.

(6) Francisco Correia de Lacerda, secretario d'estado.

(7) João de Roxas de Azevedo, que fôra embaixador em Nimegue, e era secretario da assignatura.

lução, segundo o que se entende, que não viessem em tal nunca. S. A. estava prevenido para a resposta porque como Manuel Dias havia fallado com Fronteira este tinha dito tudo antes d'elle fallar e assim ouviu a resposta. Sei que disse S. A. que V. S. se podera aquietar e haver ido para a Ilha d'onde não haveria estas cousas. Elles intendem que V. S. é o motor de tudo isto, que ElRei o não póde querer e que a Rainha o não quer se não por V. S. o pedir, e, como conhecem que fazem da vontade de S. A. o que querem, imaginão que o mesmo succede d'essa banda; tiram a que isto leva differente fim porque V. S. com auctoridade poderá inquietar tudo e n'isto fazem a maior força não vendo que a querel-o V. S. ter feito já o houvera intentado no decurso de tão longo tempo. Como isto se divulgou me pareceu seguir o que V. S. me ordenava e me fui buscar o padre Confessor, com quem estive muito devagar; disse-me que havia tido carta do padre Lemos, que lhe dizia da parte da Rainha que fizesse toda a diligencia possivel por que isto se conseguisse, que assim lh'o mandava a Rainha e que se tal não succedesse que qualquer outro que fosse se arriscava muito porque não seria bem recebido d'esses Principes, que isso parecia que era quererem dar de lá leys a este governo (e isto é phrase cá de fóra: que é dura cousa que Inglaterra queira que não seja ministro nosso senão quem ella quizer) e discursou comigo o que entendia; eu lhe disse que pelo que a V. S. convinha não era mais que estar em sua casa e tratar da criação de seus filhos porque n'essa missão podia ter muitos desgostos sendo levado a ella contra vontade d'estes senhores, os quaes haviam de fazer de virtude peçonha e poderem condemnar pelo successo as intenções; que V. S. a não procurava, como S. S. veria do capitolo d'aquella carta que eu lhe mostrava, e tirando da carta de V. S. lh'a li e viu o que V. S. dizia, a que acrescentei que V. S. se não havia de fazer captivo ali, que o mostrar ao mundo que era capaz de todas as licitas occupações era obrigação para que se visse que fora digno do lugar que havia tido, e que se conhecesse que S. A. tinha vassallos tão capazes, que os estimavam no mundo; passámos ás conveniencias do Reino; a estas disse que S. A. as devia de considerar, que se não arriscasse a que a Rainha se desgostasse por não fazerem o que ella pedia, que a fidelidade de V. S. se conhecia muito bem e que se V. S. tivesse outra tenção a tivera já exercitado porque o lugar de embaixador lhe não daria mais credito, antes se podia desconfiar mais de V. S., se o tivesse para outro fim, que a razão maior era sahir V. S. da prohibição de não fallar com os ministros de S. A. e receber as suas cartas de crença; a isto satisfez este dizendo, que o Principe de Condé muitas vezes passára de general contra Castella a sel-o d'ella contra França e de Castella a sel-o de França contra Castella, e que d'estes exemplos havia muitos. O que entendi d'elle é que conhece o animo de V. S. e sempre o teve

em boa conta, e que se na sua mão estivera o pôr a V. S. na maior fortuna o fizera porque conhece o zelo com que V. S. obrava no serviço do Reino e o pouco que estes Senhores teem para o augmento d'elle; e me repetio uma carta que V. S. lhe escreveo sendo elle reitor de Santarem, quando houve a courella da Piedade dizendo-lhe que tivera pena de que o seu prelado lhe desse uma penitencia por elle haver feito sua obrigação, isto applaudio muito que foi em tempo da restauração de Evora; elle me disse escrevia ao Padre Lemos e que o havia de fazer no meu masso; lá saberá V. S. o que lhe diz. A mim me quizeram dizer que Manuel Dias dava a entender que, sem embargo de que a Rainha desejava isto, que V. S. tinha muita parte, porque não fizera pela dissuadir, antes que V. S. não admetia parecer de ninguem, e que se deixava levar do que lhe parecia; isto me disse pessoa que o podia saber e não duvido que alguma cousa dissesse porque como vio isto tão mal parado quiz-se congraçar a si; conta-se isto; á outra parte V. S. saiba isto mas não para o dizer á Rainha porque poderá ser mentira e não é razão que digamos o que não é; o que fôr ella o saberá. A Diogo Carneiro perguntou S. A., estando sós, o que dizia José da jornada de Manuel Dias, elle lhe mostrou a carta que lhe escrevia e a qual lhe dizia que procurasse tudo quanto lhe fosse possivel que Manuel Dias viesse bem respondido no que a Rainha queria, porque ella estava muito empenhada n'isso e que assim convinha fazer-lhe o gosto e por aqui outras cousas, que vendo-as S. A. não ficou muito contente porque cifravam todas com o que Manuel Dias havia dito. Parece-me que a Rainha faça escrever pelo P. Fr. Christovão do Rosario ao Inquisidor Geral o seu empenho e assim lhe mande que elle o faça entender a Fronteira e a S. A., por que o Verissimo (1) hoje mexe muito e todavia vindo esta noticia pelo seu confessor a um homem tamanho poderá ainda muito ajudar; que até ao Duque o diga para que se veja que isto nasce da vontade da Rainha, e que é credito seu que se consiga, pois está publico, assim lá como cá, que ella o pede, e, posto que elles dizem a S. A. que V. S. é o que mexe, bem conhecerá que isto da Rainha nasce porque não crerá que V. S. tenha tanto poder na vontade de S. M. que lhe faça pedir uma cousa com tanta força, se ella não tivera n'ella uma grande vontade, mas a S. A. e á Rainha fazem crer que tudo nasce de V. S. A mim me dizia uma pessoa que se Manuel Dias apertasse que o havia de conseguir; se a Rainha de lá nos correios lh'o fizer assim entender, para que se veja que ella não afrouxa, poderá conseguir-se. Deos escolha o melhor; isto é o que ha n'este negocio, que eu digo a V. S. e mando esta por via de Parry porque vai melhor assim para que a remetta a D. Roberto.

....

(1) D. Verissimo de Lencastre, arcebispo de Braga e inquisidor geral.

Minha mulher beija a V. S. as mãos pela mercê que lhe fez e estes sobrinhos pedem a V. S. a benção e guarde Deus a V. S. como desejo e havemos mister. — Belem em 5 de dezembro de 678 — Irmão que mais ama a V. S. = Simão de Vasconcellos e Sousa.

Quando em 7 de janeiro chegaram a Londres as primeiras cartas dando estas noticias, que supponho seriam do padre Manuel Dias para a rainha e para a condessa de Penalva, o conde de Castel Melhor que, admittindo que desejasse o logar de embaixador, tinha excellentes rasões para affirmar que só por obediencia o podia acceitar, apressou-se em escrever a D. Catharina a seguinte carta:

Londres 7 de Jan.º 1679.

Senhora. — Pollas noticias que temos de Lisboa se deixa conhecer o mal que o Principe meu S.r e seus ministros ouvirão a proposição que V. Mag.de pollo preceito delRey mandou faser tocante á nomeação de Ministro para assistir nesta Corte; não me toca a mim traser argumentos para mostrar ser conveniente ao serviço do Principe meu S.r e ao de Vossa Mag.de que cahisse esta eleiçam na minha pessoa. S. A. ha de se servir, como elle quizer e de quem elle quiser, o proveito ou o danno que disso resultasse toca mais ao ditto S.r que a ninguem outrem.

He presente a V. Mag.de como neste negocio não tive eu nenhũa parte e porque em Portugal não se quer crer isso, peço humildemente a V. Mag.de seja servida mandar declarar a S. A. a minha innocencia e juntamente que desista V. Mag.de de tudo o que me pode tocar nesta parte, pedindo a S. A. que lhe nomee qual ministro quiser o qual vindo de Portugal verá com maes efeito para o serviço de V. Mag.de tudo o que aqui passa, e por esta rasão no procurar o remedio será sem duvida com melhor sucesso. Eu deixei, naquelle tempo que se falou neste negocio, de representar a V. Mag.de as dificuldades que elle podia ter polla minha parte, inda quando fosse facil o alcançar-se, primeiro porque V. Mag.de o queria, e não julgava eu, como não julgo ainda, nem julgarei nunca, dever tão pouco á honra que V. Mag.de me faz, que houvesse de me oppôr por conveniencia propria a cousa que V. Mag.de entendesse era do seu serviço; a segunda, porque, calumniando em Portugal sempre o meu mal animo, não quis que meus inimigos tivessem d'aqui motivo para diserem que eu me isentava do serviço de S. A.; a terceira, porque tendo-se ditto contra mim a V. Mag.de, e a S. Mag.de da Gram Bretanha, tantas cousas que podião deslusir meu procedimento, me pareceu que não me era de pouca honra que naquelle Reyno se soubesse o empenho com

que V. Mag.des me fazião mercê; tenho conseguido isto sem me pôr em risco de arruinar a minha casa, que ha douze annos se sostenta sostentando-me a mim sem novos empenhos; pode ser que hum anno de Embaixador me fisesse fazer aquelles de que meus filhos se resentissem; V. Mag.de sabe que nesta occasião tão apertada menos tivera eu feito se fosse embaixador, do que não o sendo; aquelle caracter obrigaria a fallar por papeis, a não o fazer todas as horas e momentos, e a vir naquellas ao paço que decentemente se pode estar nelle, tudo isto se escapou, e V. Mag.de foi servida e elRey e seus ministros souberão todas as horas que foi necessario o que convinha ao serviço de V. Mag.de; e inda, queira Deos que me enganne, pode haver receio que seja necessario ministro de prudencia, de zelo, de autoridade e de cabedaes para continuar os negocios que podem tornar, espero que não seja nenhum na defeza de V. Mag.de, sim para pedir a digna satisfação dos agravos recebidos; de todas estas calidades que hão de compor hum bom ministro, não me acho eu maes que com huma que he o zelo para o serviço de V. Mag.de e de S. A. e por consequencia do Reino; por esta só, Senhora, não seria nunca rasão que V. Mag.de arriscasse deixar de ter aqui sujeito que as possua todas ou a mayor parte dellas: e assim torno a pedir a V. Mag.de prostrado a seus reaes pés por tudo aquillo que a minha casa tem de serviços feitos ao Reyno em que V. Mag.de nasceu e V. Mag.de tanto ama, e pollos que nesta occasião tive fortuna de fazer a V. Mag.de se haja V. M. servida de mandar desistir d'esta pretensão, aclarando a minha innocencia e reservando-se V. Mag.de o poder fallar a seu tempo a S. A. em me dar licença para me retirar a minha casa e viver em hum canto daquelle Reyno com minha molher e filhos, pois que nasci n'elle; ver se ha por este caminho que o empenho de V. Mag.de era segundo o que julgava conveniente por el Rey o querer; e esvanecerá aquella opinião de eu mexer este negocio querendo ser ministro de S. A. contra a sua vontade; quando o ditto Sn.r a tiver de que eu o sirva, então farei eu como sou obrigado, e poderá ser com mayor zelo do que outros o fizerão que condenão o meu; meu interesse he viver em minha casa e criar meus filhos, para servirem a seus Principes como seus avós e eu o fizemos; isto me trouxe a Inglaterra, isto espero eu conseguir da benignidade do animo dos Principes meus Senhores debaixo da protecção de Sua e Vossa Magestade; a real pessoa de V. Mag.de guarde Deos como a Christandade toda e os criados de V. Mag.de desejamos e hemos mester.

Poucos dias depois, quando lhe chegou ás mãos a carta do irmão, não confiando a ninguem a defeza da sua dignidade offendida por esta nova demonstração da côrte de

Lisboa, pelo seu punho quiz escrever ao infante, á rainha e ás verdadeiras potencias da epocha, aos confessores de ambos.

Ao infante dizia:

Londres 18 de Jan.º 1679.

Senhor. — Com o aviso que o P.e Manoel Dias fez á Ser.ma Rainha da reposta que V. A. foi servido dar á proposta que da parte de S. Mag.de sobre a nomeação de Ministro para assistir nesta Corte elle fez, pedi a S. Mag.de fosse servida de mandar desistir desta pretensão, na qual S. Mag.de tinha entrado por el Rey da Gram Bretanha o querer, motivo que S. Mag.de teve, sem impulso de ninguem; da facilidade com que S. Mag.de desiste poderá V. A. mandar considerar não ser S. Mag.de movida sómente da compaixão para mim, se não ser S. Mag.de persuadida, (os fundamentos podem não ser bons) que era interesse do serviço de V. A. e do de S. Mag.de, ter V. A. aqui ministro que tivesse grande aprovação de S. Mag.de Britannica; não digo, Senhor, que a mereço eu, digo com grande minha confusão, que a tenho, e nesta ocasião, em que a Ser.ma Rainha tinha necessidade de quem fallasse a el Rey e a seus ministros sem que se emfastiassem de o ouvir, se vio bem que sempre trouxe a reposta, do que hia a perguntar; no meyo de me traser Deos aqui despois de tantos trabalhos em tempo tão apertado, como sem duvida será presente a V. A., achando-se S. Mag.de sem ministro Portuguez, sem hum criado de autoridade que podesse fallar nos seus negocios pareceu cá por fora ás nações que conhecerão meu zelo para o serviço da minha Patria que não foi elle pouco necessario nesta conjuntura aqui; esprimentou o serviço de S. Mag.de que fiz eu o que devia e o que podera faser quem tivera o mayor; neste mesmo tempo se me diz que eu procuro ser ministro de V. A. contra sua vontade, não me espanta cousa nenhũa, porque já se disse a V. A. que eu vinha a Inglaterra com diferentes fins do que aparecião e graças a Deos ha quinze mezes que estou aqui e não se verificou esta proposição; vim a Inglaterra a buscar esta intercessão para com V. A. que junta á de Madama Real pudesse da benignidade de V. A. esperar retirar-me a minha casa; aqui são necessarios maes hombros que os meus, e maes cabedaes para sustentar dignamente o caracter de ministro de V. A.; eu hei de servir a V. A. quando V. A. quiser e quando V. A. achar que lhe convem, não faço ha muyto tempo outra profissão que da obediencia; prostrado aos reaes pés de V. A. lhe peço seja servido mandar por hũa vez considerar os testemunhos que me alevantão para que conhecendo-se a sua falsidade possa eu esperar que, nos que de novo quiserem alevantar, achar a resistencia que a inteiresa de V. A. me promete; e peço que

V. A. me faça esta mercê cuja real pessoa Deos guarde como seus vasallos desejamos e havemos mester.

Na carta para D. Maria Francisca renovava os mesmos pedidos e repetia mais abreviadamente as mesmas affirmações; ao confessor d'ella escrevia tão sómente meia duzia de linhas com o fim unico de que não se queixasse de ser esquecido quem estava em posição de lhe fazer tanto mal, mas na que escrevia ao confessor do infante dava largas á sua indignação. A carta era evidentemente destinada a ser vista por D. Pedro, a ser commentada pela rainha, pelo duque, pelo Fronteira, pelo Roque Monteiro, por todos esses pigmeus da camarilha, que lhe não poupavam, havia tanto tempo, as ferroadas da sua inveja; era a justificada explosão do orgulho excessivo mas natural de um homem de excepcional valia. É longa, mas estou convencido que a ninguem aborrecerá a sua leitura, porque documentos d'estes raro encontram os mais afortunados e pacientes basculhadores.

Londres 18 de Jan.º 1679.

Rever.mo Padre Confessor de S. A.—Dissese a S. A. que eu queria ser ministro contra sua vontade; que mexia esta negociação, e que bem mostrava o meu intento em não querer ir á Ilha e ter a minha casa poupada. Em quanto a que eu quero ser ministro de S. A. contra sua vontade, muy facil he a reposta; para que? para me destruir? faltando-me com os ordenados, vendendo minha fazenda, ou, dandomos, ser inda obrigado a por duas partes maes do que gasto e empenhar-me? em hũa missão eterna que o seria esta para mim? Se ca se pode passar com o que da S. A., que era certo lhe não havião de aconselhar que o augmentasse a meu favor, ahi tem V. R.ma testemunha que o pode diser; quem ca esteve athé agora teve outros meyos, e eu não acrecentei a minha casa no meu para mim tão afortunado ministerio, não a tenho destruido no desterro tão justo que padeço, e assim fica respondido, que maes a obediencia do que outra nenhuma cousa me obrigaria a servir a S. A. nesta occupação: pella obediencia que lhe eu devo, sim me destruira, mas pello que eu devo a minha casa me permetirá V. R.ma de diser-lhe que não havia de eu ser quem buscasse a sua ruina. Com estas mesmas rasões se responde a que eu não podia mexer este negocio. Quanto á terceira, dura cousa he que não se contentem meus desafeiçoados com me desterrarem da

minha patria ha tantos tempos, fasendo-me padecer tantos trabalhos, se não que me queirão ter em parte donde não chegassem ás orelhas de S. A. as noticias da sem razão que se podia obrar com a minha pessoa e familia; se são tão charitativos e tão vigilantes do que o meu máo animo intentaria contra o serviço de S. A., não ha Bragança ou Castromarim? não estou debaixo da jurisdição de S. A.? sujeito ao que se provar contra mim? deixem-me ir para hũa destas terras com minha molher e filhos e então verão como vivo, e se tem alguem nesse Reyno a menor occasião de se queixar de mim, ou se a minha comunicação com alguem me fas mal a mim ou a algũa outra pessoa? Não sei que rasão póde haver para não se abrandarem os corações de quem me persegue; para que he alevantar testemunhos que eu busco no que não fallei? e que á solicitação minha a Rainha fas as instancias? Como o animo da Rainha seja facil de dobrar e de governar, como lá disem, boas noticias pode dar o Padre Manoel Diaz que a conhece ha maes tempo. Creo que se esses senhores a vissem aqui acusada de alta trayção por querer dar peçonha a el Rey, e que hũa sala baixa com hũa furia extraordinaria pedia que a separasse S. Mag.de de si, e o que tem sofrido de hoje lhe diserem de a quererem acusar, de amanham que vinha maes hũa testemunha contra, os diferentes ataques que teve em muyta gente da sua familia, sucedera sem duvida aconselhar-se a S. A. que lhe desse gosto em tudo quanto S. Mag.de quisesse, que lhe convinha maes isto do que nenhũa outra cousa. Se eu estivera neste negocio tão empenhado como lá se cuida e se governasse a Rainha como se dis, bem sabe V. R.ma que podia intentar segunda instancia, fazer o contrario, prova o contrario do que ahi se publica. Eu bem me pudera oppôr no principio a esta resolução; confesso que o não fis; porque vi que el Rey e a Rainha tinhão gosto disso, e não lhe devo eu tão pouco que me quisesse oppôr ao que S. Mag.des querião; a segunda porque me pareceu não dar por este caminho motivo a me crerem de hũa exenção peccaminosa para o serviço de S. A.; e a terceira, porque, tendo-se ditas tantas cousas de mim á Ser.ma Rainha, julguei ser-me conveniente que se visse nesse Reyno que S. Mag.de me honrava; não botei mão de diligencias que se podião faser com el Rey, antes as impedi; evitei as que o Embaixador de França me oferecia, e em Saboya não procurei nenhũa nem em Florenza, e se eu tivera grande empenho athé aqui podião chegar para as alcançar as minhas diligencias. S. Mag.de desiste. S. A. mandará o seu embaixador e eu ficarei como estava fasendo tempo para que estes Principes peção aos nossos que me deixem viver em minha casa e com isto o meu pecado pode-se perdoar. Hũa cousa convem que V. R.ma comece a diser; desde que sahi de Portugal e muyto antes de sahir delle bem sabe V. R.ma os testemunhos que me alevantarão; he muyto de espantar que hum homem ose a pôr a boca na virtude maes

assinalada que tem hoje o mundo; he hum hereje; he grande afronta para Portugal; mas lembre-se V. R.^ma^ ainda que eu sou hũa formiga a esta comparação, a minha honra clama diante de Deos, e que a S. A. se disse que eu o queria matar com peçonha, acabem-se estes testemunhos e aplique-se o cuidado de todo esse Reyno a ver como a Ser.^ma^ Rainha ha de ser assistida, e qual satisfacção (em caso que os negocios o permitão) se ha de dar a S. Mag.^de^ de semelhantes agravos. Eu não sou para embaixador, nem capaz de aconselhar a S. A.; a V. R.^ma^ digo o que entendo, por me achar aqui. Seja certo que estes negocios, ou estão acabados, ou não? Se estão acabados, ha mister muyto para se tirar hũa satisfacção digna; e se não o estão, ha mister muyto para se sostentar; todas as qualidades que podem compor hum perfeito homem são necessarias a quem vier ca. Não se cuide que isto va com fim pollo que me tocca a mim, porque o não leva; o trabalho em que me eu tenho visto e me vejo me fas cuidar, que qualquer outro sera melhor para este ministerio, e que eu o não farei bem. Não se pode Portugal arrepender de me traser a fortuna aqui, espero em Deos que o hade conhecer com o tempo. A Rainha he boa testemunha e toda sua familia do que tenho obrado; nada se perdeu se não por forsa: nesse Reyno se cuidará que este Parlamento tem sido como os outros e que aqui se vem gozar hum beneficio simples; não he assy, e as nações estrangeiras conhecem melhor isto do que nos mesmos. O Parlamento ha de ser chamado; el Rey no que toca a leys contra a religião não está em estado de oppor-se, nem o fisera porque elle he protestante e estoutra he Religião Catolica; quem viu Inglaterra no estado em que a viu a Ser.^ma^ Rainha, e a ve no estado presente e a pode ver ainda muyto peor em o tocante á Religião, não pode ter gosto. Hũa das funções de Embaixador sera pregar todos os dias; paciencia que não ha outro remedio. Acudão a isto e entretanto que não vem pessoa não faltarei ao que devo a minha patria e ao serviço de S. A. inda que imagine que disso se me fará, pode ser, algũa culpa. P.^e^ Confessor a providencia Divina he admiravel nas suas operações: as contradicções com que se dispoz a minha jornada a esta Corte, mostravão que havia algũa cousa occulta. Eu bem sabia que não podia ser cousa contra a minha patria: (e por entre parenthesi direi a V. Rev.^ma^ que o exemplo que alegou a meu Irmão sobre o Principe de Condé ser General de Castella e depois de França, não he adequado a minha pessoa e familia, donde não houve nunca nenhum que servisse contra o seu Principe; e houve sempre algum a quem a sua Patria devesse muyto e cada vez me confirmo maes que tive na minha mão o poder perder Portugal e que era necessario ser eu, quem sou, por minha pessoa e por filho de meu Pay, para na sua defensa faser o que fis; perdoe V. R.^ma^ que isto não he pedir hũa commenda, nem hum posto; he sim declarar a verdade que

conhecem hoje todas as nações e cada vez maes o fazem, de que era eu instrumento capaz de faser o que fiz) pois sempre a servi e servirei; agora vejo o que Deos queria e era que em hũa occasião tão apertada de Portugal se achasse aqui hum homem que em sette meses de assistencia, conversa, fala com todos, todos o ouvem e todos o estimão, Padre Confessor: para que aquillo que se podesse procurar tocante á Inocencia de hũa Rainha Santa, tocante a conservação da sua familia, o fisesse elle. Eu estou muito contente com a jornada porque me faltava ainda este penachinho de honra. V. R.ma acuda polla verdade, faça vir hum Embaixador e muyto de pressa e com muy boas instrucções e a mim me tenha na sua graça assegurando os nossos Principes, que todo o engenho pouco ou muyto que Deos me deu, todo o zelo de que he capaz hũa pessoa, eu o empregarei sempre em seu real serviço. Sou como o Lavrador que nem por colher ma novidade deixa de semear o seguinte anno. Eu espero que S. A. conheça a minha verdade, e que em premio della me deixe viver em minha casa; ao serviço de V. R.ma estou pronto; a quem Deos guarde muitos annos como desejo.

IX

Emquanto o conde tratava por esta fórma de demittir de si toda a responsabilidade na missão do padre Manuel Dias, receiando, que se o não fizesse, mais isto lhe servisse de obstaculo para o regresso á patria, continuava o irmão a dar-lhe de Lisboa noticias relativas aos seus negocios particulares e aos publicos que o podiam interessar; d'aquelles não fallarei, apesar de ter encontrado nas cartas de Simão de Vasconcellos curiosos promenores a respeito do procedimento da condessa de Castel Melhor durante o desterro do marido; o conde, assim como lhe tinha faltado rei na prosperidade, faltou-lhe mulher na desgraça, mas como o meu fim é exaltar e não deprimir, e como, sobretudo, publicar os contratempos do seu viver domestico nenhuma luz póde lançar sobre o caracter do homem publico, deixarei que continuem esquecidos no cartorio da casa os caprichos da condessa, a sua leviandade e cobiça. Outro tanto me não parece dever fazer da parte das cartas de Simão de Vasconcellos que se refere ao padre Manuel Dias, ao estado dos espiritos na côrte portugueza, ao modo por que providenciavam os do conselho em tão apertadas circumstancias. São excellentes documentos para se conhecer a fraqueza do governo, o caracter dos homens que n'elle tomavam parte, as qualidades dos embaixadores mandados a Inglaterra, e ainda como o enviado desmereceu da confiança que n'elle tinha depositado D. Catharina.

A 12 de janeiro, tendo-lhe dito o padre Manuel Dias que resolvêra partir de subito, escrevia Simão de Vasconcellos:

O Padre Manuel Dias me não communicou a pressa da sua jornada, lá saberá V. S. a causa, sim me disse que S. A. não queria admittir a proposta da Rainha, a que eu sempre achei difficuldade, pela experiencia que tenho da vontade d'estes senhores, e assim intendi se não havia de conseguir o que S. M. ordenava; mas tãobem me fazia estar dubio o ver o pouco que aqui ha para apellar, e que a necessidade faria que V. S. fosse admittido, e assim por maior farei aqui uma relação do que o mensageiro alcançou.

Ha V. S. de saber que em 27 de Dezembro chegou aqui o correio que trouxe a primeira carta da Rainha e as novas da busca de S. Macartheray. A carta levou Manuel d'Abreu ao Secretario, o qual ainda que não respondeu senão da mão de Luiz Teive como lhe ficava entregue, comtudo levou a carta ao Principe o qual a leu e foi á Rainha com ella; tinha S. M. dito pella bocca do enviado de França e dado nova que El Rei estava preso que o Duque estava na Torre, e El Rei com aperto de guardas os quaes regeitavão tudo o que lhe ia, não deixando fallar-lhe senão quem era examinado do que lhe queria; isto correo aqui de modo que eu, recebendo a de V. S. de 21 de Novembro, comecei a duvidar e a dizer que não podia ser, como o P. Manuel Dias vio. N'estes termos houve eu de fallar a S. A. a quem disse que o animo de seu vassallo e o amor que todos tinhamos ao seu serviço nos fazia dar-lhe aquellas noticias para que S. A. provesse n'ellas, o que julgava conveniente, não olhando mais que para a necessidade que S. M. tinha de ter ahi um ministro seu o qual pudesse fallar no que tocava ao serviço de ambos e por aqui contei tudo o que continhão as cartas; por maior ouvio S. A. mas não respondeu cousa alguma, e é de saber que n'aquelle dia ou noute partio S. A. para Salvaterra. Fallei a Fronteira, a quem li tudo, como já dei conta; d'esta minha fallatura e do que a carta da Rainha dizia, segundo o meu juizo, se tomou motivo para o P. Manuel Dias ir a Salvaterra logo, porque tendo-me elle dito que havia de ir estar lá uns dias e que S. A. lhe dissera que tendo occasião de se partir fosse a Salvaterra que lá lhe responderia, subitamente resolveo a jornada e espantando-me eu d'elle a fazer n'aquella mesma noute disfarçou-me com dizer que o Conde de Cocolim o convidava com uma falua e assim ia mas que em oito dias voltava; poucos mais esteve lá. Viu-se comigo o dia que nosso Tio morreu, disse-me que S. A. lhe dissera que até 9 d'este lhe mandaria ordem para partir (tendo esta já). Finalmente hontem me segurou que hoje se partia que S. A. não quizera vir em V. S. e que elle fizera suas instancias mas que não aproveitárão. Eu não duvido que

elle falasse mas não o fez como se queria, bem que a Rainha o escreveu, comtudo disse-me que S. A. escrevia e que elle ía por terra por não ter embarcação segura. Lá vae, V. S. conheça o pouco que lhe deve na diligencia que fez, bem que não é necessario senão muitos agradecimentos, que eu assim lh'o segurei, e não entenda elle que V. S. tem estas noticias e por um navio que aqui está para partir eu escreverei o mais que irá por todo este mez. A elle póde V. S. agradecer muito o como tratou este negocio o qual não conseguio pela vontade destes senhores; a minha desconfiança está em que elle se recatou de mim muito estando-lhe eu mostrando tudo o que V. S. me dizia, mas assentou consigo não me dar conta expressa nem do a que vinha, senão por maior, nem do que o levava senão á força; sei que disse que V. S. estava teimoso e não queria admittir conselho de ninguem, que esta difficuldade lá se conheceria, mas que elle fazia o que a Rainha ordenava. Em Salvaterra se tomou esta resolução da sua partida, sem se haver recebido a carta segunda da Rainha. Lá assiste Fronteira, Duque, a Rainha e S. A. Estes foram da resolução, como creio que Villar Maior seria do mesmo voto e o quadrado (1), mas estes estão cá agora; como lá chegue saberá V. S. as particularidades da dita missão que com tanto segredo se me occulta. Fallou-me em que Fronteira lhe dissera que isto poderia ter caminho com algum casamento, querendo fazel-o com Affonso, com sua filha que hoje tem no Paço, isto por maior; eu disse que se o meio de fazer o gosto á Rainha era esse, o que eu não cria, que intendia que V. S. por ver satisfeita S. M. em tudo virá, mas que não havia eu vendel-o; disse-me que era um degráo mais; elle creio que leva isto para o comunicar a V. S., segundo o que eu intendi d'elle; lá irá revelar o seu segredo.

Em carta de 22 de janeiro:

... Esta noute chegou aqui navio de Plemu *(sic)* que dá por novas que El Rei havia prorogado o parlamento para 24 de Fevereiro e que no mais estava muito amigo de S. M., nova que alegrou muito a todos na Corte Real onde eu estava quando lá chegou; assim se espera o correio de amanham que segundo a nossa conta hão de ser cartas de 19 de Dezembro. Deos as traga como desejamos pois com o maior cuidado se está aqui nas novas d'esse Reino.

Primeiramente depois que avisei V. S. no passado que foi em 16 e 17 d'este soube como se mandára chamar o Marquez d'Arronches (2) e

(1) Não posso perceber se por esta alcunha designava Simão de Vasconcellos Roque Monteiro Paim ou o secretario d'estado Lacerda.

(2) Henrique de Sousa Tavares, conde de Miranda, primeiro marquez de Arronches.

se espera por elle para que venha a quem fazer embaixador para essa corte; não se sabe o que elle responderá e até o fim d'esta semana se espera aqui. As nossas cousas sempre caminham de vagar e sendo este negocio de tanta consideração vae tão lento que só se conhece o cuidado d'elle na assistencia que a pouca nobreza que ha aqui faz no Paço, porque a todas as horas do dia assistem n'elle ora uns ora outros. S. A. com grande cuidado está nas novas de S. M. e pelo seu desejo tomara estar capaz de poder ser elle quem fosse a esta missão, mas prendem a sua vontade as disposições do Duque; este com os mais não tomam nisto a parte que convinha sendo o quadrado, Villar Maior e José da Fonseca que nisto mais vagar lhe dão; aqui se mostra que todos desejão mas nada executão, e para que V. S. saiba como aqui se caminha ha de saber que no Conselho de Estado de 15 deste se assentou fosse embaixador, assim accordaram os da junta; este se mandou buscar ao Porto; Fronteira publica que se o fizessem ia, mas que o não acceitaram, a verdade só Deos a sabe. Elle por uma parte deseja ir servir a S. M. mas por outra não se fia nos que cá ficam não lhe façam a cama e assim entendendo que melhor que ninguem pudéra servir a S. A. e que S. M. se agradaria da sua fineza, não se rezolve. Aqui se teem já nomeado tres navios para ir um sem inda isto estar de todo findo; estava aqui um aparelhado da junta para ir á Bahia em que vae Ramires cunhado de Manuel Lopes d'Oliveira, depois de ter ordem para deixar a carga fóra se disse que era navio muito grande e que ia arriscado ao canal; passarão com o ponto a outro da coroa que estava na tulha, este não pareceu bem e assim tornaram a outro que tinha vindo do Rio de Janeiro, que é da junta; este se está descarregando para se aparelhar para ir, com o que não estará capaz antes de 20 do que vem. A gente que leva são quatrocentos homens dos terços, duzentos e oitenta soldados, cento e vinte marinheiros; os capitães estão nomeados, do terço da armada vae Antonio Tavares e seu filho de que eu estou contente, os do terço novo é um filho de Antonio de Mello de Castro e outros dois que V. S. ainda quando de cá se foi não deixou capitães. Esperamos por este redemptor que chegue do Porto.

No Conselho de Estado todos disseram fosse embaixador; o Bisconde (1) pareceu por Arronches, e Gouvea (2) disse que convinha que fosse, Val de Reis (3) em V. S. emproava mas o Duque não quer que V. S. appareça. S. A. está muito bem com V. S. e diz que V. S. o tem feito com muito acerto e que isso o tem muito obrigado, porem o dominio d'estes homens é tal que não póde o pobre Principe o que quer;

(1) D. Diogo de Lima, oitavo visconde de Villa Nova da Cerveira, presidente da junta do commercio.

(2) D. João da Silva, marquez de Gouveia, presidente do desembargo do paço.

(3) Nuno de Mendoça, segundo conde de Val de Reys.

vendo que não é applicavel o cuidado com que está nas novas de S. M. e lhe tem custado muitas lagrimas, o cuidar nas suas afflicções. N'esta terra se tem desmascarado a gente em fallar em V. S., de sorte que todos attribuem á sua diligencia muita parte do bom successo que esperamos tenha S. M., o que Deus ha de permittir que succeda; n'isto ajudou muito as novas que escreveram os padres d'essa corte e como foram a varias pessoas se divulgou de sorte que segundo o amor de cada um acrescentava o que lhe parecia e todos para bem, inda os mais inimigos, tirado aquelles seis ou sete que não se abrandão com o que os seus entendimentos lhe fazem crer se não com o que a sua vontade lhes persuade, mas Deus os ha de confundir como o vae fazendo pois tanto se opposeram á ida de V. S. a essa corte. O confessor e João de Roxas muito tem por V. S. e o que o primeiro assentava era que a V. S. se havia de ter já mandado ordem para assistir a este negocio em quanto não chega de cá o embaixador e que ambos V. S.as o fossem; mas isto se não vence. S. A. quer mandar João por terra, entendemos que espera ver as novas que amanhan chegam e tambem creio que não partirá sem ficar declarado o embaixador que como se espera por elle devem ouvil-o primeiro. Aqui se falla em que a instrucção que levará será de se unir com V. S. e seguir o que melhor parecer; outros dizem que não será isso, se não que de V. S. se deve separar; isto tem a parte d'aquelles nossos amigos; porem considera-se que S. M. d'isso terá dissabor e que não admittirá isso e que inda que seja sempre fará o que a V. S. lhe parecer primeiro do que ao embaixador. Dizem irá João de Roxas para ajunto e se falla em Manuel Rodrigues Leitão, sem embargo de estar na congregação; isto até aqui é fallar. As cartas de V. S. e as suas novas tem visto toda esta terra e como o confessor m'as não tem dado as não mostrei ainda á Sn.ra Condessa se bem lhe disse o que continham; a Rainha me dizem que lhe não tem parecido mal o como V. S. se tem havido, se bem hoje esteve minha mulher no Paço e lhe não disse mais senão que nós tinhamos muita parte n'este negocio, e não fallou em mais. O confessor deseja que Fronteira vá por lhe parecer se unirá V. S. melhor com elle que com o outro. Aqui não ha tomar pé em nada, cada um cuida o que lhe parece e como as resoluções teem tanta variedade não se sabe nenhuma cousa com certeza, assim tudo aqui é confusão. O Padre Manuel Dias me diz que falla a S. A. em V. S. mas outros me dizem que o não faz, sendo que o podia já fazer porque como já está despachado e com a ajuda de custo não tinha que perder, de mais conhecendo o empenho de S. M., mas parece que não acha boas aguas, assim se vae entretendo. Aqui ouço que ha muitos fidalgos cubiçosos da viagem e desejam ir a essa corte, parece que esperam saber quem é o embaixador para se declararem, o que se saberá como o virmos.

Na mesma data de 22 de janeiro, tendo novas accusações a formular contra o padre, não se quiz demorar em o fazer, e escrevia nova carta.

Na outra digo tudo n'esta só direi como me seguraram hoje que o Padre Manuel Dias não tinha feito a V. S. os officios que se promettia da intercessão de S. M. e que tractou de não desagradar a estes Senhores e fazer o seu negocio ajudando o que lhe pareceu em ordem a que V. S. era muito teimoso e que não cedia a nada do que emprehendia, dando a entender que o empenho da Rainha não era tamanho como o fazia ser a persuadição de V. S.; assim m'o disse hoje um homem. Eu o digo a V. S. para que o conheça quando lá fôr, não para se dar por entendido d'esta minha noticia, e dizendo eu hontem ao confessor que elle me havia dito que tinha fallado a S. A. em que fizesse o gosto á Rainha, mandando a V. S. por embaixador, se me rio dizendo que não havia dito tal nem em V. S. fallára palavra; isto quasi me disse Diogo Carneiro queixoso d'elle não haver dito a S. A. uma palavra do irmão; e isto lhe condemna aqui muita gente, pois sendo elle no estomago e vontade de S. M. não gritasse todas as horas por este negocio; assim que o que se cuidou em o mandar aqui não adiantou nada e como João voltou tãobem alcançou isto mesmo e m'o quiz dizer e eu lhe disse que elle havia feito o que pudéra, por me não fiar n'elle. V. S. se sirva d'esta noticia para conhecer a gente mas não para se dar por achado d'ella e veremos o que sabe d'este negocio, que o confessor me disse que se elle apertára, como devia, que em outra altura estivera, porque as cousas venciam as difficuldades, quanto mais que V. S. era mais fiel ao Reyno e a S. A. que todos os que de cá fossem.

E a 9 de fevereiro:

As cartas de V. S. levei ao Paço e fallando a S. A. lhe disse que, como S. A. me havia pedido os dias passados novas d'essa corte eu tivera cartas de V. S. e d'ellas via que me não faltava nenhuma, que as cousas no que tocava a accusação de S. M. estavam sem que a camara houvesse respondido nem a casa houvesse pedido a resposta e que no mais não faltava que ver, que querendo S. A. que eu desse d'isto parte ao Secretario d'Estado ou ao confessor a daria para que lh'a lessem; disse-me que estava bem, que estimava as novas e que a qualquer dos dous as podia dar para lh'as lerem; pareceu-me melhor dal-as ao confessor que com mais alma olha para as nossas cousas, e tãobem porque o quadrado está ainda doente e não sahe fora, alem

de que não é tão amigo nosso. O confessor estimou muito ver tudo e lá tem todas as cartas assim as de Taborda como as tres de V. S.; hontem as leu a S. A. e me disse que convinha deixal-as lá inda, com que as tem e só a nossa mãe as li em sua casa; assim que se a Sn.ra Condessa e as nossas Tias as não virem tão depressa é esta a causa, que V. S. mais as escreve para que lá se vejam do que para outrem; de mais que como S. A. não tem outras noticias do que S. M. passa e como está com este cuidado folga de repetir muitas vezes e ver o que ahi succede.

As cousas aqui vão com vagar porque entre nós não ha resolução para nada. Arronches parte, segundo diz, Sabbado que são 10 d'este, com elle vae Manoel Dias e vae seu filho; vae o secretario da embaixada que é um lente que estava despachado para o Porto e já tinha lido a quem chamam Domingos Barreiros; este é clerigo, bom letrado, muito amigo do Marquez e todo do Secretario d'Estado e do Bispo seu irmão e por consequencia de Villar Maior, homem alegre e capaz de ser segundo a voz de todos; este se nomeiou ante hontem.

Gaspar d'Abreu (1) vae por mar e havendo-se aqui rezolvido que fosse um navio levar o fato do Marquez de Arronches ouvi hontem que já não ia o tal navio e se fretára ou fazia diligencias por fretar um Inglez para levar o fato e ao tal Gaspar d'Abreu, mas isto ainda não está feito de sorte que se parou com o aparelho do outro e este ainda não está fretado, e assim que considerando os nossos vagares e a pressa que d'essa banda se dá aos negocios estará findo esse quando cheguem e Deus queira será á satisfacção de S. M. Quanto á jornada do Marquez se tem por impossivel que antes de Abril esteja nessa corte pelo tempo o impedir, ainda que elle faz conta de chegar no fim de Março, mas as suas contas sempre tiveram fallencias.

Hontem me fallou o Marquez no Paço e me disse que elle ia a essa corte e que havia dito a S. A. que não era obrigado a V. S. como tãobem não tinha de V. S. nenhum aggravo, que lhe parecia que devia levar ordem para communicar a V. S. nos particulares do serviço da Serenissima Rainha porque como V. S. estava tratando este negocio era razão que de V. S. se não fugisse quando V. S. o tinha tanto trabalhado; que S. A. lhe dissera que se fallaria n'isso; elle então como meu amigo e servidor de V. S. me dizia que eu devia fallar n'isto a S. A. dizendo que não era justo que estando V. S. servindo a S. M. e a S. A. fosse agora o Marquez e não fallasse a V. S. porque d'isto succeder teria S. M. algum desgosto vendo o bem que V. S. tinha servido e o como aqui se attendia a isso; respondi-lhe que eu não tinha tenção de fallar a S. A. n'esta materia, senão sabendo que elle levava ordem para não fallar a V. S. porque ou S. A. tinha determinado que

(1) Fôra nomeado para adjunto do embaixador.

elle fallasse a V. S. ou não, se o tinha que feito estava, se não que o não havia de fazer por eu lhe dizer, de mais que a elle Marquez convinha fallar n'isto porque não podia duvidar que a Rainha se havia de desgostar muito de ver que elle ia com essa separação e que este negocio era mais seu que nosso e que inda que a ordem fosse geral para todos os negocios do embaixador não seria de nenhum prejuizo ao serviço de S. A. e do Reyno ter V. S. parte n'elles, pois não houvera occasião em que não mostrasse como era bom vassallo de S. A.; que S. A. se déra por desgostado de V. S. ir n'essa corte quando foi para ella e que a experiencia mostrava de quanta utilidade fôra V. S. n'ella no serviço de S. A. e de S. M. como todo o mundo conhecia, e aqui lhe contei o que se passára com a licença para V. S. ir ahi; assim que não havia de fallar a S. A. Pedio-me muito segredo n'isto e que o considerasse e fizesse o que me parecesse; disse-me que mandasse a Affonso (1) com elle por terra que elle o levaria com muito gosto, eu lhe agradeci o favor, mas que como não tinha licença ainda que não sabia o que havia de fazer.

Dei conta d'isto a D. Francisco de Souza (2), disse-me que em tal não falasse, porque estes Senhores querião agora vender-nos isto e caminhar n'este negocio por degraus, que elles não podiam deixar de lhe mandar que falasse a V. S. e que o ouvisse em tudo, e que ao meu requerimento não haviam de deferir por mim senão pelo que lhes convinha e que dissesse eu ao Marquez que não cria que, se S. A. tinha essa tenção, se mudasse d'ella pelo eu falar, que, como me não concedia bem em requerimentos, podia temer perder este pelo haver intentado; isto me disse Gouveia tãobem com quem communiquei; não dei ainda esta resposta ao Marquez mas lha darei hoje. As cousas aqui vão com muitos vagares, assim não se sabe quando se acabará este negocio; começou com muita pressa, esfriou como se estivesse acabado; convirá que S. M., sabendo o que o Marquez leva, não deixe de escrever a S. A. a pouca atenção com que olha pelo conselho dos que lhe assistem, e isto fôra bem se escrevesse a Fronteira da parte da Rainha e a Villar Maior e ao Duque e ao Secretário por alguem d'essa banda, como ao confessor pelo P. Bento de Lemos, porque V. S. não póde crer o desaforo d'estas gentes, o pouco que attendem ao respeito e veneração das pessoas; assim tratam a S. A. como se fôra peior do que elles; e á Rainha devia tãobem escrever S. M. sentindo-se do mal que eram aqui ouvidas as suas afflicções; eu digo isto não para que se faça mas para que ahi se veja o como aqui estam as nossas cousas, que escolhem um mentiroso para as ir tratar, que S. A. confessa que não abre bocca que falle verdade, e pareceria razão que de lá se lhes

(1) Era o filho primogenito do conde, que mais tarde foi conde da Calheta.
(2) Capitão da guarda allemã e conselheiro d'estado.

mostrasse que se conhecia o como elles aqui obravam porque ainda que elles o não inoram, comtudo como se lhe não diz cuidão que a gente é tola. O Duque é velhaco, mao e peor para o serviço da Rainha do que ahi o é Bokingam *(sic)*, Villar Maior, Secretario e José da Fonseca são peores que os que votaram se não enfraquecesse o testemunho dos accusadores no parlamento, a Rainha não ajuda aqui o serviço de S. M. e Fronteira não se mata por elle; ainda que lá vá Manuel Dias pregar isso, é mentira; pelo particular d'elle alguma cousa fez no seu despacho, mas por dar gosto á Rainha nada e assim se verá, pois em tres cousas que o dito Manuel Dias trouxe encommendadas de S. M. nenhuma fez; mas soube acommodar-se assim com o despacharem como lhe darem ajuda de custo e com fazer novo emprego n'esta terra, comprando umas casas que Fronteira lhe fez vender da Misericordia, d'onde é Provedor, por oitocentos e cincoenta mil reis, não para viver mas para não morrer n'essa terra do que não faz conta.

Ainda pelo mesmo correio de 9 de fevereiro, a pretexto de negocios de sua prima, a condessa de Penalva, dama de D. Catharina, renovava as accusações contra o padre Manuel Dias, do que não se fartava, e com rasão.

Faço estas regras a V. S. para lhe dizer o que tenho alcançado sobre o requerimento de nossa Prima; em outra dizia a V. S. o que haviam dito, depois soube como nos papeis da embaixada (1) se não fez

(1) O negocio a que esta carta se refere conheço-lhe os promenores pela copia de outra do conde para o irmão, escripta em 3 de março de 1679 e que existe tambem no cartorio da casa Castel Melhor. D. Francisco de Mello, o embaixador fallecido, era parente do conde; pouco tempo depois da chegada d'este a Inglaterra, desprezando as ordens da sua côrte, por iniquas e desnecessarias, começou a conviver com elle, tanto que, na occasião da doença, foi o conde que lhe esteve constantemente á cabeceira. Horas antes de morrer, disse-lhe que tinha os seus papeis em grande desordem e que por isso lhe pedia que os visse, rasgasse os insignificantes, queimasse os das suas *mocidades*, e entregasse a D. Catharina os que lhe diziam respeito e os de interesse publico, para que se remettessem para Lisboa por Marcos Barbosa. Logo depois da morte de D. Francisco, o conde foi dar d'isto parte á rainha e pedir-lhe que, para sua segurança pessoal, fosse servida nomear-lhe testemunhas da sua casa para assistirem á busca a que ia proceder; tão bem conhecia elle a gente a quem tinha de dar contas! Fez-se a escolha com a assistencia de fr. Christovão do Rosario, confessor da rainha, e do padre Bento de Lemos; separaram-se os papeis de estado, e entregou-os a rainha, lacrados e fechados, ao padre Manuel Dias, que os levou para Lisboa, pois Marcos Barbosa tinha adoecido; as chaves da casa do embaixador deu-as o conde á condessa de Penalva, irmã de D. Francisco de Mello. Em Lisboa, depois de recebido o sacco, deram pela falta de quatro firmas em branco de D. Pedro e accusavam a condessa da subtracção, negando-se por isso a dar despacho a requerimentos que trazia. É a isto que se refere a carta de Simão de Vasconcellos. As firmas foram posteriormente encontradas pela condessa n'uma gaveta que escapára á primeira busca.

o que a rasão pedia, porque se devia fazer um inventario de todos e este trazer o Padre Manuel Dias e por elle entregal-os, se assim se houvera feito não haveria esta duvida agora em que se embarranca e se diz que D. Francisco servio mal a S. A. Os papeis vieram em um sacco verde, este entregou Diogo de Brito ao Secretario diante de mim fechado e lacrado, mas ficou n'elle o ver o que ali vinha e nós não sabemos a descarga que se deve dar d'isso. Soube que este sacco se lhe fizera um rombo no mar e os ratos entraram n'elle e que o Padre Manuel Dias o cozera; assim m'o disse Manuel d'Abreu; não sei d'onde isto vae dar; se S. M. não tem lá estas firmas ou não mandar dizer que as vio e d'ellas se fez isto ou aquillo a Sn.ra Condessa não será despachada. Queira V. S. falar n'isso e ver o que devemos aqui dizer e se lá ficou memoria dos papeis que vieram no sacco deve tornar-se a remetter a copia d'ella firmada pela mão real de S. M. porque vindo assim se lhe dará d'aqui credito que de outra maneira não sei se isto desembarrancará nem terá fim.

Eu hontem me desenfadei com Manuel Dias e lhe disse que pois se ia eu era obrigado a lhe dizer aqui o que elle lá havia de achar; que eu via que elle trouxera tres negocios de S. A., que foram os que o trouxeram a esta terra, dos quaes via que fizera pouco n'elles; que pelo que tocava a V. S. em parte ia deferido pois levava ministro ou ministros, com o que S. M. se daria por satisfeita; que pelo que tocava á Sn.ra Condessa vira que elle não fallára n'isto duas vezes ou se o tinha feito que não apparecia; que eu sabia que elle tinha aquella noticia e não havia occultado, a qual eu lhe dava para que visse que tãobem o alcançava; que não sabia como elle havia de apparecer n'essa corte; que elle pudéra ter dito como fôra testamenteiro de meu Primo e que com o confessor e Bento de Lemos apartaram os papeis da embaixada e os levaram á Rainha, e que ella os mettêra n'aquelle sacco ou por sua ordem, dando em uma carta toda a declaração, e que n'isto não fallaria mais. Que ouvira o insolente de José da Fonseca nomear a Sn.ra Condessa por Maria Penalva; que isto era desafôro o ouvil-o; elle achou-se alcançado, negou-me que não havia sabido nada das firmas, senão que havia dias que fallando nos despachos da Sn.ra Condessa não vira boas aguas para elles, e que não fôra só José da Fonseca que isto dissera senão que tãobem outros; disse-lhe que seria o Duque, que tão fraco era como isso; disse-me que assim era e que elle lhe dissera que a Sn.ra Condessa era Condessa por carta de S. A., que lhe respondêra que isto era fazel-o, disse-lhe que se o fora mal feita que o Duque a fizera e a de Pontevel e não El Rei que a ser assim muito mais lhe fizera; elle não ficou contente. O clerigo é velhaco, teimoso, só trata da sua conveniencia e de chupar ahi o que puder; a sua tenção é que S. M. mais um anno menos um anno não ha de certo estar ahi e elle vae com esse sentido, assim trata de si; disse-me que

havia de falar a S. A. antes de se ir. V. S. tenha estas noticias para saber que se elle á Sn.ra Condessa a quem deve tanto serviu tão mal aqui, como havia de fazer pelas cousas de V. S. cousa boa; a Sn.ra Condessa lhe não é obrigada em nada, á Rainha servio mal, n'esta occasião, a V. S. não lhe poude fazer mal mas bem não fez, porque me disseram que elle dissera que V. S. era muito amarrado ao seu parecer e não queria admittir razão de ninguem e que isto da embaixada fora mais desejo de V. S. do que da Rainha, que era verdade que ella queria, mas que V. S. o aquentava. Se eu vira que elle tratava de preencher o que se lhe encommendava e que o não conseguia, crêra que elle fizera o que estivera na sua mão mas vejo que tratou de se despachar a si e que se metteu com José da Fonseca todas as horas e com Fronteira e não me entrou em casa mais que uma vez e nunca me disse o a que vinha directamente, nem o que achava em cada um, senão geralmente que ouvia que não queriam admittir o que elle dizia; nem me disse o que passára com S. A. e com a Rainha, finalmente de mim se guardou como se eu fora outro homem e não tivera todo o interesse por o gosto de S. M.; e tãobem para lhe dizer eu o que entendesse de alguns, verdade seja que eu lh'o haveria dito, mas nada montaria porque se não conseguiria, mas era razão que o fizesse. V. S. o póde conhecer por espia dóbre destes senhores e isto já era no tempo de D. Francisco que Deus tem, hoje o ha de ser e não tem fé mais que com a sua conveniencia; esta se persuade que em Fronteira a tem, assim a elle attende com mais sentido; o arcebispo o gaba hoje muito e Arronches, assim o fazem todos aquelles que com elle fallam, isto porque lhes fala á vontade.

No dia seguinte, 10 de fevereiro, escrevia só pára insistir na noticia, que já dera, de serem agradaveis a D. Pedro as cartas do conde.

... Fui hontem a Lisboa e fallei ao Confessor que me disse que S. A. lhe tomára as minhas cartas que V. S. me escreveu e as de Salvador Taborda e com os papeis das novas e tudo fôra ler á Rainha e depois hontem pela manhan se leram deante de S. A. pelo Marquez de Fronteira na presença do Duque, Arcebispo de Lisboa, Villar Maior e Pedro Sanches. Diz que louvara muito a V. S. tanto no que tinha feito quanto no que dizia que assim se fizesse, que tudo estava muito bem advertido e me segurou que estava muito satisfeito de como V. S. se tinha havido, de que confessava que a V. S. se devia muito, assim m'o segurou Diogo Carneiro, que lh'o ouvira e que sendo os animos d'estes senhores máos para V. S. não poderam rebater o que veem que V. S. obra, principalmente vendo S. A. tão empenhada na

pena da Rainha, e póde V. S. segurar a S. M. que S. A. arrebenta de pena de não lhe ser possivel o saber de S. M. todos os instantes e o assistir-lhe, mas os seus ministros são tam vagarosos que nada acabam nunca, assim parece que não terá fim a ida d'estes ministros. V. S. deve ter grande gosto no meio d'estas afflicções, que ahi se padecem, de ver como apezar das vontades más conhecem todos o muito que V. S. tem feito e se fôra possivel a toda esta terra dar testemunho do seu agradecimento a V. S. não houvera quem o não déra porque o que de V. S. se diz é uma cousa só, assim grandes como pequenos. Eu agradeci ao confessor o que fazia e póde V. S. crer que não tem aqui maior amigo que elle e conhece a má vontade com que alguns aceitam as novas de V. S. e não se lhe dá de nada porque como conhece em S. A. gosto de saber cuida de procurar alivial-o mostrando-lhe a verdade com que V. S. obra no seu serviço; isto me disse muito contente e a mim me pareceu dar-lhe a elle antes as cartas, porque elle não troca tanto as cousas como o quadrado, de mais que, como estava mal disposto me pareceu não lhe fallar em nada e esta via é melhor porque, como o fim é que a S. A. chegue, por aqui vae com menos suspeita.

No dia seguinte, 11 de fevereiro, aproveitava a partida dos embaixadores e de Manuel Dias para escrever novamente, e não era pequena traição fazel-os a elles portadores de similhante verrina.

... Na carta que João leva dava conta a V. S. de como S. A. e a Rainha viram as que V. S. me escreveu e as de Taborda e que estava S. A. muito com V. S., assim m'o seguram todos e creio que, se não fôra a má vontade d'estes senhores, que o cingem, que muito adiante estarião as nossas cousas, mas segure-se V. S. que se não falta em fomentar aquella inclinação e que as suas cartas são lidas com alma d'onde S. A. as ouve muito bem. Este fidalgo parte e eu não pude colher as ordens que levava em fallar a V. S., elle, como não sabe fallar verdade, me disse que não levava nenhuma. Hontem verdade seja que tãobem disse que não tinha inda as instrucções, mas n'elle não ha fiar, ao menos no que diz; assim V. S. saberá de Manuel Dias a sua determinação para saber como se ha de haver com elle, porque se elle não houver de buscar a V. S. não será razão que V. S. o faça; se eu alcançar alguma cousa mais pelo correio o direi, que creio chegará primeiro que elle. V. S. bem o conhece, d'elle se não fie porque troca tudo á sua fantasia e assim não é razão que lhe demos nós documentos para nos fazer mal com elles. Á Sn.ra Condessa escrevo o que V. S. verá, que vae aberta a carta para que V. S. a feche antes de lh'a dar;

n'ella digo o que deve ao P. Manuel Dias, de quem não posso deixar de dizer a V. S. ficar com muita raiva, não de não conseguir o que se lhe encommendava porque fazendo elle o que era obrigado o successo Deos o dá, mas de ver como elle se metteu com José da Fonseca e com Fronteira e Duque de sorte que tudo n'elles era chamal-o para tudo e o mal que comigo se houve não me dizendo nada mais senão cousas geraes, de sorte que o que eu colhia lh'o dizia, para que visse que tãobem me chegavão noticias. Elle não é liso e assim era no tempo de D. Francisco, que Deus tem, elle foi quem cá escreveu que V. S. jantára com elle algumas vezes e que com elle se fallava, e poderá ser que isto de S. A. lhe dizer, se é que o fez, de se dar por mal servido de meu Primo que seja por elle haver fallado a V. S. contra o que se lhe havia mandado, como se fosse crime falar a gente quando não é cousa de negocio; eu isto entendo e o tempo o irá descubrindo porque nada se faz que se não saiba; elle tratou de se despachar a si e de fallar á vontade a estes Senhores e se falla a alguem verdade é a elles que cá ficam, mas até o serviço da Rainha que Deus guarde creio que vende. A sua pratica é que isso ahi se ha de acabar um anno mais ou menos e assim trata de ter cá o seu retiro e repare V. S. que cuida muito no futuro e assim a elle se vae prevenindo. Eu confesso a V. S. que o não podia já ver depois que me disse Diogo de Brito que á Sn.ra Condessa chamavam aqui por Maria Penalva, isto José da Fonseca insolente e o Duque que é peor que todos, e foi tal que ouvio isto e poderá ser que ajudasse a dizer muito mais porque o que elle respondeu não sabemos; o que os outros lhe disseram nos disse elle ou o Diogo de Brito. V. S. receie d'elle porque sendo tão caviloso não convem tratal-o com familiaridade de mais, que vae hoje com esse verdadeiro homem que n'essa o ha de assistir e assim quererá saber para lhe contar e escrever cá; supposto que não tenha V. S. cousa occulta comtudo não convem fiar de quem tão pouco merece. Conviria que a Rainha o soubesse para lhe agradecer o como aqui tratou do seu serviço; da sua conveniencia o fez elle mas no mais fez o que quizeram e assim se vio; na pessoa de V. S. não teve que dizer mais que V. S. era amarrado ás suas resoluções e assim não admittia conselho de ninguem como já disse a V. S.; isto é o que toca a este sujeito.

Os que elle leva para esta missão é a verdade do Marquez de Arronches, a gôta de Gaspar d'Abreu que para estar em pé seis a sete horas tem setenta annos d'edade e a experiencia do Secretario, que a tem d'haver visto muitas vezes as cheias do Mondego, mas vae o Rozendo, que assombrará toda essa corte com a sua feição e com a verdade com que fallar; porem isto nos não toca, S. A. o rezolveu assim, a elle pertence mais este negocio e a nós o acomodar-nos com elle.

Finalmente, a 27 de fevereiro, incansavel n'esta febre de maledicencia, escrevia de novo:

... Sn.r estes Senhores teem grande odio á pessoa de V. S. e sua phraze, principalmente a do Duque, é que não vae nada em que a Rainha se perca e avaliam por melhor o deixal-a perecer; d'esta opinião é José da Fonseca, Duque, Secretario e não sei se tãobem os dous; segure-se V. S. que se elles não conhecessem em S. A. tanta dôr de ver o que sua Irmã tem padecido, que não havia de aqui lembrar esse Reyno. Eu disse ao confessor o que convinha fazer-se sobre a informação do Porto e o que se devia dizer a D. Francisco Parry (1), elle pelo que conhece em S. A. muito lhe entrão estas cousas, mas como estes homens estam tão declarados não se póde fazer tudo, dizem que isto não é nada, que V. S. cuida de os governar, que tudo são cousas aerias e finalmente concluem que não importa conservar a Rainha; não digo mais porque escandalizaria os ouvidos o seu desafôro; finalmente é gente que tem um ruim coração, com isto digo tudo. V. S. tenha estas noticias para si não para as dar a S. M. porque não convem inda agora dal-as; tempo haverá que lhe cheguem e assim para então se devem guardar.

É necessario dar um certo desconto ás affirmações de Simão de Vasconcellos, que escrevia apaixonado, influenciado pela *raiva* (como elle diz) que lhe inspiravam todos quantos punham obstaculo á rehabilitação do irmão ou que n'ella trabalhavam sem ardor, mas não deve ser grande o desconto, porque o que elle diz relativo á incapacidade, á desunião, ao acanhado das vistas dos que governavam, concorda com o que affirma a maior parte dos contemporaneos, ainda os mais imparciaes, e nomeadamente o padre Antonio Vieira, que, nas cartas que n'essa epocha escrevia, muitas vezes lamenta a falta de nexo dos conselheiros da corôa.

(1) Enviado de Inglaterra.

X

O conde de Castel Melhor a novidade que viu nas cartas do irmão foi a melhoria que se começava a perceber no animo de D. Pedro, porque da malquerença dos seus adversarios estava elle informado havia muito e não lhe causava por certo estranheza. O favor do principe é que elle desejava reconquistar, e por isso não se descuidou em aproveitar as boas disposições que as cartas de Lisboa lhe davam a conhecer. Não serei eu que o hei de censurar por isso, não serei eu que hei de caír no erro, hoje tão frequente, de querer avaliar com as idéas de agora os homens de ha dois seculos, desprezando todas as circumstancias de tempo e de logar. N'aquelles tempos, já o disse, o soberano era tudo, e não só o alvo dos ambiciosos que por elle queriam governar, tambem para os patriotas o symbolo que cumpria respeitar, porque n'elle viam individualisada a patria. A minha patria e os meus principes eram expressões que andavam sempre juntas, e que havemos de ver repetidas muitas vezes pelo proprio conde de Castel Melhor. Alem d'isto o homem mais zeloso da propria dignidade, incapaz de supportar a um seu igual a menor quebra no respeito que julgava ser-lhe devido, supportava ao principe as maiores injurias, as mais graves desconsiderações, e, se tinha um coração leal, esquecia-as logo, porque a educação que recebêra lhe ensinára que áquelles homens, *que Deus collocára no throno*, tudo era

licito, e que a injuria deixava de o ser quando d'elles partia. Vicios de educação, embotamento do senso moral, mas não cuidemos que os não tem tambem a illustração da nossa epocha e que são justos todos os nossos preconceitos; ainda está longe de ser puro o leite que bebemos.

Demais, bem sabia o conde que D. Pedro, apesar de ter trabalhado com alma, vida e coração na sua quéda e no attentado que arrancou ao irmão o throno e a esposa, que para esse caminho o tinham levado paixões violentas, não tinha capacidade sufficiente para ser mais do que instrumento passivo nas mãos dos que o rodeavam, e por isso não se cansava em querel-o tornar responsavel pelas injustiças de que era victima, antes tratava de desviar em seu favor a sua fraqueza.

Foi de certo obedecendo a considerações d'estas que, mal soube o agrado com que eram lidas as cartas que escrevia ao irmão, com audacia pouco vulgar, assumindo a qualidade que lhe negavam, começou a fazer o officio de embaixador e a dirigir despachos ao proprio D. Pedro, prescindindo da hypocrisia dos intermediarios.

Supponho que d'este facto não resta sequer vestigio nas compilações diplomaticas tão completas, que n'este seculo se têem publicado, e por isso transcreverei para aqui integralmente as copias ou rascunhos que d'elles possuo; quanto mais que são documentos notaveis pelo senso politico, previdencia e largueza de vistas, que denotam no estadista portuguez, e ainda que não dêem noticia de nenhum facto de importancia que não esteja mencionado pelos historiadores inglezes, satisfazem a esta necessidade da moderna historia de accumular provas, mesmo dos mais incontestados acontecimentos.

Senhor. — Hoje se parte o Duque de Yorck para Ollanda (1) e a Duquesa; deixão nesta terra Madame Ana filha de S. A. do primeiro matrimonio, não querendo S. Mag.de que ella os acompanhasse, e Ma-

(1) Para Bruxellas é que foi o duque e, segundo se deprehende d'este despacho, não foi depois da declaração do rei ao conselho relativa ao duque de Monmouth, como o affirma Hume, mas anteriormente que annuiu a retirar-se.

dama Isabella, filha de ambos. Vay o Duque por ordem de S. Mag.de a quem disse, ha alguns dias, que via as suas cousas em estado que temia de o não poder sostentar com a nova vinda do Parlamento. Esta resolução ha abatido os animos de muytos criados del Rey, e consequentemente de outra gente que tem bom affecto aos interesses de V. Mag.de; o que della pode resultar não se pode assegurar; pode-se temer muyto que não correspondão os effeitos á intenção com que S. Mag.de a determinou. Está o Reyno cheo de embaraços; e não obstante que o animo del Rey he grande e que seu conhecimento he tambem grande, vem-se de presente tantas cousas que se não esperavam, ou inda que se esperassem, que se não prevenirão, que ha bastantes motivos para duvidar muyto. A Ser.ma Rainha falou hontem a S. Mag.de, que lhe deu conta do que tinha resoluto, assegurando-a, que tudo isto era por melhor poder evitar que o novo Parlamento não seguisse os passos do outro. S. Mag.de lhe respondeu, que ella desejava o mayor bem da pessoa de S. Mag.de; que como isto fosse para tudo o maes se achava com paciencia para sofrer; porem que desejava que S. Mag.de lhe declarasse o perigo de sua pessoa, e lhe pedia a conservação da sua familia e Capela; mas, porque sobre tudo ella se queria explicar maes ampliamente, pedia a S. Mag.de fosse servido de ouvir com atenção quem ella lhe enviasse; prometeo-o el Rey e com grande affecto lhe mostrou o quanto lhe desejava dar gosto. Veo esta manham S. Mag.de ver a Rainha; mandarão-me chamar; mandou-me S. Mag.de que declarasse a el Rey o que ella hontem me tinha ditto; que vinha a ser; que não obstante, que S. Mag.de se achava com toda a confiança na protecção que S. Mag.de lhe tinha prometido para a sua pessoa Capela e familia, queria que tambem por mim chegasse a S. Mag.de o agradecimento e a noticia do muyto que ella confiava na sua palavra: e tambem desejava que eu lhe pedisse a mesma confirmação; que não era falta de confiança a que obrigava S. Mag.de a mandar falar; que era causada esta resolução das mudanças que repentinamente se vião; que esta da sahida do Duque dava grande espanto. Ouvia-o el Rey tudo, e assegurou o mesmo, que já tinha ditto á Rainha, e a mim, e a algumas pessoas deste Reyno, que era; que elle não havia de faltar á Ser.ma Rainha; e assegurava que a sua pessoa, a sua familia, a sua Capela havia de conservar com toda a resolução; que tinha tomado a de mandar seu Irmão fora do Reyno, porque sabendo eu a tempestade que por causa da sua religião tinha vindo sobre ambos, duvidava muyto de poder resistir a qualquer ataque novo, e sendo forçoso perecer com seu Irmão tendo-o comsigo, lhe parecera tirar esta presa sobre ambos, (tal foy a sua palavra) que elle esperava que as cousas tomassem melhor caminho; falou em que tinha dado ordem, que não se sentenciasse nenhum preso, athé que os Milordes o não fossem; e que estes tinhão assaz de provas para des-

truirem por perjuro o testemunho destes dous accusadores; respondi, que na resolução tocante a S. A., S. Mag.de a devia ter considerado de maneira que não ficava lugar a ninguem de falar; que eu queria crer que isto fosse para bem; que assim o rogava a Deos, inda que cheo de temores, como estava; que quanto os Milordes eu temia muyto que hũa nação inteira que quer o contrario daquilo que se propunha fizesse grande peso no mao sucesso da sua causa; e que ha poucos dias o tinhamos visto na que se fez a estes tres pobres homens que morrerão condenados pola morte do justiça de paz (1). Respondeo el Rey, que athe a morte se podia duvidar alguma cousa, mas que vendo a constancia com que morrerão, não ficava lugar para isto; que os jurados tinhão feito a sua obrigação; concordei nisto; porem que o juiz que expos o facto aos jurados o fisera muyto mal: nisto conveo S. Mag.de; em maes discurso se entreteve sendo o fim de que elle não havia de faltar á pessoa da Rainha, havia de conservar a sua familia e Capela. Sahido que foy S. Mag.de entrou o Duque a despedir-se da Ser.ma Rainha, que consolando-o, e chorando ambos se despedirão; assistia eu na casa de fora, adonde despedindo-me eu de S. A. lhe disse, que cada dia cria mais a necessidade que S. A. tinha de faser o que el Rey mandava, que S. Mag.de me tinha falado hoje de hũa maneira, que eu julgava ser muyto conveniente á pessoa de S. A., livral-a do perigo que lhe podia acontecer; pois que chegando o ponto de diser el Rey que o não podia sostentar, era facil que se alevantasse algum testemunho em terra donde não falta quem tenha este oficio, disse-me que assim o entendia. Havia alguns dias que S. A. me tinha comunicado este negocio, como resolução tomada por ordem del Rey; eu lhe tinha dito sobre elle o que me parecia; disse-me que se não enternecera com nenhuma cousa se não com a vista da Rainha, cujos negocios elle temia muyto: segurou-me da sua protecção, honrando-me muyto, e com isto se partiu. Isto he, Senhor, o que aqui tem acontecido estes dias.

O estado do Reyno he de hum odio parece que irreconciliavel para com a religião catholica em muytas pessoas; em outras hum temor grandissimo da mesma religião; em quasi todas hũa segurança que houve hũa conspiração aqui contra a pessoa del Rey, contra a religião e contra o governo. Espera-se um parlamento composto de gente pouco affecta á Corte, e disem que ha entre ella alguns que são menos affectos ainda á Monarquia; Deos por sua divina misericordia ponha as cousas em estado que receba el Rey a sua satisfacção que será o meyo da Rainha a ter; a constancia de S. Mag.de, resolução, paciencia nos trabalhos e igualdade do animo, admira todo o mundo, não

(1) Sir Edmundsbury Godfrey. Os condemnados chamavam-se Hill, Green e Beny, homens do povo.

havendo ministro de Principe aqui que não tenha feito diser a S. Mag.de que a sua virtude e inocencia, quando não foram as outras muitas razões, que havia para a servirem, bastavão para o faserem ao preço do seu proprio sangue; esta recompensa começa a dar Deos a quem com tanto sofrimento tem padecido, e com tanta resolução se abraça com a vontade divina como faz S. Mag.de Disse-me S. Mag.de hoje que elle estava resoluto de faser tudo o que fosse possivel pela segurança da Religião Anglicana; e tambem a não permitir que nas suas prerogativas reays se tocasse; he certo que os interesses do Duque podem ser no primeiro muyto maltratados.

Chamou el Rey a conselho hoje e declarou que tinha chegado á sua noticia que corria hũa voz muyto contra a Monarquia; e outra, que elle fora casado (1) com outra pessoa antes que com a Ser.ma Rainha; e levantando as mãos ao ceo, tomou a Deos por testemunha, que elle nunca tivera, nem negociação sobre casamento, nem dera promessa, nem com effeito se casara se não com a Ser.ma Rainha D. Catharina sua verdadeira molher; e que queria que todo o conselho fosse testemunha d'isto, e que esta declaração se registasse nos livros do conselho. Foy solicitada esta declaração pollo Duque, que vendo os rumores falsos que andavão, quiz a segurança do seu direito: o que parece se não póde impedir por outra parte. Esta nova me persuado que contente a V. A. a quem eu dou as referidas por passarem por mim, e tambem por não ser inda chegado algum dos ministros que nos disem V. A. he servido de mandar a esta Corte; que suponho tragam aquellas instrucções para a maneira com que se hão de haver em tempos tão trabalhosos, e em negocios tão difficultosos, que a prudencia de V. A. nos está prometendo. No serviço da Ser.ma Rainha tenho obrado, o que meu juiso, a minha diligencia e a minha boa sorte me permitirão: espero que V. A. tenha inteira informação pollo testemunho de S. Mag.de, e que conheça em todo tempo, que nem em seu real serviço, nem em seus reynos tem vasallo, que com mayor zelo procure as avantajens de hum e de outro, que eu. A real pessoa de V. A. guarde Deos, como seus vasallos desejamos e havemos mister. — Londres $\frac{3}{13}$ de Marso de 679.

Senhor. — Despois da duvida que o Parlamento teve com S. Mag.de sobre a nomeação de orador em que se gastarão alguns dias, tomou

(1) Dizia-se que Carlos II fôra casado com Lucy Walters, com quem tivera amores, e que por consequencia o duque de Monmouth, filho de ambos, e muito valido do pae, era legitimo e herdeiro do throno. O duque era muito popular e, comquanto fosse falso o boato, de tal fórma se espalhou e foi tal o credito que mereceu ao povo, que facilmente acreditava o que desejava, que teve o duque de York receios de que o sobrinho lhe roubasse o throno.

el Rey expediente de o prorogar por tres, e sendo instituição do mesmo Parlamento, quando he prorogado, que todos os negocios, que não estão acabados, fiquem como se se não tiverão tratado; ficou tambem este n'este estado: chegou o dia em que S. Mag.de o chamou de novo, que foy sabado 25 do corrente; mandou S. Mag.de á Camara, que escolhesse orador, e immediatamente se fez eleição de hum homem, que não tinha sido nomeado por nenhũa das partes; por esta via se acabou a contenda, na qual quer cada huma ter conservado o direito; a da Corte porque não aprovou el Rey, quem a Camara nomeou; a contraria porque alem de não nomear, quem a Corte dava intenção que queria, foi necessario hũa prorogação (1), para servir a nova nomeação. Ha muitos tempos que boa parte d'esta nação tem má satisfação do Conde de Damby, thesoureiro mór do Reyno, segundo officio d'elle, e que exercitava tambem o de primeiro ministro; no parlamento passado foi acusado, o que, segundo dizem, deu motivo para que o dito Parlamento fosse dissoluto, e se chamasse hum novo, no qual, segundo as disposiçóes, se podia crer tivesse ainda menos partido, para se sustentar, que no passado. Estas causas moverão ao dito Conde a faser hontẽ hum discurso a el Rey, no seu conselho do gabinete, no qual mostrou haver já tempos, que tinha pedido a S. Mag.de licença para renunciar em suas mãos o officio, que exercitava; que via, o que o Parlamento passado intentara, de querer tirar o dinheiro da sua mão, contra o costume; que não obstante o muito que tinha trabalhado, por dar satisfação á nação e acudir aos negocios de S. Mag.de, e poder dizer com verdade, ter passado com a sua diligencia, neste particular, muito alem, do que a esperança lhe prometia, via comtudo, que a sua pessoa prejudicava aos negocios de S. Mag.de e assim lhe desse licença para se retirar. Respondeo el Rey a esta pratica com hum discurso muy ajustado e de muita honra para o tal Conde, e lhe concedeo licença; e fica determinado que a cinco do mes que vem, deixará o seu posto, e se retirará. A resolução del Rey he faser huma junta, que exercitará em comum o officio de Thesoureiro mór; com isto se persuadem muitos que o Parlamento se renderá a dar a el Rey aquelle dinheiro, que seja necessario, para livrar a S. Mag.de dos apertos, em que está. Suppõe-se que se o tido Thesoureiro mór houvesse tomado esta resolução ha quatro meses, que tivera Ingalaterra gozado o mesmo descanso, que athé aquele tempo tinha dito; que o Duque de Yorck

(1) Hume não falla n'esta prorogação. Era praxe indigitar o rei o candidato a *speaker* (presidente da camara) e não havia memoria de se ter a camara afastado das indicações da corôa, mesmo quando se reuniu o *Longo Parlamento*. N'esta occasião o rei indigitára sir Thomas Meres e a camara elegeu Seymour, o *speaker* do anterior parlamento. Por compromisso das duas facções, nomeou-se Gregory. Como nunca se dera o conflicto foi n'esta occasião que se fixou a praxe constitucional de ter o soberano o direito de recusar sanccionar a eleição do presidente quando lhe não agrade.

não sahiria do Reyno; e que os Milordes, que por catholicos perderão os seus lugares no Parlamento o não farião; porque todas estas cousas se podião comprar com a resolução referida. Hoje, he certo, que não obstante, que elle a tomou, a religião padecerá seu trabalho, por estarem os animos muyto dispostos a procurar-lh'o. Os negocios da Ser.ma Rainha não tem alteração, porem as cousas são tão insertas, e mudão tantas vezes, que de hũa hora para outra pode succeder o contrario, e ter S. Mag.de, alem do desgosto polla causa geral, (de que se não póde livrar), algum particular: quererá Deos evital-o. Eu continuo a dar a V. A. noticia, do que aqui passa, em quanto não ha quem o faça; o que brevemente esperamos; e eu, que seja V. A. servido de persuadir-se, que o meu zelo me fará em toda a ocasião mostrar, que sou fiel vasallo de V. A., cuja real pessoa guarde Deos como todos desejamos e havemos mister. — Londres $\frac{17}{27}$ de Marso de 1679.

Senhor. — Depois do que se escreveo com o ultimo correo em ordem ao negocio do Conde de Damby thesoureiro mór deste reyno, que ficava resoluto de deixar o seu oficio a 25 deste mes ou a cinco pello estilo das outras terras, continuou a Camara baixa a pedir á alta que fosse metido em prisão, havendo-se divulgado que el Rey o tinha feito Marquez; deixou a Camara alta o debate da questão por dous dias no fim dos quaes chamou á Casa baixa a Hotz e Bethló *(sic)* para faserem relação diante do Parlamento novo de tudo o que tinhão dito em presença do passado, o que exactamente fizerão, segundo se diz; e acrescentárão cada hum hum artigo contra o dito Conde de Damby. Hotz em diser que dissera que dentro de hum mes esperava de o ver enforcado, e Bethló que o mandou chamar á sua casa, que lhe oferecera dinheiro para que não falasse maes no plotte, e que, não querendo elle convir nisto o ameaçara; e que, não se dando por seguro debaixo da tutela das guardas, pedia que o Parlamento fisesse com el Rey que o deixasse debaixo da protecção do Duque de Monmouth. Deputou a casa baixa a el Rey sobre este negocio; respondeo, mandaria ter cuidado que lhe não acontecesse nada e que estava seguramente guardado. Sabado 1 de Abril foy el Rey ao Parlamento em suas ropas e disse que elle o tinha chamado para pôr fim aos negocios, que via que os do thesoureiro mór detinhão todos os outros, e assim lhe declarava que elle lhe tinha dado perdão de tudo em que podia haver faltado; antes que o Parlamento se ajuntasse; que se ao tal perdão faltasse alguma forma elle o emendaria e lh'o daria dez veses; que queria que se não tocasse nem á pessoa, nem ao estado do dito Conde; que era acostumado a dar estes perdões como o sabia muy bem o Duque de Bockingão e o Conde de Chazbury *(sic)*, que os havião tido; que as cartas porque acusavão o dito Thesoureiro mór,

erão feitas por seu especial mandado (1); que no Plotte não podia ser culpado, porque elle não sabia nada maes que o que S. Mag.de lhe disia; que fossem tratar dos negocios publicos. Com isto se retirou a Camara baixa e a alta começou a consultar, e resolveo faser hum acto pelo qual se pedisse a el Rey que incapacitasse o dito Conde de Damby de ter maes oficio publico, de poder receber nenhumas graças nem mercês de S. Mag.de de não poder aparecer diante de sua presença, nem assentar-se no parlamento, e ter-se longe de Londres 20 milhas. Fomentarão os seus amigos este acto, cuidando que este era o menor mal que lhe podia acontecer, e seus inimigos convierão tambem por porem fim aos negocios do dito Conde; fez-se o acto e mandárão, os senhores, pedir huma conferencia á Camara baixa, a qual se resolveo para hoje; disputar-se ha por huma e outra parte, e, se as camaras convem ambas, poderá este negocio terminar-se passando el Rey o acto. Na dita camara baixa se tinha falado muito fortemente contra o ditto Conde de Damby, querendo-se invalidar o perdão, que concordão poder ser de pouco proveito ao ditto Conde de Damby, pois que lhe faltão muitas formalidades essenciaes; a camara baixa quer que se meta em prisão, que se lhe faça o seu pleito, que achando-se culpado lhe faça el Rey a graça que quizer, que de outra maneira ficarão os seus erros sem nenhum castigo, e não ficará exemplo, e finalmente está-se neste negocio com o mayor fogo que se pode crer. O outro negocio que se trata he o do plotte no qual se não perde nem momento de tempo, nem circumstancia pello provar, e já a Camara baixa tem pedido a el Rey que consinta em hum dia de jejum por graças de tal descubrimento, em que a Camara alta concorda, com o que esta materia cada dia se faz maes escabrosa, e se entranha maes nos crimes desta nação; o que ha de succeder Deos o sabe; permita Sua Divina Mag.de que seja cousa que esteja bem a todos.— Londres 3 de Abril de 679. — A Camara baixa mandou hoje huma mensagem á camara alta para lhe pedir justiça contra o Conde de Damby e que se assegurassem da sua pessoa; respondeo a Camara alta que ella o tinha já feito, havendo decretado que fosse preso, e o tinha mandado buscar a sua casa donde dizem que o não acharão; aqui deu fim este negocio pello que toca á existencia d'este homem.

Que idéa formaria D. Pedro, na sua ignorancia provavel do *self-government* inglez, de que o conde lhe dava os promenores n'estes despachos? Que desprezo não seria o

(1) A carta a que se refere é uma que o embaixador inglez em Paris, Montaigu, comprado por Luiz XIV, submettêra ao parlamento, e em que Damby, por ordem de Carlos II, pedia ao soberano francez 6.000:000 libras de pensão por tres annos para atraiçoar os interesses dos confederados e os do seu proprio paiz.

d'elle pela fraqueza do cunhado, que admittia que uma reunião de maltrapilhos (pensava elle de certo) lhe dictasse leis e lhe impuzesse regras de bem viver? Elle que só tinha que attender á mulher em primeiro logar, ao confessor logo depois, e á camarilha dos seus conselheiros! Elle que achava nos subditos de mais valia, como o conde de Castel Melhor, a mais illimitada obediencia, a mais resignada paciencia para lhe supportar os caprichos e despotismo; e no conde a paciencia era deveras inexgotavel!

Vimos pelas cartas de Simão de Vasconcellos que não podéra este chegar a saber se o marquez de Arronches levava ou não ordem para fallar ao irmão; vimos que lhe aconselhava que tratasse de o indagar pelo padre Manuel Dias para evitar um insulto do embaixador. É provavel que o padre desse ao conde a informação pedida, a não ser que continuasse em Londres a deslealdade com que tinha procedido em Lisboa, e é certo que pelo que passou com Gaspar de Abreu, que chegou antes do marquez, poderia o conde prever o que com este lhe havia de succeder.

Comtudo, não querendo ser elle quem faltasse ao que devia ao ministro do seu principe, apesar de não ignorar qual era a resposta que havia de ter, logo que chegou o embaixador mandou-lhe dizer que esperava as suas ordens. A resposta que lhe deram consta da carta que logo depois escreveu a D. Pedro.

Senhor. — Logo que chegou o Marques de Arronches lhe mandei diser que eu reconhecia a obrigação que tinha de o ir buscar como Ministro de V. A., para que em tudo o que tocasse a seu real serviço e eu podesse ter algum prestamo, elle determinasse o que devia de obrar; respondeo o Marques que elle tinha ordem de V. A. para não comunicar comigo; o que tambem a semelhante recado me tinha respondido Gaspar d'Abreu; a esta resolução de V. A., como a nenhũa das que em meu perjuizo se tem tomado me não devo eu oppôr; fica-me a estrada da paciencia com a qual he certo que Deos Nosso Senhor permitira que se dê tempo a que V. A. seja melhor informado do que me toca; os serviços que nesta corte tenho feito á Ser.ma Reyna da Gran Bretanha e por consequencia a V. A. não são em nenhuma

maneira menores daquelles que em minha vida fiz á minha patria: e isto, que me houvera de desconsolar, por ver a força que tem meus adversarios, de os deslusirem diante de V. A., me da em alguma maneira alivio, pois que são elles taes que não ha nação na Europa que os não conheça e que me não estime por isso, do que infiro, que sendo elles tam asinalados chegara tambem a sua noticia a V. A., que obrará conforme á justiça de que Deos o dotou, recompensando-me por elles, e conhecendo no mesmo tempo a ma vontade de meus adversarios; queira Deos, que as cousas neste reyno se ponhão de maneira, que não necessitem os ministros de V. A. de noticia de ninguem, e que por este modo se engane boa parte da gente que crê, que ainda sendo a prudencia dos ditos ministros tão asinaladá, como todos conhecem, não seria de perjuizo ao serviço de V. A. terem quem lha desse do que aqui tem passado e pudesse com algum conhecimento das cousas presentes tirar consequencias do que pode suceder; Deos o permita e guarde a pessoa de V. A. como seus vasallos desejamos e havemos mister. — Londres $\frac{\text{30 de Março}}{\text{10 de Abril}}$ 679.

Em Inglaterra não faltavam a este tempo ao conde, como não lhe tinham faltado em Turim e em París, os testemunhos da consideração que a todos merecia, e que em parte lhe deviam servir de lenitivo e de compensação para os rigores injustificados do seu principe. O proprio duque de York, que estava longe de ser homem tão lhano como era Carlos II, em todas as occasiões lh'os prodigalisava. De Bruxellas lhe escrevia a 4 de julho d'este mesmo anno:

Monsieur Le Comte de Castel Melhor. — Vous me faites justice, quand vous vous persuadez que mes intentions sont entierement pour le service, et pour la satisfaction du Roy M.r Mon Frére, et je ne suis pas moins equitable envers vous, puisque je ne doubt aucunement de l'amitié que vous me tesmoignez dans vostre lettre du 25.eme May passé, dont je me promettrois toutes sortes de bons offices, si les occasions s'en presentoient; cependant vous ne me sçauriez rendre aucun, qui me soit plus cher, que de me conserver toujours bien dans l'esprit de Sa Maj.té La Reine Madame Ma Soeur, en luy asseurant qu'il n'y a personne a qui je souhait plus de bonheur ny que je servirois avec plus de zele. Au reste, croyez (come tres veritable) que les sentiments que je conserve pour vous, sont conformes a l'estime et a l'amitié que vous pouvez attendre d'une personne qui est effectivement — Mons.r le Comte de Castel Melhor — Votre bien affectionné amy = Jacques.

Approximava-se no entretanto o julgamento da causa de sir George Wakeman, e grandes deviam ser os receios da rainha e do conde, porque o procedimento dos que o haviam de julgar estava bem longe de dar indicios de que lhe podesse ser favoravel a sentença. Nos primeiros dias de julho eram condemnados á morte e executados cinco dos jesuitas accusados por Oates, apesar de apresentarem dezeseis testemunhas, estudantes do seminario de Saint-Omer, que affirmaram estar o accusador ali no tempo em que dizia ter vivido em Inglaterra.

Poucos dias depois houve a condemnação de Langhorne, jurisconsulto eminente, por cujas mãos passavam, diziam os delatores, todas as nomeações do papa para os differentes cargos. O publico applaudiu loucamente a sentença que o condemnou, e espancou barbaramente nas immediações do tribunal as testemunhas de defeza, a ponto de haver entre ellas uma mulher que declarou que nada diria se o tribunal lhe não garantisse a immunidade da sua pessoa, e, como os juizes disseram que o mais que podiam era prometter-lhe o castigo dos que a injuriassem, o accusado, por dó, prescindiu do depoimento.

Que havia a esperar de jurados influenciados por esta fórma pela parcialidade dos juizes e pela pressão da opinião publica cada vez mais exaltada? Ser accusado por aquelles homens equivalia a ser condemnado, e o julgamento não era mais do que mera formalidade. Foi de certo n'esta occasião, n'estes ultimos dias de espectativa, que o conde devia ter desenvolvido maior actividade, obrigando o rei e seus ministros a empregarem todos os meios ao seu alcance para influenciar os juizes, dirigindo-se aos proprios chefes da opposição, aos caudilhos da camara dos communs e da dos lords para os interessar na causa da rainha, pois é certo que os jurados, se não tivessem a certeza de achar applauso nos proprios que até então lhes tinham louvado os iniquos *veredictums,* difficilmente consentiriam em arrostar com a ira dos energumenos. Affirma

Antonio Caetano de Sousa [1], não sei com que fundamento, que n'uma das occasiões de maior aperto (seria n'esta) o conde esperava á porta do parlamento os deputados que tinham votado que se cortasse a cabeça á rainha, e a esses mesmo dirigia as suas supplicas.

O resultado foi que no dia 18 de julho (estylo inglez) Wakeman e mais tres companheiros eram julgados e absolvidos, espantando a todos a sentença e excitando a attitude dos juizes as iras das testemunhas e dos que acreditavam de boa fé na conspiração ou que por ella esperavam lucrar.

O conde pensou que, devendo-se-lhe a victoria, bem podia tomar sobre si o relatal-a a D. Pedro, esperando obter a recompensa que se costuma dar aos alviçareiros de boas novas; e apesar de ter o principe em Londres dois ministros, o marquez e Gaspar de Abreu, endereçou-lhe a 31 de julho, tres dias depois do julgamento, o seguinte despacho:

Senhor. — Quando a opinião geral dava Jorge Wekmam *(sic)* por condenado acudio Deos com hum milagre (que assim se pode a sua absolução estimar) pondo-o livre, e permitindo que aquelles mesmos juises que poucos dias antes não ousavão ou não querião contradiser os testemunhos de dous homens (que vierão a este Reyno a metel-o naquelle estado que seus grandes pecados merecem) estes juises, que devião de expor a causa aquelles que julgão conforme a ley de Inglaterra, que nas antecedentes causas não apertarão as testemunhas, e não se valerão das que em sua defensa davão os acusados; movidos de sua propria consciencia, ou d'algum impulso divino (que ja tinha produzido effeito no animo de el Rey) tratarão de examinar as testemunhas, de se valer da justiça e expuserão o facto conforme a verdade, e forão absoltas quatro pessoas acusadas desta conspiração entre as quaes Jorge Wekmam; da condenaçam de quem esperavão os inimigos de el Rey e da Ser.ma Rainha tirar huas avantagens muy consideraveis para seus terriveis intentos. Eu espero que a este sucesso se sigão aquelles que restituão a este Reyno o repouso; a el Rey e á Ser.ma Rainha a segurança e gosto que ha tanto tempo falta a hum e anda muyto em balança a outra. Bem sei não me tocar dar a V. A.

[1] *Hist. Geneal.*, tom. VII, pag. 318.

conta dos negocios que aqui se passam; toca-me sim diser a V. A. que em tudo o que foi e he serviço da Ser.ma Rainha e por consequencia de V. A., não tenho faltado nem falto a minha obrigação, que se funda em ser seu vasallo, e por esta rasão, servir no que posso segundo a ocasião ainda que não apareça. Algum tempo virá em que Deus permita que pollo meyo do testemunho da Ser.ma Rainha, a quem he presente o zelo, com que obro em seu real serviço, a dor que sinto quando os seus interesses não caminhão prosperamente, e o gosto que do contrario recebo seja exposto a V. A. o meu obrar; e para então, Senhor, guardo eu aquella satisfação de que agora estou privado, vendo que V. A. não admite á sua presença os meus serviços, que sempre hão de ser os mesmos, se a ocasião o pedir e obrados com o mesmo zelo polla conservação da Real pessoa de V. A. que Deos guarde como seus vasallos dezejamos e havemos mister. —Windsor, 31 de Julho de 679.

E agora que o conde conseguíra que a reputação da rainha saísse intacta de tão grande prova, agora que soubera atar de novo os laços, que a devassidão do rei parecia ter rompido para sempre, podia elle dizer a D. Catharina o seu *nunc Domine dimittis servum tuum.*

XI

Chegára o momento em que o conde podia de novo reclamar a protecção que lhe tinham promettido e que presentemente lhe era devida por novos e incontestaveis titulos. O seu grande desejo continuava a ser o regresso á patria, pois, apesar do acolhimento excepcional que encontrava em todos que o rodeavam, apesar do esplendor da côrte em que vivia, a que o seu espirito illustrado não devia ser indifferente, apesar de já ter ao seu lado o filho mais velho, Affonso, que uma nau ingleza viera expressamente buscar a Portugal, não podia esquecer a mulher (que lh'o não merecia), os restantes filhos e sobretudo a terra natal a que tinha tanto amor.

Circumstancias que lhe fizessem prever o fim do desterro não as havia, porque o estado do paiz era cada vez menos prospero e é certo que os seus adversarios, que talvez consentissem em o ter por expectador de um governo energico e illustrado, nunca o haviam de querer por testemunha da sua inepcia e incapacidade. Poucos mezes antes, em carta de 9 de abril, lhe dizia o irmão:

... As cousas aqui passam com grande medo; entre nós não faltam castelhanos, que parece seguram assim melhor as suas casas, porque em se fallando que os castelhanos juntão desfasem no seu poder e a sua pratica toda é de que elles não estão em estado de bulirem comnosco d'aqui a muitos annos, outros affirmam que sim o farão pelo que se diz que vem conduzindo. Nós não temos vintem, tudo está exhausto. O

Reyno paga quinhentos mil cruzados, o tabaco rende oitocentos mil crusados pelos arrendamentos que tem das comarcas, os contractos hoje rendem mais que nunca; a esses quatro soldados que ha se não paga, e é vergonha o que se faz. Ninguem póde penetrar estes descaminhos. S. A. é mais rico que seus Paes porque tudo tem hoje em si e nada basta. A confusão dos negocios é a maior que nunca se vio; nada se acaba nunca; falla-se em um esfria de modo que não se torna a fallar n'elle em muito tempo, e assim vae tudo. Se houver qualquer alteração será a confusão aqui de modo que ninguem atinará com o que deve fazer. O Secretario d'Estado é uma abobora, não quer mais que comer e durmir, e o que faz é aguilhoado primeiro muitas vezes; o pobre Principe todos têem dó d'elle, que a sua inclinação é que se faça o que convem e d'elles se fia, mas elles fazem o que lhes parece; todos murmuram o modo do governo pela quantidade de juntas que ha para todo o negocio, mas nenhum o emenda, nem a S. A. diz o que todos gritam; assim se falla com liberdade no modo da direcção dos negocios os quaes vão a João Lampreia, João de Roxas, João Carneiro de Moraes, muitos a Manuel Bernardes Leitão; Lançarote, João Pinheiro, Meyrelles estes andam quasi todos os dias de casa de Pedro Sanches (1) para a Secretaria de Estado ou Confessor, e aqui entram ás vezes alguns ministros do Conselho de Estado ou Veadores da Fazenda; este é o modo de governo e em a consulta indo de baixo com alguma duvida se não resolve sem junta. S. A. faz despacho, que se chamava do governo, hoje só com o Duque e Secretario a quem tóca, para consultas commus, mas para as cousas de duvida se juntam os Camaristas, Secretario e João da Roxas, ás vezes o Confessor; Roque Monteiro quando é cousa de inconfidencia; isto é o como aqui dirige. Tenho dado conta a V. S. de tudo, agora me não fica mais que desejar que chegue esta a V. S. para que lhe conste como aqui se governam as cousas. S. A. não deixa de conhecer que V. S. é bom vassallo d'esta coroa e que no tempo passado governou bem mas como o Duque é tão grande inimigo nosso não ha poder que o derrube se não fôr a pedra da estatua de Nabuco; bem creio que faltando elle virá outro porque Fronteira e Villar e Secretario são inimigos de V. S. grandes, mas hoje como vêem a tenção do Duque deixam-n'o só no campo e elle basta, a Raynha, pelo que este lhe diz, crê que isto lhe convem e assim não ha que esperar d'esta gente em quanto Deus della não dispozer outra cousa.

Apesar das poucas esperanças que similhantes noticias lhe conservariam, pensou o conde em aproveitar o ajuste do casamento de Victor Amadeu com a infanta de Portu-

(1) Pedro Sanches Farinha, secretario das mercês e expediente.

gal para, por via de Saboia, fazer, por assim dizer, incluir a sua repatriação nas clausulas do contrato. As suas relações com a côrte de Turim nunca tinham esfriado, e de lá o animavam n'este caminho. Em 8 de julho escrevia-lhe Saint-Thomas, e dizia-lhe :

... Vous pourrez avoir deja appris que la grande affaire *(o casamento)* est arrestée et dans peu on en envoira de part et d'autre les ratifications. Mais monsieur si quelque chose pouvoit augmenter la joye que j'en ay ce seroit l'assurance que j'ay receue de Portugal et mesme de tres bonne part que cette affaire sera tres avantageuse à V. E. et apportera á ses interêts les changements qu'Elle peut souhaiter et que je luy souhaite de tout mon coeur. M. R. a esté informée de cette reflexion particulière em faveur de V. E. et il m'a paru qu'elle en a esté fort aise. Pour moy monsieur j'ose vous conseiller par le sentiment de tous vos amis parmy lesquels pas un ne vous honnore plus que je fais, de faire venir icy mons.r vostre fils. Il ne sauroit estre que tres bon que S. A. R. qui a déja un tres grand discernement commençât de bonne heure á s'accoutumer avec luy. Les impressions qui se forment á cet âge restent toujours. La haute prudence de V. E. luy fera faire là dessus les reflexions necessaires : et la disposeront peut estre aussy á y venir Elle mesme. Si elle me faisoit l'honneur de me demander mon avis là dessus, je ne balancerois pas à luy temoigner que je croirois ce party très bon à prendre, et en cela j'ose l'assûrer que, quelque grande que soit l'envie que j'ay d'avoir le lieu de la voir elle ne m'aveuglera jamais contre ses interêts. Mais connoissant la singuliére estime que M. R. fait de son mérite et examinant la conjoncture de la chose, je le luy represente par les mouvemens de l'attachement sans egal avec lequel je suis. — Monsieur de V. E. — Très humble et très obeissant serviteur = De St. Thomas.

Je supplie V. E. de me pardonner si je me suis servi d'un secretaire pour luy escrire; ce que je marque de m.r son fils est au cas que V. E. veuille venir car on m'a dit que V. E. l'apelloit en Angleterre pour le tenir auprès d'elle. On asseure de Portugal que V. E. n'y rentrera que par nostre porte comme on a tousjours dit mais on dit quelque chose de plus donnant quelque raison de bonne esperance, je le cultiveray avec le soin que je dois.

O conde não se deixou levar por estas illusões do seu amigo de Turim, pois bem sabia que nada lucrava em abandonar em Londres protectores como o eram a rainha e o proprio Carlos II, respeitados pelo seu principe, para ir

buscar na Saboia os bons officios da duqueza, que por experiencia já sabia o pouco que valiam. Comtudo, logo que o casamento da infanta foi publico, apressou-se em escrever a D. Pedro e á rainha, mostrando o prazer que tivera com a noticia, e aproveitando esta occasião de alegrias para renovar os seus pedidos.

Ao principe diz na carta que escreveu a 28 de agosto de 1679:

... n'esta occasião, Senhor, não posso deixar de lembrar a V. A. a necessidade da minha casa e os incomodos que padece polla minha ausencia, a quem treze annos de desterro da minha pessoa tem posto nos apertos que todo o mundo sabe; n'elles tenho satisfeito á obrigação de vassallo de V. A. na obediencia ás suas Reaes Ordens, e no serviço da Ser.ma Rainha da Gran Bretanha a quem nas occasiões tão apertadas que aqui se oferecêrão, antes e *despois* que aqui houvesse ministros de V. A. não faltei em mostrar hum zelo muy igual á minha obrigação. Tudo isto deve demover a V. A. a olhar o meu negocio com os olhos da sua clemencia, e por este meyo pôr fim a meus trabalhos.

Á rainha a quem escreveu na mesma data faz os mesmos pedidos appellando para a intervenção de Madame Royale, que tão efficaz devia ser junto do irmão.

Cedo perdeu qualquer esperança que podesse ainda conservar. O proprio Saint-Thomas lhe escrevia em 11 de novembro em linguagem bem differente da da carta que ha pouco transcrevi.

Je me suis donné l'honneur de marquer à V. E. qu'il me parroist que les esprits se sont aigris davantage depuis quelque temps en ce qui vous regarde, on suppose que vos demarches en Angleterre y contribuent.

E contribuiam de certo, porque não era para o animo baixo dos seus contrarios presenciar com equanimidade o grande papel que representava o homem que elles quereriam ver aviltado e na miseria.

É curiosa esta carta de Saint-Thomas, porque n'ella lhe dá satisfações por o embaixador piemontez em Inglaterra,

o conde de Mayan, se ver forçado a tratar com distincção os embaixadores portuguezes, em virtude de reclamações que a este respeito tinha feito a rainha de Portugal para a côrte de Turim. O embaixador receiava perder com isso a estima do conde, e antes queria perder a dos collegas.

Je l'ay rassuré, escreve Saint Thomas, luy escrivant que vous aves trop de prudence pour trouver mauvais qu'il donne toutes les demonstrations exterieures qu'il pourra aux Ambassadeurs de Portugal pour satisfaire à la convenance et aux ordres de M. R. puisque vous ne devés pas doutter qu'il ne conserve pour vous une affection et un attachement sincere dans le coeur comme c'est aussy l'intention de M. R. qui conserve tousjours la mesme estime et la mesme bonne volonté pour V. E.

Informações a respeito dos sentimentos da sua côrte para com elle não precisava o conde que lh'as mandassem de Turim, porque Simão de Vasconcellos, que pegava com gosto na penna para desabafar as iras que na Côrte Real tinha de calar, nunca o deixava sem noticias. Assim, quasi na mesma data em que Saint-Thomas lhe escrevêra, em 6 de novembro escrevia elle:

... As cousas d'aqui estão como no passado dizia a V. S. sem alteração que se divulgue. O governo continua da mesma maneira, não faltam queixas, mas estas sempre as houve, porque não se póde contentar todos. O Duque é o tudo aqui, com elle os camaristas; para o mal ouve-se o José da Fonseca n'aquellas materias como ao Quadrado; Pedro Sanches faz o que quer, e não tem quem possa mais do que elle; João de Roxas ouvido é em tudo mas não está muito medrado em despachos; elle tem inclinação ao bem e como lhe conhecem esta, não tem muitos que o ajudem; a Rainha senhora é de tudo e como faz tanta confiança no Duque tudo o que nos toca tem áli o maior obstaculo; assim me dizia Fr. Antonio das Chagas, que não havia mais que ter paciencia, que não se podia esperar do governo presente cousa que nos estivesse bem, que elle assim o reconhecia pelo que ouvio e que só a Ilha da Madeira V. S. conseguiria, querendo ir para ella, mas que no reyno não consentiriam a V. S.; que quanto ás intercessões da Rainha eram muito boas, mas que aqui se estimavam pouco, e que caso quer V. S. que dellas se faça se o Duque chegou a dizer quando foi do principio desses trabalhos que se a mandassem

para cá, que ali estava o Sacramento e que não convinha romper a guerra com Inglaterra; dizem que S. M. não póde saber o que lhes convem, e que a sua conservação está diante de tudo, e que esta só se segura não estando V. S. no reyno, *emquanto el Rey fôr vivo;* isto me disse Fr. Antonio das Chagas com bem magua sua, segurando-me que não tinha deixado de dizer tudo o que julgava conveniente e pio a este proposito, assim que a paciencia é o melhor remedio em tudo. V. S. se não deve dar por entendido pelo que tóca á Rainha e antes confiar muito nas suas intercessões porque ella se empenhe sempre em nosso favor, que, como Deos é Senhor de tudo, elle poderá de um instante para outro mudar tudo como mais convenha. Intende-se que a primeira cousa das cortes será a coroação de S. A. a quem querem estes Senhores fazer rei pelos seus particulares, pois é certo que por razão natural S. A. ha de vencer em dias a seu irmão e o que lhe ha de dar a natureza querem elles vencel-o com industria; estão Senhores de tudo e assim farão o que quizerem e o peior é que ainda aquelles mais empenhados no governo são os que mais o murmuram, ao ver a pouca resolução que aqui ha para as cousas. V. S. não póde crer como aqui caminham os negocios e o pouco que ha aqui quem se dôa dos publicos se alguma cousa, se vence é mais pela dilação do tempo que por outra couza e assim vae tudo.

Era necessario que o conde tivesse uma tenacidade a toda a prova e que o seu caracter fosse de uma tempera pouco vulgar para que o desanimo lhe não entrasse na alma com a inanidade dos seus esforços; e assim era, pois não posso deixar de ver na carta que Carlos II dirigiu a D. Pedro a 17 de fevereiro de 1680 uma nova tentativa para obter por aquella via a desejada licença. Não póde ser mais honrosa, por isso a transcrevo:

Serenissimo Principe, Irmão, Primo e Amigo Carissimo. — Apezar de termos explicado largamente ao Enviado de V. A. na nossa corte, o Sn.r Gaspar de Abreu, na occasião do seu regresso para a patria, tudo o que pensavamos a respeito do Conde de Castel Melhor, quisemos ainda accrescentar esta carta ao que então lhe dissemos para mais efficazmente demonstrarmos a V. A. a estima e consideração em que temos a prudencia e grande modestia de que o Conde tem dado provas durante o tempo que tem vivido na nossa Corte. Resultou dellas o empenharmos tão facil e espontaneamente a favor d'elle a nossa palavra e promessa para com V. A.: o que fizemos induzidos não por falsa ou temeraria opinião, mas pela observação segura e certa do zelo

e affecto que tem por V. A. e pela sua patria. Accresce a isto a humilde veneração e obsequioso respeito que sempre teve pela Rainha, nossa Carissima Esposa, e o bom conselho e consolação que lhe deu na difficil e penosa conjunctura em que alguns mal intencionados se atreverão a attacar calumniosa e indignamente a Magestade daquella Santissima mulher. Bastaria este seu merecimento, se outros não tivesse, para lhe sermos sempre obrigados. Da sua resignação e paciencia desnecessario é falar, pois soffre a adversidade por modo que bem merece melhor e mais propicia sorte; com esta sua moderação tem adquirido não só a nossa approvação mas a de toda a nossa Corte, e esperamos que o mesmo conceito a respeito delle, pouco a pouco, se irá desenvolvendo no animo de V. A. depois das informações do referido Enviado, e que as mesmas abrandarão os animos dos que por ventura em Portugal lhe sejam menos affeiçoados. Nada mais pedimos a favor do Conde senão que ás suas virtudes e merecimentos algum dia se faça inteira justiça, depois de sobre umas e outros se fazer a verdadeira luz. Resta encommendarmos V. A. a Deos Todo Poderoso, o que de coração fazemos. Dada no nosso palacio de Whitehall no decimo septimo dia de Fevereiro, anno do Senhor de $16\frac{79}{80}$. — De Vossa Alteza Bom Irmão, Primo e Amigo = Carolus R.

Está conforme com o original. = Henrique Coventry.

Não podia ser mais honrosa, mas mais que fosse, inutil teria sido da mesma fórma, e a verdadeira rasão ninguem a formulou melhor do que o marquez de Pianezza na carta a que já me referi e que escreveu ao conde de Saint-Germain em Laye a 24 de agosto de 1680:

... L'assistenza prestata da V. E. alla Regina é altrittanto più gloriosa per V. E. quanto li é riuscitta meno proficua per il progresso de suoi affari ma mentre il vero proffitto delle anime grandi come quelle di V. E. essendo la sola gloria ella puo dire che ella vi ha fatto avanzi desiderabilissime.

Io ne ho havutto molta aprehensione per V. E. et mi ricordo d'haver detto al abbate di Verona di scrivere a V. E. di venir se ne qui a Pariggi temendo che la religione professata da V. E. con tanto zelo non li evitasse qualche borascha fastidiosa. Io non credo che possa mai haver il Principe Regente dubitato un sol momento dell'integrità di V. E. anzi ben mi ricordo haver vedutto lettere della Regina di Portugallo dirette a S. A. R. nel 1673 in occasione d'una conspiratione che fu formatta contro la persona del Principe che ne pur un solo amico non che un parente di V. E. vi haveva havutto parte.

Ma qui non batti il ponto. Non si teme in Portugallo che V. E. de-

viando dal buon camino faccia cosa che possa offendere la jiustizia ó la riputatione ma si teme solo cio che V. E. puotrebbi fare senza offendere ne l'uno ne l'altro. In modo tale che si V. E. fosse solo instato d'esser timuto per le cose che non si possano fare da un huomo d'honore et da un huomo da bene sarebbe molto meglio per V. E. mentre tale é il concetto che si ha della di lei integrità che in un hora il negotio sarebbe finitto et a V. E. sarebbe aperto il rittorno alla sua Patria. Ma il pecato sta che il Re vive et che qualsisy motto che puoteśse fare il Re sarebbe legittimo et atto a sconvolgere quel regno che é o il pretesto, o la raggione di cui si serve la Regina per ostinarsi nel dire che é forzata l'absenza di V. E. dal Portugallo anco in suo riguardo non puotendo-se persuadire alleguar cautele contra un attione che si puo fare legittimamente.

Questo sospetto vieni piu acresciuto dalli talenti di V. E. appurata da molti negotii che li sono passati per le mani et da una tribulatione cosi longua di cui ha V. E. saputto fare un uso cosi virtuoso.

N'outra carta que o marquez já lhe tinha escripto de París em 20 de maio e de que infelizmente só possuo um fragmento, desenvolve e exemplifica a these:

... Egli é vero che il merito che aquista V. E. in haver servita cottesta Regina col suo prudente consiglio in tempi tanto disastrozi è cosa molto gloriosa, ma V. E. (per mio credere) ha bisogna di nascondere il suo merito et non gia di farlo piu palese: in somma se nell'uscir V. E. dal ministero del Portogallo era stata stimata a segno la sua virtu non per anco appuratta da alcuna disgratia como sara adesso doppo tanti anni che ha cosi degnamente impieghati non meno nell' aquisto delle scienze che in quello di manegii politici, et singolarmente in un regno como cottesto piu celebre assay per i continui motti da cui viene agittato che per la sua grande et non assay conosciutta potenza.

Si V E. fosse qui puotrebbe esservi tal coniuntura che M. R. si facesse etiandio un merito presso il Re di dispenzare per mezzo di S. A. R. quelle gratie che sino a qui le sono state riffiuttate io unico meglio che S. A. R. puo essere il mallevadore della condotta di V. E. la quale puotrebbe restringer si a star in un angolo del Regno di Portogallo, lontano della residenza del Re per la persona del quale non si puo a meno di non haver sempre molto rispetto et molta sommessione essendo i Regi in terra le vere imagine di Dio ne puotendo mai esser lecito á chi si sia sotto qualsiasi pretesto di attentare a volerli attribuir quella giurisditione che nel Re solo risiedi. Queste sono le massime d'un governo monarchico che non possono essere alteratte, ricordando-mi d'haver letto che Filipo Segundo havendo ordinatto ad un suo domes-

tico che era pero grande di andar a prender certe insegne regali che ancor rimanevano a Carlo Quinto suo padre che volontariamente chiedeva di dismettersene come haveva fatto del Regno et dell' Impero egli riffiuto di farlo con detti di molta prudenza asserendo che egli non voleva portar le Insegne Regali d'un Re che era vivo a un altro Re benche li riconoscesse entrambi per suoi Padroni. In questi scuzi sono interessati tutti i Re et questo solo prendo la liberta di suggerire a V. E. per segnarle il mio zelo et la sinceritá con cui li apro il mio cuore per corrispondere in parte alle gratie che V. E. mi ha fatte nella mia disgratia. Il Abbate di Verona non mi ha fatto vedere la lettera del Re d'Inghilterra ma mi ha fatto sperare di communicarmela a Fontainebleau.

Il mattrimonio di S. A. R. é sicuro anzi sicurissimo et questa puotrebbe esser congionture ottima per V. E.

O casamento de Victor Amadeu é certo, certissimo, dizia o marquez; assim devia tambem parecer ao conde que sabia que em Portugal já se tinham dado todas as providencias necessarias nas côrtes do anno anterior, que tinham dispensado as leis de Lamego e provido o regente com os meios pecuniarios sufficientes para a sua realisação, e que recebêra cartas de participação que Madame Royale e o proprio duque lhe tinham escripto em 20 de julho de 1680.

Dizia a da duqueza:

M. le Comte de Castelmelior mon Consin.—Je me suis fait un plaisir de vous donner part de la satisfaction que j'ay receue dans la conclusion du mariage de S. A. R. Monsieur mon fils avec l'Infante de Portugal Madame ma niece, parceque, c'en est un tres particulier pour moy de sçavoir que vous vous interessés à ce qui me touche. Vous me le témoignés si obligeamment par vostre lettre du 21 du mois passé, que je ne puis m'empescher de vous asseurer que j'en ay parfaitement remarqué toutes les expressions, et de vous prier en méme temps de croire que je n'oublieray rien pour vous donner toutes les preuves, qui pourront dépendre de moy de l'empressement que j'ay pour vos interests et de l'estime singuliere avec laquelle je suis.—Monsieur le Comte de Castel melior mon Cousin.—Vostre affectionnée Cousine = Giovana Baptista.

E Victor Amadeu:

Monsieur le Comte de Castel melior mon Consin.—Il y a longtemps que je suis persuadé des sentimens obligeans que vostre honnesteté

vous inspire pour moy: mais aussy le ressentiment que je leur dois, et la connoissance que j'ay de vostre merite ne m'ont pas laissé attendre ce que vous me marqués par vostre lettre de 21 du mois passé pour concevoir pour vous toute l'estime possible. Je suis bien aise de vous en asseurer dans une occasion qui m'est aussy chere que celle de respondre á ce que vous m'escrivés sur mon mariage avec l'Infante de Portugal Madame ma Cousine, et je vous prie d'estre persuadé que je me feray un plaisir de profiter de toutes les occasions que je trouveray pour vous témoigner la part que je prens à ce qui vous touche et que je suis tres veritablement.—Monsieur le Comte de Castelmelior mon Consin.—Vostre affectionné Cousin =V. Amedeo.

Negocio que parecia assente em bases tão seguras breve se desmoronou como se fosse edificado na areia, e viu o conde fechar-se mais essa porta por onde pensava poder voltar para a patria. As côrtes de Lisboa e Turim, planeando o enlace dos dois primos, só attenderam ás conveniencias e desejos de familia, esquecendo-se de que mesmo debaixo do regimen mais despotico, o povo sabe ás vezes lembrar aos principes que a conservação do throno depende sempre de saberem elles identificar os seus interesses com o da nação que governam.

Os conselheiros de D. Pedro, que tinham chegado a imaginar não sei que phantastica troca dos estados de Victor Amadeu pela Galliza, foram victimas de uma das mais extraordinarias mystificações diplomaticas de que ha memoria.

Pouco tempo depois dos duques de Saboia terem escripto ao conde de Castel Melhor as cartas que transcrevi, dizia-lhe de Lisboa Simão de Vasconcellos:

Aqui correm novas que os saboyanos pedem cortes a Madama Real e que não querem que o seu Principe os deixe senão que a Senhora Infanta vá para lá, se assim fôr poderá alterar-se o casamento porem nestas materias se guarda hoje tanto segredo como antigamente se guardava no santo officio, ninguem ousa a fallar nellas, mais que pela mente, mas não pela pronuncia, porque logo Roque Monteiro inquire.

Apesar de haver em Lisboa estas desconfianças os conselheiros do principe imprudentemente fizeram saír a es-

quadra que havia de trazer o duque, e embarcaram n'ella os principaes fidalgos e os mais validos de D. Pedro. Ía o duque de Cadaval como embaixador, como general o visconde de Fonte Arcada, por almirante o conde de S. Vicente, e o proprio marquez de Fronteira quiz ir commandando a nau *Santo Antonio de Padua.*

Foram, contando de certo voltar augmentados em honras e mercês pelo favor do novo principe, e voltaram sem principe, sem honras e sem mercês e só com a vergonha de não terem sabido evitar o desaire á sua côrte e a elles proprios; a esquadra que largára de Lisboa em 23 de maio de 1683, voltava em outubro do mesmo anno depois de ter estado todo este tempo detida em Nice com vãs desculpas, pelos soberanos piemontezes, e vendo-se os que n'ella íam forçados a voltar a Portugal sem nem sequer se lhes ter dito por que se mudára de tenção. Acompanhou-os a gargalhada de escarneo de todos quantos na Europa tiveram conhecimento da ridicula aventura e não lhes foi sufficiente estimulo para tentarem ao menos trocar em lagrimas a dos que tinham sido fautores do insulto. A côrte portugueza não pensou em desaggravar-se.

Só restava, pois, ao conde de Castel Melhor a paciencia e a esperança de que Deus disporia d'aquella gente por outra fórma, como dizia Simão de Vasconcellos.

Deus assim o fez. Em 12 de setembro de 1683 morreu subitamente em Cintra o infeliz Affonso VI, e tres mezes depois, em 27 de dezembro, a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia seguia-o para a eternidade. O mesmo anno viu desapparecer os dois entes que maior obstaculo deviam ser para o conde regressar á sua tão querida patria. No tumulo do rei deviam sumir-se os receios dos que acreditavam que o conde ainda era capaz de se servir do infeliz a quem elles, mau grado seu, nunca se tinham atrevido a arrancar a purpura regia, como de instrumento para os enxotar das posições que tinham usurpado. Com a rainha devia desapparecer quem com mais tenacidade se oppunha nos conselhos do principe ao *perdão* do conde, tão

«*fera que parecia que se mudava o mundo*» quando d'isso lhe fallavam, provavelmente porque não queria tornar a ver face a face a testemunha de não sei que vergonhas sem nome.

Deixou o conde passar mezes, e em abril do anno seguinte de 1684 fazia com que Carlos II escrevesse de novo a D. Pedro nos seguintes termos:

Serenissimo e Poderosissimo Principe, Irmão, Primo e Amigo Carissimo etc.—O Conde de Castel Melhor tem grangeado, nos annos que tem vivido na nossa corte, por tal forma a nossa estima e captado a nossa benevolencia, que de bom grado nos resolvemos a pedir a V. Mag.de a graça em que, mais do que em todas as commodidades da vida, faz elle consistir a suprema felicidade, que é o permittir-lhe V. Mag.de o regresso para a sua patria, não só para gosar da companhia de sua familia, mas tambem (no que d'aqui em deante unicamente se occupará) para cuidar dos seus interesses, que provavelmente não devem ter soffrido pouco com tão prolongada ausencia. Na verdade, emquanto tem vivido entre nós, temos-lhe conhecido um animo por tal fórma egual em todas as suas acções e sobretudo obedecendo com tal humildade e respeito aos mandados e vontade de V. Mag.dé, que só por isto, (e porque tem vivido quasi sempre á nossa vista) podemos dar testemunho de que parece ter justamente merecido não pequena parte da Real Clemencia que acompanha todas as acções e orna as virtudes de V. Mag.de Posto que estejamos convencidos de que o referido Conde pode portanto sem a nossa intercessão esperar consolação da singular justiça de V. Mag.de, quizemos comtudo concorrer d'algum modo para a sua repatriação, para que fique bem patente o quanto apreciamos a sua modestia e estimamos a sua pessoa. Por isso desejamos cordealmente a benignidade de V. Mag.de a este respeito, e esperamos que elle facilmente a alcançará, não só porque a razão do tempo assim parece pedil-o, mas porque é esta a primeira graça que pedimos a V. Mag.de depois de ter sido por direito hereditario elevado á Corôa. As relações fraternaes que reciprocamente nos unem, e alem disso o singular affecto que temos á Pessoa de V. Mag.de não nos permittem desesperar do bom resultado desejado. E se para o futuro se nos offerecer occasião de melhor vos fazer conhecer e exprimir a nossa satisfação pelo regresso do referido Conde, V. Mag.de reconhecerá que jamais nos esqueceremos d'isso. De resto a Deos Todo Poderoso de coração encommendamos a V. Mag.de Dado no nosso castello de Windsor no 14.º dia de Abril. Anno do Senhor 1684 36.º do nosso reinado.—De V. Mag.de—Bom irmão, primo e amigo=Carlos R.

Mais de um anno medeou ainda entre esta carta e a partida do conde para Portugal, que só teve logar nos fins de 1685. Antes d'isso morreu Carlos II, a 6 de fevereiro d'esse anno.

O conde procedeu n'essa occasião com a abnegação e valor de que deu provas em toda a sua vida, sempre que teve de optar entre a propria segurança e o dever, esquecendo aquella para obedecer a este. É ainda Macaulay (1) que nos conta o papel que representou.

«Uma vida de frivolidade e de vicio não tinha obliterado de todo na duqueza de Portsmouth os sentimentos religiosos e aquella bondade de que o seu sexo se deve gloriar. O embaixador francez, Barillon, tendo vindo ao paço saber do rei, fez-lhe uma visita. Achou-a em transes de angustia. Levou-o para um quarto retirado e desabafou com elle.

«—Tenho, disse-lhe, cousa de grande importancia para lhe dizer. Se se soubesse era a minha cabeça que o pagava. O rei é catholico; mas vae morrer sem se reconciliar com a igreja. Tem o quarto cheio de padres protestantes. Eu não posso lá entrar sem dar escandalo. O duque só pensa em si. Vá fallar-lhe. Lembre-lhe que ha uma alma em perigo. Quem manda agora é elle. Póde fazer despejar o quarto. Vá depressa que já póde ser tarde.

Barillon correu para o quarto do rei, chamou o duque, e deu-lhe o recado da favorita. A consciencia de Jayme acordou. Despertou como de profundo lethargo, e declarou que cousa alguma o impediria de desempenhar o dever santo que tempo de mais se tinha adiado. Discutiram-se varios planos e todos foram rejeitados. Finalmente o duque ordenou á turba que se afastasse, dirigiu-se para a cama, ajoelhou-se, e segredou qualquer cousa que por nenhum dos expectadores foi ouvido, mas que julgaram ser sobre negocios de estado.

«Carlos respondeu em voz que se ouviu:

«—Sim, sim, com mil vontades.

(1) *Hist. of England*, chap. IV.

«Nenhum dos que estavam presentes, excepto o embaixador francez, adivinhou que o rei estava declarando que desejava ser admittido no gremio da igreja de Roma.

«—Queres que vá buscar um padre? disse o duque.

«—Vae, irmão, replicou o moribundo, vae pelo amor de Deus, e não percas tempo. Não, não vás, póde ser perigoso para ti.

«—Ainda que me custe a vida, disse o duque, hei de trazer um padre.

«Comtudo, achar um padre de repente para este fim, não era facil, pois, segundo a lei, a pessoa que contribuisse para a admissão de um neophito na igreja catholica, era réu de crime de morte. O conde de Castel Melhor, fidalgo portuguez, que, expulso da patria por dissensões politicas, tinha sido bem acolhido na côrte ingleza, encarregou-se de achar um confessor. Recorreu aos seus compatriotas que faziam parte da capella da rainha; mas dava-se o caso que nenhum dos capellães sabia sufficientemente o francez ou o inglez para absolver o rei (1). O duque e Barillon estavam para mandar pedir um padre ao embaixador de Veneza quando ouviram que um frade bento, chamado João Huddleston, se achava por acaso em Whitehall. Este homem tinha, com grande risco para a propria pessoa, salvado a vida do rei, depois da batalha de Worcester, e tinha por isso sido sempre desde a restauração uma pessoa privilegiada. Nas mais virulentas proclamações publicadas contra os padres catholicos, quando falsas testemunhas tinham enfurecido a nação, Huddleston fôra sempre nominalmente exceptuado. Consentiu sem hesitar em arriscar de novo a vida pelo seu principe. Mas ainda havia uma difficuldade; o honrado monge era tão analphabeto que não sabia o que havia de dizer n'uma occasião tão importante. Comtudo algumas luzes obteve, por intermedio de Castel Melhor, de um ecclesiastico portuguez, e, com esta instrucção, foi

(1) Fraca prova da intelligencia de taes sujeitos que tantos annos havia que residiam em Inglaterra.

levado pela escada reservada por Chiffinch, creado de confiança, que, se se póde dar credito ás satyras do tempo, tinha muitas vezes dado ingresso a visitantes de mui differente especie pela mesma entrada. O duque deu então ordem, em nome do rei, a todos quantos estavam presentes para saírem do quarto, exceptuando Luiz de Duras, conde de Feversham, e João Granville, conde de Bath. Ambos estes senhores eram protestantes; mas Jayme julgou que podia contar com a sua fidelidade. Feversham, nobre francez e sobrinho do grande Turenne, occupava um elevado posto no exercito inglez e era veador da rainha. Bath era *groom of the stole* (1).

Obedeceram ás ordens do duque, saíram até os proprios medicos. Abriu-se então a porta de traz e entrou o padre Huddleston. Tinham-lhe deitado uma capa por cima das vestes sacerdotaes, e tinha a corôa escondida por uma cabelleira.

«— Senhor, disse o duque, este excellente homem já uma vez vos salvou a vida. Hoje vem salvar-vos a alma.

«Carlos respondeu n'um sopro:

«— Seja bemvindo.

«Huddleston representou o seu papel melhor do que se esperava. Ajoelhou ao pé da cama, ouviu a confissão, deu a absolvição, e administrou a extrema-uncção. Perguntou ao rei se queria commungar.

«— Certamente, disse Carlos, se d'isso não sou indigno.

«Trouxeram a hostia. Carlos esforçou-se por se levantar e ajoelhar deante d'ella. O padre ordenou-lhe que se deixasse estar deitado, e affirmou-lhe que Deus havia de acceitar a humilhação do espirito, sem exigir a humilhação do corpo. O rei custou-lhe tanto a engulir a hostia que foi necessario abrir a porta e pedir um copo de agua. Acabada a ceremonia, o padre poz um crucifixo deante do penitente exhortando-o a que pensasse nos seus ultimos momentos

(1) Dignidade palaciana.

nos soffrimentos do Redemptor, e saíu. Toda esta scena tinha levado cerca de tres quartos de hora; e, durante este tempo, os cortezãos, que enchiam o quarto de fóra, segredavam entre si as suas suspeitas e trocavam olhares significativos. Finalmente, abriu-se a porta e a turba encheu de novo o quarto mortuario.»

Scenas d'estas merecem bem diverso commentario conforme aos sentimentos que animam os que n'ellas representam. Quando a vil especulação de uma facção, que outro nome não merece a igreja, quando abusa do seu ministerio, não duvida atormentar a fraqueza dos ultimos momentos de algum crente, que tambem os ha mesmo entre os atheus, para ter mais uma victoria a inscrever nos seus estandartes, não duvida representar torpes comedias, que só servem para desconsiderar a fé que diz querer exaltar, não cabe na alma humana a indignação que merecem taes manejos; mas quando pelo contrario verdadeiros crentes, almas religiosas se reunem em torno de um espirito inquieto, fraco mas não incredulo, e se conluiam para lhe dar o socego por que anceia, e isto com risco da propria vida, não cabe tambem na alma do homem a admiração que merecem, porque o valor civico, que leva a arrostar a sangue frio a vindicta de leis iniquas, tem mais quilates do que a coragem d'aquelles que a excitação da lucta arrasta, quasi inconscientes, para os campos de batalha.

Na conversão de Carlos II, appello para a narrativa do proprio Macaulay, o caso foi este; o interesse era nenhum e o risco grande para todos quantos n'ella tomaram parte, maior talvez para o conde que perdia com a morte do rei o seu melhor protector. Não pensou n'isso, e cumpriu sem hesitar tambem o que julgava ser o seu dever, dever de gratidão não menos que de religião. Não haja, pois, escrupulo em o louvar.

Este foi o seu ultimo acto importante durante a estada em Inglaterra, e ultimo da sua vida que mereceu ser consignado na historia.

Em agosto d'este anno de 1685 já elle tinha licença de

D. Pedro para voltar para Portugal. Nos ultimos dias da sua residencia em Londres quiz D. Catharina ajustar as suas contas, e indemnisal-o ao menos dos transtornos pecuniarios que o desterro lhe causára, já que não podia pagar-lhe os serviços que lhe devia, porque esses só em serviços iguaes se podiam compensar, e não era provavel que nunca estivesse em circumstancias de o fazer.

Para aqui transcrevo parte do documento que existe ainda no cartorio da casa Castel Melhor, aproveitando-me da traducção feita pelo proprio conde, supponho eu[1], e que nem por isso prima pela elegancia de linguagem:

Dona Catharina por graça de Deos Raynha de Inglaterra, Escocia, França e Hirlanda, a todos os que virem as prezentes letras, saude. Como quer que o nosso muito fiel e amado parente Luiz de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castel Melhor no Reyno de Portugal (o qual se achou neste Reyno de Inglaterra no tempo em que a maldade de meus inimigos maquinava a minha royna) se entregasse todo aos nossos particulares, e procurasse os nossos negocios, fallando a El Rey meu Senhor e aos seus officiaes e Ministros por todos os meyos possiveis e practicaveis por obra ou industria humana, e se applicasse a isso seriamente para que os dittos negocios cedessem em nossa utilidade, e ajudasse tambem a toda a nossa familia e juntamente a nossa fazenda particular com seus pareceres e dictames, em os quaes se portou sempre em toda a parte que o negocio o pedia: por estas razões, querendo Nós, quanto pede o desejo fazer-lhe algum beneficio pelo qual, assim no ditto Conde, como nos seus herdeiros e successores se veja claramente sinal do nosso agradecimento, lhe concedemos graciozamente a pensão, ou quantia annual abaixo declarada, para que pela parte d'ella que a elle lhe parecer compre ou busque para sy, e para seus herdeiros qualquer possessão ou renda que mais quizer, a qual se conserve na sua caza a titulo de fideicomisso para perpetuar memoria d'esta compensação, com a qual nos pareceu favorecer o dito Conde pelos serviços que nos fez. Sabereis pois que Nós em consideração do sobredito bom e fiel serviço que o dito Conde nos fez e por outras cauzas e considerações que a isso nos moveu, especialmente de nossa especial graça, certa sciencia e mero moto, e pelas prezentes pelos nossos Executores e Administradores damos e concedemos ao ditto Conde de Castel Melhor hũa certa quantia ou pensão annual de mil

(1) O documento é em latim, escripto em pergaminho, com elegante calligraphia. A letra inicial serve de moldura ao retrato de D. Catharina.

livre para haver, receber, gozar e testar a dita pensão ou quantia annual de mil libras por si e por seus administradores e procuradores legitimos por tempo de dez annos contados da festa de S. Miguel Archanjo immediatamente seguinte á data d'esta completos e acabados etc.

Terceira estipulando a fórma de pagamento e tem a data de 23 de setembro de 1685 (1).

Os amigos que o conde soubera deixar espalhados por toda a Europa apressaram-se em dar-lhe os emboras, quando souberam que finalmente podia realisar a unica ambição que lhe tinham conhecido: o regresso ao seu querido Portugal. Duas d'essas cartas chegaram ás minhas mãos; uma do cardeal de Norfolk, que de Roma lhe escrevia a 2 de agosto de 1685; outra de Lorenzo Magalotti, o illustrado e erudito conselheiro de Cosme III da Toscana. Este, de envolta com as mais exageradas expressões de regosijo, que em seu nome e no do soberano lhe dirige, pede-lhe em suavissimas phrases da mais harmoniosa lingua do mundo que, mal chegue a Lisboa, lhe mande «*un pezzetto di casciu.*»

(1) Não foi esta a unica dadiva que o conde deveu á munificencia de D. Catharina ou do marido. Da escriptura de 2 de outubro de 1726, existente tambem no cartorio da casa, e em que o conde da Calheta fez uma annexação ao morgado de Santa Catharina, se vê que a rainha tinha dado ao conde um annel com brilhantes, e Carlos II uma joia com brilhantes tambem. Ao conde da Calheta, filho do conde de Castel Melhor, dera tambem D. Catharina um habito de Christo com brilhantes. Annexado a este vinculo estava tambem um magnifico fio de perolas, das maiores que a Portugal tem vindo, e que ainda hoje pertence á filha e herdeira do ultimo marquez, que, segundo a tradição conservada na familia, fôra tambem dadiva de D. Catharina; porém, do mesmo documento se vê que fôra o presente de casamento do rei de França á condessa da Calheta, Pelagia Simfronia de Rohan.

XII

Pouco me resta a dizer.

O local designado por D. Pedro para o novo desterro do conde foi a villa de Pombal, pois não se cuide que lhe restituiram a plena liberdade sem longa quarentena. Foi necessario, para que podesse residir em Lisboa, que em 1687 Jayme II, ainda no throno, impetrasse este favor de D. Pedro. Foi-lhe concedida a licença n'este anno, pois tenho o rascunho da carta que endereçou ao senado de Lisboa que deliberára n'essa occasião mandar-lhe os parabens.

O conde continuou a corresponder-se com os personagens que na Europa conhecia. Das cartas que encontrei separei a seguinte por me parecer curiosa. É de Fremont d'Ablancourt, escriptor francez que fôra representante do seu paiz em Lisboa no tempo da prosperidade do conde, e que, na occasião em que escreve, a revogação do edicto de Nantes transformára tambem n'um foragido sem patria. Diz assim:

D'Amsterdam le 22 mais 86.—Si je n'avois point veu Monsieur, une de vos lettres entre les mains du Sg.or Letti, j'aurois de la peine a me persuader, que vous ayez conservé quelque souvenir de ces pais septentrionnaux. Mais puis que vous voulez bien conserver quelque commerce avec le Heraut de vos louanges, pour quoy n'en voulez vous point avoir avec l'admirateur de vos rares qualités? Sur tout dans un temps ou j'ay besoin de toutes sortes de consolations, estant privé de

ma patrie et de tout ce qu'elle renferme de delicieux pour ceux qui y ont pris naissance. Je m'adresse donc a vous Monsieur pour avoir quelque soulagement daux ces cruelles agitations. Commencez par me faire repondre a ce que je vous ay demandé dans mes dernières lettres et faites changer en verité et en certitude le bruit qui court icy, que le Portugal veut ouvrir la porte aux refugiés de France, et leur accorder l'exercice de leur religion, dans la veue qu'ils y feront les Bayetes et autres estofes pour le pays. Il est certain que si vous en pouviez venir la que vous remettriez le Royaume dans sa première splendeur. M. le Mareschal de Schonberg qui va a vostre Cour vous en pourra entretenir et si jamais les choses s'y peuvent establir je vous promets de tout abandonner pour allez jouir du soleil de Portugal.

Il y a icy beaucoup de livres nouveaux mais comme je ne say point vostre goust, je ne me hasarde point de vous en envoyer. Puis je doute que vous ayez le temps de les lire estant aussi occupé que vous l'estes a vos afaires domestiques. Ainsi j'attendray icy vos ordres pour savoir comme vous voulez que j'en use avec vous a l'avenir, mais vous ne sauriez rien prescrire qui puisse m'empecher d'estre toute ma vie — Monsieur — Vostre tres humble et tres obeissant serviteur = Fremont d'Ablancourt.

Bem pouco conhecia este paiz o homem que sobre elle escrevêra (1). Pouco tardou que o governo portuguez respondesse com o tratado de Methuen aos boatos a que elle se referia. Ah! quem tivera dado ao marquez de Pombal uma revogação do edito de Nantes, que então sim teria elle fundado com solida base a industria portugueza! Infelizmente veiu um seculo mais cedo.

Longos annos viveu ainda o conde de Castel Melhor, e durante elles cumpriu á risca o que promettêra e o a que por elle Carlos II se obrigára. Cuidou do augmento da sua casa e de nada mais. Não que se esquecesse do que fôra e do que valia, mas de sobejo conhecêra o premio destinado n'este paiz aos que lealmente o servem para querer renovar a experiencia. Bastava-lhe a fama do que já fizera; com essa contava. Enganava-se tambem.

Em 1703 pensou em cumprir as intenções de D. Catha-

(1) *Mémoires — contenant l'Histoire de Portugal depuis le traité des Pyrenées de 1659 jusqu'à 1668*, La Haye, 1701, in-8.º

rina, e instituiu com o dinheiro que d'ella tinha recebido o morgado de Santa Catharina. Os dizeres da escriptura (1) em que o fez são notaveis, e dei-me ao trabalho de transcrever o que n'elles ha de mais interessante:

... E porque entre as felicidades que nesta vida logramos a de que fazemos mais estimação he a da honra que nos fez a Ser.ma Raynha da Gran Bretanha Dona Catharina nossa Ama e Senhora dando-se por bem servida do cuidado, diligencia, e desprezo dos perigos com que no tempo em que a malicia humana intentou a ruina de sua sagrada pessoa, lhe assistimos, e passamos como o testemunha a Carta Patente, que por sua Real grandeza quiz mandar passar para credito da nossa pessoa, honra e proveito de toda a nossa familia em perpetuo, cuja copia traduzida do latim he a que se segue.

Aqui transcreve integralmente o documento de que atraz dei a melhor parte; e continúa:

E desejando nós corresponder a tanta mercê que recebemos com obsequio e reconhecimento infinito determinamos instituir hum Morgado como de feito o instituimos pela maneira seguinte. D'aquella somma de dinheiro, que importárão as dez mil libras estarlingas mencionadas na Patente de S. M. que cobramos, e importarão quasi oitenta mil cruzados, tomamos setenta e cinco mil cruzados para este Morgado, e tambem tomamos a metade do que importarem as nossas terças e destas duas quantidades instituimos Morgado e tomamos no valor da sua quantidade a Quinta do Campo de Villa Nova com tudo quanto possuimos no termo da Villa de Alemquer. Item mais tomamos para este Morgado a Quinta da Romeira com tudo quanto possuimos na freguezia de Bucellas e de Alverca, e tudo queremos que seja Morgado ...... Fazemos cabeça d'este Morgado a Quinta do Campo de Villa Nova, aonde se fará huma Capella na Hermida que hoje está de S. Francisco de Paula ou seja hum Altar mui bem adornado e de toda a magnificencia no qual se collocará a imagem de Santa Catharina debaixo de cuja protecção esperamos a perpetuidade d'este Morgado na nossa familia, que se ficará chamando o Morgado de Santa Catharina.

N'esta capella se estabelecerá huma Missa quotidiana, a qual dirá

(1) Documento que existe tambem no cartorio da casa.

hum Capellão, que se pagará para isso com quarenta mil réis cada anno e hum moyo de trigo; o qual Capellão dirá todos os dias missa, tendo cada semana huma livre para sy, e das seis que ficão dirá huma no Domingo pela vida temporal e espiritual da Ser.ma Raynha em reconhecimento do que lhe deve a nossa familia.

A segunda missa se ha de dizer pela alma do Senhor Rey D. Affonso 6.º, que santa gloria haja, satisfazendo nós com esta memoria e obsequio huma parte, ainda que muitò pequena, do muito que á grandeza, á confiança e á liberalidade que o ditto Sn.r teve e uzou comnosco, devemos; sendo certo que dependeu da nossa moderação não uzar S. M. comnosco mayores demonstrações da sua liberalidade pois que reconhecendo o dito Senhor o amor, a fidelidade, o disvello e diligencia com que o servimos, e ainda a fortuna, por muitas vezes tudo isto quiz recompensar, o que nós impedimos, pedindo-lhe que guardasse para tempo mais descançado o honrar a nossa pessoa e caza, de maneira que se visse n'este Reyno, e em todo o mundo, que os singulares nossos serviços feitos ao Reyno e a S. M. recebião da grandeza e liberalidade de S. M. singulares effeitos de honras e dignidades.

A terceira missa se ha de dizer pelo aumento da pessoa e descendencia de El Rey D. Pedro 2.º nosso Senhor e aumento estabelecimento deste Reyno na mayor grandeza. Devemos esta demonstração de amor á nossa patria a qual nas trez mayores occasiões de perigo foi sempre servida em cada huma d'ellas por pessoa da nossa familia: tal foi Egas Moniz, de quem descendemos, no tempo de El Rey D. Affonso Henriques: Mem Rodrigues de Vasconcellos no tempo do Senhor Rey D. João 1.º, e Nós no tempo do Senhor D. Affonso 6.º a cujo cargo esteve a direcção da defeza do Reyno em tempo de tamanho aperto, como se achará recitado nas historias verdadeiras deste Reyno e dos estrangeiros em que se fizer menção do tempo da guerra e dos successos que na fortuna da vida do Senhor Rey D. Affonso 6.º deu Deos a esta Coroa. E para que se veja hum testemunho irrefragavel se treslada aqui a carta que M. de Leonne Ministro e Secretario de Estado d'El Rey Christianissimo Luiz 14.º nos escreveu. Dizemos que he testemunho irrefragavel porque foi escrito por hum Ministro da mayor capacidade a hum homem desterrado da sua patria, buscando na alhea a estimação que a seus serviços se devia na propria. E pode-se tambem reparar que sendo os Francezes aquelles a quem podia a gloria de ajudar a defeza deste Reyno pertencer mais que a nenhuma outra nação, este Francez Ministro e Secretario de Estado de hum Monarcha como Luiz 14.º, persuadido do inteiro conhecimento da verdade quiz declarar a quem pertencia a gloria da defensa deste Reyno fundado nos motivos que refere na sua carta, digna de estimação por Nós, e por nossos Successores, aos quaes deve acreditar muito huma tal declaração, que he a que se segue.

E aqui transcreve a traducção da carta cujo original transcrevi na pagina 19 (1).

O conde queria, como se vê, fazer d'este morgado de Santa Catharina a sua columna trajana em que as gerações futuras de filhos e netos podessem ler a historia das suas gloriosas acções, e foi necessario que o desmoronar do Portugal velho levasse tambem o morgado de Santa Catharina para que um obscuro e humilde admirador podesse salvar das ruinas os documentos que os herdeiros do seu sangue por tantos annos deixaram jazer ignorados no pó sedentario das suas livrarias. Escreveu na areia, e o vendaval que lhe apagou as letras foi n'este caso a indifferença dos seus.

Pois não foi porque elle se poupasse em multiplicar as cautelas para que o seu nome não esquecesse.

No anno immediato áquelle em que instituiu o vinculo fez o seu testamento (2) e n'elle diz:

> ... Encommendamos e mandamos a nossos filhos que se não affastem nunca do serviço dos Senhores Reis deste Reyno, sacrificando as suas vidas e os seus bens pelo interesse do Reyno e de seus Principes, lembrando-se para isto do sangue dos seus predecessores cujas acções as historias referem, e mui particularmente o devem fazer de seu Avô o Sn.r João Roiz de Vasconcellos, Conde de Castel Melhor, que aleijado de hum braço pelo serviço d'este Reino veyo muitas vezes a arriscar a vida pelo bem delle e não quero que se esqueção de mim neste caso, cujo serviço lhe póde ser de exemplo, para fazerem muitos a seu Principe. A minha paciencia, em que porão os olhos, lhes ensinará a tolerar a adversidade da fortuna, e a sofrer, sendo tão mal afortunados como eu, o que Deos não permitta, perigos, desterros fora da patria, prohibições de apparecer diante de seu Principe de que se me originárão tantas perdas e damnos.

(1) Quando escrevi as reflexões que seguem a carta a pag. 19 ainda não tinha pensado em procurar no cartorio da casa Castel Melhor com que completasse os documentos em meu poder, por isso não pouco me lisonjeou, quando o fiz, ver que tinha acertado nas minhas conjecturas, e que o conde tal apreço dera á carta de Lyonne que a quiz por assim dizer vincular na familia inserindo-a na escriptura que acabei de extractar.

(2) Existe tambem no cartorio da casa Castel Melhor.

XIII

O conde Luiz de Vasconcellos e Sousa morreu a 15 de agosto de 1720, com oitenta e quatro annos de idade. Houve annos em tão prolongada vida de lucta, de triumpho, de angustia e de adversidade, muitos de paz e descanso em que as suas acções não deixaram vestigio algum na historia. A elle melhor do que a ninguem se póde applicar a imagem que eu tive a fortuna de ouvir á palavra eloquente de Antonio Candido e que nunca mais esqueci:

«Do homem e da mulher póde dizer-se em verdade que são os acontecimentos que lhes determinam a sua estatura moral. A natureza cria as organisações válidas, poderosas; n'ellas recruta depois o acaso, quasi sempre o acaso, as que têem de ser filhas predilectas da gloria.

«O mesmo volume de agua, se lhe variarem o leito, será um lago placidissimo ou uma catarata enorme. Derivam mansamente pelos campos da nossa Coimbra as aguas do Mondego, ladeadas de renques de salgueiros tão silenciosos, tão bem compostos que parece não susurram ao perpassar do vento só para as não perturbarem a ellas. O arfar de uma creança adormecida não é mais calmo do que a onda normal d'essa corrente. Mas estravasem-n'a do seu alveo para a garganta de uma serra, encrespem-lhe de rochas o leito, apertem-n'a, estrangulem-n'a em passagens difficeis e violentas, e verão depois como ella espuma choleras tremendas, como ella açoita, esbravejando, as mar-

gens de granito, como ella entoa no seu percurso o grande cantico das torrentes selvagens e indomitas...

«Este facto da geographia põe em relevo aquella verdade da historia.»

APPENDICE

A pag. 100 lamentei que tivessem desapparecido as cartas que de Londres o conde de Castel Melhor escrevêra ao irmão. Existem comtudo, se não todas, quatro d'ellas, copiadas no manuscripto intitulado *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, attribuido até hoje a Fr. Alexandre da Paixão. Apesar de haver copias d'este codice em varias bibliothecas publicas e particulares nunca tivera ensejo de o examinar, e devi o favor da denuncia ao sr. Graça Barreto, que, não contente de para si proprio accumular riquezas nas suas pacientes e intelligentissimas pesquizas auxiliadas pela sua robustissima critica, ainda lhe sobram mealhas que generosamente franqueia a quem d'ellas precisa. Apesar de se achar quasi concluida a impressão da edição das *Monstruosidades*, que o mesmo senhor vae publicar, não quero deixar de completar com tão preciosos documentos as informações que pude obter ácerca do desterro do conde. Julgo que estes novos subsidios em nada contradizem a apreciação que fiz do seu proceder, e que, pelo contrario, augmentam, se é possivel, a importancia do grande papel que lhe coube representar na côrte ingleza. Alguem quererá talvez ver nos elogios por elle tecidos a Carlos II que não só á sua iniciativa se deveram os esforços do rei em defeza de D. Catharina. Notem esses criticos que o conde affirma que n'um só dia fallou tres vezes a Carlos II sobre o assumpto; se de principio lhe conhe-

panhia, e dous Abbades Franceses, e que havia huma grande consulta, e que o tal Colman *(sic)* viera abaixo, e lhe dissera: *Graças a Deos, que temos rendido a Rainha a faser o que queremos, e não foi isto sem muito trabalho, porque com muitas lagrimas tomou o juramento.*

Este he o estado do negocio. Bem creio que havemos de vencer, e que esta verdade, que é patente, se ha de verificar com o castigo de quem levanta testemunhos, porem aqui não ha quem possa falar com auctoridade. O Rei está muito com a Rainha, de outra parte os seus ministros temem o Parlamento, e el Rei está em tanta necessidade de dinheiro, que cuida esta gente lhe não pode faltar no que pede. No Parlamento está mal recebida a deposição destes homens, porem ha alli hum partido muito opposto ao Rei, e com a capa de Religião, para ella tudo interprende. Este mesmo he contra a Rainha, e o foi no negocio passado, que deo tanto cuidado; não sabemos donde a força desta gente chegará. Aqui não se falta com a diligencia; bem creio que ainda que tivesse o caracter de Ministro, não aproveitaria mais; porem isto toca outro ponto, porque sempre era aqui necessaria pessoa da parte de S. A. para assistir a Rainha. O cargo não he para apetecer, e se eu vira já por estas bandas quem o podesse faser, não ha duvida que fisera toda a diligencia para que se lhe encarregasse; porem eu não vejo por cá ninguem, nem quem possa vir de Portugal, que neste estado possa diser huma palavra. Eu vejo-me em talas; de huma parte considero a difficuldade de poder hoje faser cousa alguma que convença, da outra que devo á Senhora Rainha tudo, e assim não sei o que diga. Esses senhores podérão ter provido: o que vos digo he, que se resolverem e mandarem ordem para aqui faser figura alguma, que só o ver o estado em que está a Rainha me obrigara a tudo. Vós deixae-vos ir com as agoas. Os Catholicos naturaes são todos lançados fóra do Reino; os criados inglezes da Rainha obrigados a se irem, e assim ninguem sabe como está, e menos em que isto ha de vir a parar. A fortuna de vir aqui em tal tempo não he a maior. D. Francisco de Mello até a isto escapou por fortuna. Deos vos guarde. — Londres, 28 de Novembro de 1678.

Meu irmão e Senhor. — Othos *(sic)* tem accusado os Milordes e mais gente da conspiração, se o fisessem accusar agora pelo que fes contra a Rainha, cahiria o seu testemunho, e como elle accusava por respeito da religião, e de mudar o governo n'este Reino, e isto são materias mui delicadas n'este tempo, pelo fogo com que o Parlamento está, não póde el Rei separar o negocio da Rainha dos outros, e assim he necessario deixal-o passar. A Rainha disse que el Rei estava bem com ella. *(Não continha no treslado mais.)*

Meu irmão e Senhor.—Das antecedentes vereis o que temos passado aqui, de novo graças a Deos, tereis mais razão de vos contentares. Já vos disse que a Camara baixa sobre o testemunho de Othos e Betelo, que falárão contra a Rainha, o primeiro disendo o que vereis na carta antecedente fiserão huma aderessa *(sic)* á Camara alta, pedindo-lhe por ella se quisessem juntar ambas, para pedirem a el Rei que afastasse a Rainha de si e todo o seu sequito, e sahisse do palacio todo o catholico e toda aquella pessoa, que fosse sospeita de catholica. Fui á Camara alta, falei a el Rei, mostrando-lhe a importancia de que era que S. M. mostrasse nesta occasião o seu affecto e justiça no que tocava a Rainha, e immediatamente a de S. M.; que os mal intencionados nenhuma outra cousa procuravão por este caminho, mais que dividir a Suas Magestades arruinando inteiramente ambos; que já havia dias que andavão por aqui practicas que cheiravão a republicas, e que a facção presbyteriana, da qual boa parte era hoje contra a corte, esse governo estima mais. Estas razões lhe forão ditas tres veses em hum dia, e outras muitas. Respondeo-me sempre que estivesse descançado, que esta era a maior sem razão que se fisera nunca, a maior maldade, que elle havia de faser o que podesse, e finalmente concluio sempre disendo: *O negocio não he da Rainha, he meu.* Falei ao Duque, irmão del Rei mostrando-lhe o interesse que S. A. tinha na conservação da Rainha, e a honra que grangearia em procurar os seus interesses, e por aqui aquellas razões que então me occorrêrão, e que fazião a proveito do negocio. Respondeo-me sempre bem, e que não havia de faltar em servir a S. M.; falei a dous Ministros, que são o Secretario de Estado Coventry e o Thesoureiro, e finalmente falei a Milord Arlinton, com quem tenho muita amisade, e tem grande affecto para as cousas da Rainha, perennemente, digo assim, porque muitas horas do dia, e da noute estamos juntos; ajustei-me com Milord Clarendon, filho do Chanceler que casou a Rainha, cujo zelo para o serviço de S. M. se houvesse de trocar o meu, o não trocaria se não por elle, e com Milord Osserei *(sic)* (1) que he o Camareiro mor de S. M. dos maiores Senhores destes Reinos, e que a serve com affecto particular. Isto feito chegou o dia em que a Camara alta havia de considerar o que lhe disia a baixa. Começou ella por mandar chamar as duas testemunhas, deposerão estas o mesmo que já tinhão dito, com a mesma franquesa e segurança com que o tinhão feito. Entrou-se no debate da causa; era questão saber se se havia de ajustar com a Camara baixa: disia a nossa parte que não, porque as deposições daquelles dous homens não erão de maneira que podessem dar motivo a se imaginar a menor culpa da Rainha; e que o apartala era pena; falárão por esta parte alguns Milords. Disia a

(1) Ossory?

parte contraria, que havendo estes homens deposto contra a Rainha, e sendo descobridores de huma conjuração neste Reino contra a vida del Rei, contra o Governo e contra a Religião, não era razão em nenhuma maneira enfraquecer o seu testemunho, se se não acordassem com a Camara baixa, falárão por esta parte alguns tambem, houve razões de parte a parte, foi el Rei sollicitando os seus votos, e disse aos Bispos, que são muitos e tem voto no Parlamento, que se querião perder os seus lugares, que votassem contra a Rainha, que era certo que os não terião oito dias depois, como tambem elle o perderia quatro dias depois, sendo certo que este era o fim com que isto se intentava; fiserão as pessoas acima, criados e affeiçoados da Rainha, o que devião, e o fes tambem Milord Arlington; falou-se varias vezes com praticas mui eloquentes; finalmente forão cinco os que votarão contra a Rainha; falárão não directamente contra a sua pessoa, se não contra debilitar o testemunho daquelles dous homens; dous ou tres não quiseram votar, e oitenta mais hum menos hum votárão pela Rainha, com os maiores elogios que até agora se virão de Princesa alguma, numerando-se muitas de suas virtudes, pois que todas era impossivel fazel-o. Disse-me Milord ... que a Rainha se devia contentar de haver passado estes trabalhos só por ter a gloria de se diser na camara alta o que de S. M. se referio.

Considerei que no numero desta gente ha muitos que são contra a Corte e que forão pela Rainha, e forão os que maiores elogios fiserão della. Durou esta contenda desde as dez horas da manhã até as seis da tarde. Ás oito estava eu no Paço e tinha falado a el Rei como vos digo; ás dez vi a Ser. Rainha, que com o seu grande juiso penetrava muito bem o fim que isto levava, que era separála de seu marido, acusála, e chegar-se ao ultimo. As historias assás de exemplos mostram em Inglaterra infaustos ás Rainhas ainda que alguma innocente. Falavão-nos em prisão, em cutelo, na brevidade do tempo, e ainda que eu entendesse o mesmo, era necessario não o diser, e por isso não ser crido.

Chegou a hora do jantar, jantou a Rainha privadamente, assistiãolhe os seus dous Sumilheres, e tres Damas da primeira qualidade; a poucos bocados, os rostos tristes, que S. M. via, a enternecêrão de maneira que parando e começando a chorar, acabou a mesa; entrou para dentro para a sua casa, e acompanhando-a eu, em quasi meia hora não fes a Rainha outra cousa que desculpar-se de sua ternura, e diser que lhe viera ao pensamento a sua criação, e que se via ainda entre gente de sua nação, e que isso a fisera chorar. Disse-lhe o que me parecia conveniente porque nos désse animo, e não perdessemos o que até aquella hora se tinha feito. Antes de outra cousa he necessario saber que a Rainha tem mostrado a maior prudencia e maior valor nesta occasião, que até agora mostrou pessoa alguma: está vendo to-

das as horas quem lhe he contrario, e fas-lhe a mesma cara e o mesmo riso que dantes; ouve que a accusão, põe os pés sobre tudo, e assim esta gente e os Ministros extrangeiros que aqui estão, que são muitos, estão admirados.

Passamos assim nesta afflição todo o dia, alguma hora estive com S. M. e sempre no Paço. A Rainha fes os mesmos exercicios que fasia do terço com seus capellães; não ha duvida alguma, que nelles acha allivio. O Padre confessor, e os Padres da Companhia que aqui estão o são tambem, Bento de Lemos o he de grande importancia. Neste estado se estava, tendo-se já retirado os Padres, e a Rainha entretendo-se com Madama de Arlington, e Osseri, quando veio o marido desta, e nos trouxe a nova do que havia passado, que he o referido.

Em meus dias não tive gosto egual a este. Beijámos a mão á Rainha, fui dar conta aos Portuguezes; a Rainha o agradeceo a todos; quando veio el Rei, a quem a Rainha deo as graças do que tinha obrado por ella, S. M. com a boca cheia de riso lhe respondeo, que não queria cumprimentos, e lhe disse muitas cousas do seu affecto. Antecipadamente a isto, vendo a Rainha o que el Rei obrava por ella, lhe disse a tinha tão obrigada, que podia dispôr de maneira que quisesse, porque ella só queria obedecêl-o. Disse-lhe el Rei que a havia de defender, e que estivesse descançada, que tudo o que podesse havia de faser por amor de S. M. Eu não tenho faltado em mostrar á Rainha o que deve a el Rei, e quanta graça nos fes Deos, em que ella nesta occasião faça o que fas, e a Senhora Rainha he tão advertida em tudo que sem nenhuma diligencia fas tudo o que he necessario.

Este negocio vencido na Camara alta, o caminho que ha de seguir agora he responderem os Senhores á Camara baixa que elles não podem concordar com ella, e dar as razões porque o não podem faser. Procurámos que na Camara baixa se contentem das razões que dão os Senhores, e que digão que elles fiserão o que entendião, não porque vissem que contra a Rainha havia nada, se não porque assim o julgavão conveniente á segurança de el Rei. Sahiremos com grande gloria se isto succeder, porem havendo na Camara Baixa mais de 400 pessoas, não nos prometemos sahir com o intento. O caminho natural da Camara Baixa he diser, que pois os Senhores se não querem juntar com elles, elles hirão pedir a el Rei o referido. Neste caso tendo el Rei o conselho da Camara Alta encontrado ao da Camara Baixa, he certo que refutará o da Camara Baixa. Porem eu tomara para maior gloria da Rainha e de todos nós, que alcançassemos o primeiro partido. Bem podeis crer, que se não falta com diligencia. A el Rei se dis a gloria que tem de acabar este negocio. Ao Duque o que he necessario para que o faça, e eu não tenho divertimento nem cousa que me impida faser quantas diligencias cabem em mim, e muitas mais. Graças a Deos todos me ouvem. Este he o estado em que estamos,

Para saberes o que podiamos temer sabei que ha aqui hum partido que huma das duas cousas quer, ou descasar el Rei e casal-o para que tenha filhos, ficando a Rainha separada; ou com aleive, porem ainda que iniquo, mais seguro para elles; porque o primeiro sempre deixa pretexto ao Duque de York e ao Principe de Orange; o segundo não menos. Se el Rei se mostrasse frio no que tocava á Rainha, isto podia hir muito adiante. O fermento está aqui, o successo não chegou, porem segurae-vos que Boquinham *(sic)*, que he alto velhaco, não desistirá de seu intento emquanto viver, e isto he verdade. Considerae se tinha eu razão de temer; qualquer pessoa que aqui estivesse teria os mesmos temores; não sei se todos terião occasião de faserem as diligencias, que aqui fasemos. El Rei disse hoje á Rainha, que elle tãobem era accusado, porque disião que elle queria se fisesse a ella accusação, porem que elle estava tão innocente como ella mesmo. Está hoje com ella da mesma maneira que no principio do seu matrimonio. Não he crivel o que se lhe deve nesta occasião, o bom coração que tem mostrado para as cousas da Rainha; eternamente lhe deve a nossa Nação ser obrigada; elle se tem grangeado muita gloria nesta occasião. Nós não contamos aqui o que ganhamos, contamos só o que perderamos se fora o contrario. Se a Rainha fora apartada del Rei, sendo os intentos referidos, era certo que carregariam testemunhas falsas, e em hum negocio destes duas bastavão em Inglaterra para se chegar á ultima miseria. Hoje se despedirão os criados da Rainha de S. M. não lhe ficando mais que os Portuguezes e nove mulheres Inglezas, e Protestantes. Este golpe he duro, mas havendo el Rei passado o bill de expulsão dos Catholicos, não podia ser de outra sorte. A Rainha leva isto com paciencia. El Rei dis que passado este fogo em que está o Parlamento, haverá caminho para que elles tornem. He certo que se o Parlamento se ajustar com el Rei, e façam boa intelligencia, tudo isto se pode esperar, se não he necessario ter paciencia. Este he o estado em que ficamos, de que vos dou conta por miudo. Espero em Deos de que sahirá a Rainha bem deste embaraço, e que haja tempo para a ver com seus criados. Com isto me contentarei. Do que escrevo ao Secretario de Estado, vereis o que lhe digo. Se vos quiser ouvir podeis lhe relatar tudo, e se não aquietai-vos, e tende muita saude. Deos vos guarde. — Londres 10 de Dezembro de 1678.

Meu irmão e senhor. — Esta he a ultima que faço por este homem, elle vae despachado ao P. Manuel Dias, assim o ordenou S. M. O que importa he que dessa banda não cuidem que os negocios estão aqui acabados, pode cada dia renovar-se o mesmo, acuda-se a isto como he razão. El Rei tem feito nesta occasião tudo quanto se podia desejar no affecto que mostrou á Rainha. Hoje me disse S. M. que havia

dito á Rainha, que de tudo o podião acusar, mas que nunca de ser traidor. Disse-me algumas cousas tocantes á minha pessoa de muita honra, e elle conhece como todo o mundo que o meu zelo he bom para o serviço de S. M. Ponha-vos Deos em paz. Vós declarae que convem acodir-se a isto e faça-se o que quiserem. Segundo as noticias que me dão póde ser que a Camara Alta não responda á Baixa sobre o negocio da Rainha, e não será pequena a victoria que temos alcançado. Esquecia-me contar-vos huma galante historia da Rainha e de el Rei. Quando Othos quis acusar a Rainha, el Rei o disse a S. M., disendo-lhe que havia de ouvir huma cousa que lhe tocava; inquietou-se muito a Rainha, e perguntou varias vezes a el Rei o que era, persuadindo-se que era algum testemunho ou aleive, que tocasse a sua pessoa; disse a el Rei se tinha disso alguma suspeita, mui inquieta. Disse el Rei que era cousa mais trabalhosa; apertou, e lhe disse el Rei que a havião de accusar de querer dar pessonha a S. M. Serenou-se a Rainha e disse, como não fale mais que nessa materia, deixai-lhe diser o que quiser. Respondeo-lhe el Rei com muita galanteria, que lhe dava as graças do favor que lhe fazia, que mais facilmente sofreria toda a outra cousa que ser avenenado huma vez. Eu espero ver estes maganos castigados, e estes criados da Rainha que hoje se vão restituidos. Deos o faça. Elle vos guarde como desejo. — Londres 11 de Dezembro de 1678.